

“Um romance que ressoa no coração das mães.”

*Debbie Macomber*

SUSAN WIGGS

*A colcha  
de Despedida*

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

A loja de tecidos preferida de Linda Davis é o lugar em que as mulheres se encontram para compartilhar suas criações: colchas de casamento, colchas para bebês, colchas de comemoração. Cada qual costurada com muitos sonhos, esperanças e suspiros. Agora, a única filha de Linda se prepara para entrar na faculdade, deixando-a confusa com tantas emoções. De um lado, a felicidade por Molly ter crescido. De outro, uma pontada de angústia por vê-la partir. Qual será o papel de Linda quando ela não for mais necessária como mãe? Ao viajarem juntas para fazer a mudança de Molly, Linda prepara uma colcha com os retalhos de roupas que ela guardou de sua menina. A barra do vestido de batizado, um enfeite de fantasia. Ao unir cada pedacinho, ela descobre que lembranças podem ser costuradas de modo a manter ambas, mãe e filha, com o coração aquecido por muito tempo...

Afetuosos, sensíveis e sábios, *A colcha de despedida* é a leitura perfeita para mulheres que encontram no artesanato a inspiração para a vida.



*Autora best seller do The New York Times, Susan Wiggs já foi laureada por três vezes com a estatueta do prêmio Rita©. Ex-professora e diplomada por Harvard, Susan adora fazer trilhas, fotografar, esquiar e jogar golfe. Porém, seu hobby favorito é ler um bom livro.*

---

---

SUSAN  
WIGGS

---

---

A COLCHA DE DESPEDIDA

**Tradução de**  
*Ana Rodrigues*

**Revisão Técnica de**  
*Maria Fernanda Camardelli*



2013

## **PRIMEIRO DIA**

*Leitura do hodômetro: 194.806km*

“Procura-se: uma agulha rápida o bastante para costurar esse poema em uma manta.”

CHARLES SIMIC, poeta sérvio-americano (1938)

# ***Capítulo Um***

---

COMO SE diz adeus a um pedaço de seu coração? Se você for uma artesã, já terá um modo consagrado de se expressar.

Um quilt é um objeto de intimidade peculiar. Por causa do modo como é criado, cada centímetro do tecido é tocado. Cada pequena parte absorve o perfume da artesã, as essências invisíveis de sua pele, o cheiro de seu lar e, graças às constantes alfinetadas, até seu sangue, em quantidades mínimas. E lágrimas, embora ela talvez não queira admitir isso.

Minha vida adulta tem sido uma colcha de retalhos de projetos, a maior parte deles ilusões passageiras que ultrapassavam os limites de minhas possibilidades. Tenho tendência a me aferrar aos projetos só para acabar abandonando-os logo depois por falta de tempo, talento ou vontade. Há apenas algumas coisas em que sou realmente boa, tais como: responder às perguntas de programas de TV, andar de bicicleta, organizar meu talão de cheques, me orientar no trânsito, fazer animais com balões de gás e... fazer quilts.

Sou boa em juntar pequenos pedaços e peças de objetos diferentes. O processo combina comigo. Cada bloco prende minha

atenção como um território inexplorado. Gosto de tudo o que se refere ao quilting, uma ocupação para as mãos, para o coração e para a imaginação.

Outras coisas, por outro lado, não funcionam tão bem: tentar fazer pratos da culinária de Sichuan (uma província chinesa), topiaria, videogames e filatelia são algumas das que me ocorrem.

Meu principal projeto, meu principal trabalho em andamento, é Molly, claro. E hoje ela está partindo para a universidade, do outro lado do país. Corrigindo: eu a estou levando, entregando-a a sua nova vida como uma encomenda preciosa.

Por isso o quilt. Que melhor recordação para dar de presente a minha filha do que um quilt feito por mim para que ela deixe em seu quarto no dormitório dos estudantes uma colcha em que estarão costuradas todas as lembranças de sua infância? Será uma recordação palpável de quem ela é, de onde vem... e talvez, se eu tiver sorte, também lhe mostre um relance de seus próprios sonhos.

Todo o meu material de quilting é comprado em uma loja da cidade chamada Pins & Needles. O lugar ocupa um prédio antigo na rua principal e vem funcionando ali há mais de cinco décadas. Quando eu era criança, costumava passar todos os dias pela fachada de tijolos vermelhos e concreto, em meu caminho para a escola. Ainda consigo me lembrar do caleidoscópio de tecidos na vitrine, dos folhetos anunciando aulas e sorteios, do arco-íris de linhas nas cores mais lindas, da coleção de tesouros que eram os aviamentos brilhantes. Meu primeiro emprego, quando adolescente, foi na loja, cortando tecidos e anotando compras.

Quando Molly entrou para a escola, voltei a trabalhar lá em meio período, tanto pelo dinheiro extra quanto pela companhia das mulheres que frequentavam a Pins & Needles. O outono é uma época maravilhosa na loja de tecidos, um tempo de aconchego, de confeccionar fantasias de Halloween, centros de mesa para o Dia de Ação de Graças e peças de decoração para o Natal. As pessoas nunca estão com pressa em uma loja de tecidos. Elas se demoram,



conversam sobre seus projetos e compartilham relances de suas vidas.

A loja é um ponto de encontro natural para as mulheres. Aquelas que conheci lá, ao longo dos anos, se tornaram minhas amigas. Clientes e funcionários ficavam de pé ao redor das mesas de corte, discutindo projetos, fazendo demonstrações, ministrando cursos e dando conselhos sobre tudo, desde técnicas de quilting até como criar filhos, ou a melhor maneira de manter um casamento. Todas as senhoras da loja sabem de minha ideia de fazer um quilt como presente de despedida para Molly. Algumas delas até chegaram a criar peças para que eu acrescentasse a ele, bordadas com mensagens de *Boa Sorte* e *Parabéns*.

Sempre se pode dizer o que está acontecendo na vida de uma mulher com base no quilt em que ela está trabalhando. Os quilts para recém-nascidos são sempre leves e macios, os de casamento são de linhas puras e discretas, cheios de tradição, como se um belo desenho pudesse servir como uma vacina para conflitos futuros. Quilts para celebrar um novo lar tendem a ser artísticos, próprios para serem pendurados em uma parede vazia. Mas os quilts mais adoráveis já criados são sempre os de lembranças, muitas vezes fruto de um projeto de grupo para comemorar um acontecimento importante, para ajudar em uma cura ou para celebrar uma vida.

Sempre achei que um quilt costurado com as lágrimas de uma mulher é o mais forte de todos os projetos.

Pessoas que não fazem quilts têm dificuldade em compreender o tempo e o esforço que um projeto como esse demanda. Minha amiga Cherisse, que tem três filhos, disse:

– Linda, querida, já fico feliz por tê-los longe de casa, bem instalados e sem ficha na polícia.

Outra amiga confessou:

– Minha filha arruinaria um desses. Ela é tão descuidada com as próprias coisas...

Minha vizinha Erin, que começou a faculdade de Direito quando seu filho entrou no Ensino Fundamental, agora trabalha longas horas e faz muito dinheiro.

– Gostaria de ter tempo – afirmou ela, com inveja, quando lhe mostrei meu projeto.

O que descobri é que sempre encontramos tempo para o que é importante para nós. Todo mundo *tem* tempo. É só uma questão de decidir o que fazer com esse tempo. Algumas pessoas o dedicam a suas famílias. Outras encontram o equilíbrio precário entre tomar conta de um negócio e ainda se dedicar ao marido, aos filhos, amigos e vizinhos.

Eu deveria estar fazendo os últimos preparativos antes de nossa partida para essa viagem épica, mas em vez disso me pego avaliando o quilt, analisando tiras e barras, checando se minha paleta de cores está forte e equilibrada. Embora o tampo já esteja costurado, e o forro e a manta estejam no lugar, ainda há muito trabalho a ser feito, muitos enfeites a serem acrescentados. Pode não ser exatamente uma técnica adequada de quilting, mas quilting é uma arte, não uma ciência. Minha bolsa de costura está cheia de retalhos de tecidos, cortados de roupas antigas e muito conhecidas, de brinquedos de tecido já abandonados, mas que eram queridos demais para irem para a caixa de doação. Sou uma defensora das caixas de doação. Só porque uma roupa não lhe agrada mais, isso não significa que ela não pode servir para outra pessoa. Por outro lado, algumas coisas não devem ser doadas.

Separei uma miríade de momentos da infância de Molly que guardo em meu coração como se fossem flores de um buquê muito estimado que eu houvesse cuidadosamente deixado secar entre folhas de papel-manteiga. Eu dobro o quilt e o coloco na bolsa, com os retalhos brilhantes e as lembranças: um pedacinho de uma camisola de boneca, um distintivo das bandeirantes, um botão precioso que é o único sobrevivente do primeiro vestido de Natal dela... Tantas recordações estão guardadas, mudas, nessa bolsa

antiga, esperando que eu as use como a decoração final dessa obra de arte...

Jamais conseguirei terminar a tempo.

“Você consegue, sim”, tento convencer a mim mesma, mas as palavras caem no vazio. Aquela incapacidade de me concentrar era absolutamente inesperada. Um pânico com o qual eu não contava começa a me dominar, apertando meu peito com mãos invisíveis. “Respire”, digo a mim mesma. “Respire.”

A casa já parece diferente, como se houvesse um peso novo nas cortinas e sobre o antigo sofá de algodão. Os sons ecoam sobre o piso de madeira: uma mala sendo rolada até a varanda da frente, um conjunto de chaves sendo colocado sobre a mesa do hall. Um ar de mudança parece pairar sobre tudo.

Dan saiu com a caminhonete para encher o tanque no posto de gasolina. Meu marido não irá conosco, e essa será a primeira viagem longa que faremos sem ele. Até agora, cada viagem fora um projeto envolvendo os três – Yellowstone, Bryce Canyon, Big Sur... O carro disparando por rodovias que pareciam intermináveis, com a música tocando no volume mais alto. Sempre fizemos tudo em família. Não consigo sequer me lembrar do que Dan e eu costumávamos fazer antes de Molly. Aquela é uma época que parece pertencer à vida de outra pessoa. Éramos um casal, mas Molly fez de nós uma família.

Dessa vez, Dan ficará em casa com Hoover, que já está velho e não fica mais tão bem no canil.

É melhor assim. Dan nunca foi fã de despedidas. Não que alguém goste delas, mas em nossa família sou sempre a mais controlada, a que faz com que todas as questões mais emocionais pareçam fáceis... ao menos por fora. A viagem de volta para casa, sozinha, depois de deixar Molly será outra experiência inédita em minha vida. Espero poder usar bem esse tempo para, quem sabe, voltar a me conhecer. Que pensamento assustador... E se, quando eu me conhecer, acabar descobrindo que sou alguém que não queria ser?

Agora, quando já começo a sentir o peso da partida iminente, me pergunto se deveríamos ter planejado as coisas de maneira diferente. Talvez nós três devêssemos fazer essa viagem juntos, encarando-a como férias de família, como uma viagem ao Disney World ou ao Grand Canyon.

Por outro lado, essa não é uma boa ideia. Não podemos nos enganar quanto ao que realmente significa esse momento: a partida deliberada de Molly de nosso ninho. De qualquer modo, agora já é tarde para mudarmos alguma coisa. Molly precisa estar instalada em seu quarto no dormitório da universidade a tempo de receber suas orientações como caloura. Essa data está marcada no calendário da cozinha há semanas. O dia em que terminará a infância de minha filha.

Do outro lado da escada, soa um acorde de piano. Molly costuma sentar e tocar quando está com muita coisa na cabeça. Talvez seja sua maneira de organizar os pensamentos.

Fico grata pelos anos de aulas de piano que fez, mesmo quando mal conseguíamos pagá-las. Sempre quis que minha filha tivesse coisas que eu nunca tive, e aulas de música foram uma delas. Molly acabou se transformando em uma musicista de talento, transformando peças musicais simples em algo comovente e místico. Lindas modulações e glissandos fluíam pelo ar, enchendo cada canto vazio da casa. O piano ficará vazio e silencioso depois que Molly partir, já que nem eu nem Dan tocamos. Ele nunca teve tempo de aprender, e eu nunca tive o dinheiro ou, devo admitir, a paciência necessária. Ah, mas Molly... Ela ficou fascinada pelo instrumento desde a primeira vez em que se colocou na ponta dos pés, ainda bem pequena, para conseguir alcançar as teclas do piano de segunda mão que compramos em um leilão. Molly começou a ter aulas com apenas 6 anos.

Todas as horas que passou praticando formam a trilha sonora da vida dela através dos anos. "Bill Grogan's Goat" foi a primeira favorita, seguida por peças mais desafiadoras, desde "The Rainbow

Connection” até “Für Elise”, Bartók, e tantas outras. Quase todas as noites durante os últimos 12 anos, Molly praticava, enquanto Dan e eu tirávamos a mesa do jantar. Esse era seu modo de evitar a lavagem dos pratos, e nós considerávamos uma divisão de trabalho justa. Eu limpava os pratos, Dan os colocava na lavadora, e Molly tocava para nós. Ela conseguiu chegar aos 18 anos sem aprender como colocar a louça suja da forma correta na lavadora de pratos, no entanto sabe tocar Rachmaninoff.

No meio de uma pausa dramática entre dois acordes, ouvimos a buzina de um carro.

A bolsa com o quilt é momentaneamente esquecida e cai no chão. O toque inocente da buzina anuncia o fim do verão.

Molly para de tocar, e um profundo silêncio parece ecoar pelos quatro cantos. Alguns segundos depois, ainda consigo sentir o soluço das notas na quietude que se instalou. Chego à base da escada a tempo de vê-la se levantar apressada, deixando o banco do piano virado de lado.

Ela corre para fora de casa, e a porta de tela bate com força depois que ela passa, como se fosse uma ratoeira se fechando. Observo por uma janela e me preparo para outra tempestade de emoções. Molly vem se despedindo de Travis durante todo o verão. Hoje será o último adeus.

Um retrato de Molly: cabelos encaracolados presos em um rabo de cavalo descuidado, short de ginástica balançando ao redor de seus quadris e uma camiseta com a estampa de alguma estrela do rock já falecida. O corpo torneado pela juventude, pelo vôlei e pelos fins de semana nadando no lago. Um rosto que deixa transparecer cada emoção, mesmo quando ela não deseja que isso aconteça.

Molly se joga nos braços do namorado, seus soluços se misturando ao canto dos pássaros da manhã. Oh, essa saudade aguda que apenas adolescentes tontos de amor conseguem sentir... As mãos se tocando pela última vez. O sofrimento tão claro na postura de seus corpos abraçados. Os braços de Travis a envolvem

com força, e seu corpo grande se dobra protetoramente sobre o dela, impedindo que eu a veja.

O garoto é, ao mesmo tempo, o melhor e o pior tipo de namorado que uma mãe pode querer para a filha. O melhor porque é um motorista cuidadoso e a respeita. O pior porque incita nela uma paixão e uma lealdade que prejudicam a visão de futuro de Molly.

Na última primavera, Travis conquistou o coração dela como se fosse um prêmio, e desde então os dois são inseparáveis. Ele é um rapaz lindo, irresistível, e não há dúvidas de que é bom para ela. Travis não esconde de ninguém que não quer que Molly vá embora. Ele preferia que ela pensasse *nele* como seu próximo passo, não na faculdade.

Durante todo o verão venho tentando dizer a Molly que o rapaz certo não se colocaria no caminho de seus sonhos, ele olharia para ela do modo como Dan costumava olhar para mim, como se pudesse ver o mundo todo em meu rosto. Quando Travis olha para Molly, ele não está vendo o mundo todo... talvez apenas o próximo fim de semana.

Hoover acaba de levantar a perna e fazer xixi no pneu do Camaro de Travis. O carro é o grande orgulho e a maior alegria do rapaz. Travis e Molly não percebem o que aconteceu.

Não consigo ouvir a conversa deles, mas posso ver a boca de Travis formando as palavras: "Não vá."

Meu coração ecoa o mesmo sentimento. Também quero que Molly fique aqui. A diferença é que sei que ela precisa partir.

Molly então fala alguma coisa, espero que esteja dizendo a ele que precisa ir, que é uma oportunidade importante demais para ser desperdiçada. Ela conseguiu uma bolsa de estudos para uma universidade particular de renome mundial. Está tendo uma oportunidade que a maioria das pessoas em nossa pequena cidade no oeste do Wyoming nunca sonharia ter. Nessa parte do estado que parece mínima e inacessível nos mapas de viagem a vida caminha lentamente. Nossa cidade tem pessoas ótimas, mas o clima é

inóspito, e ela passa a sensação de que os grandes sonhos parecem só se realizar quando saímos daqui. A principal indústria local é uma fábrica de casas pré-fabricadas, feitas de troncos.

Eu me afasto da janela, para que Molly tenha privacidade em sua despedida. Ela está mais triste por deixar Travis do que por deixar os pais, e isso é difícil de engolir.

Dan acaba de chegar do posto de gasolina e está cumprimentando Travis. Aproveito para comparar os dois enquanto estão parados juntos, conversando. Dan tem uma constituição sólida, os músculos dos ombros e braços esculpido pelos anos em que trabalhou na fábrica, antes de ser promovido a supervisor. Ele parece tão forte e confiável quanto a caminhonete que dirige. Em contraste com Dan, Travis é alto e tem a agilidade típica da juventude, seu corpo esguio parece um ponto de interrogação enquanto ele gesticula com orgulho na direção do carro vermelho-cereja.

Os dois homens trocam um aperto de mão, e então Dan entra em casa. Nossos olhares se encontram brevemente, mas logo se desviam. Ainda não estamos prontos para conversar. Juntos, na cozinha, fazemos os preparativos finais: reunir os mapas das estradas, acrescentar mais gelo ao cooler de bebidas.

O sol de verão brilha contra a porta de tela, e sua fragrância quente é um lembrete de que a manhã já se adianta. Penso em centenas de outros dias de verão que passamos despreocupados, seguindo o ritmo preguiçoso do tempo. Construimos uma casa na árvore, fizemos passeios de bicicleta, pulamos de uma corda dentro de uma lagoa, fizemos raspadinhas, observamos as formigas marchando. Deitamos de barriga para cima na grama, olhando para as nuvens, até que nossos olhos começassem a lacrimejar. Brigamos por causa da hora de ir para a cama, compramos material para a volta às aulas, cantamos junto com o rádio. Ríamos à toa até nossas barrigas começarem a doer e chorávamos ao ver filmes com finais tristes.

Relanceio um olhar na direção de Dan. Não consigo imaginá-lo chorando junto comigo por causa de um filme triste. Esse sempre foi o papel de Molly, um domínio exclusivo das mulheres da casa. Sem planejarmos, eu e ela criamos rituais e tradições, e essas coisas acabam formando um vínculo poderoso.

Subitamente meus pensamentos se tornam muito veementes, como se estivessem se rebelando. Como posso simplesmente deixá-la partir? Não concordo com isso, não criei a minha melhor obra para simplesmente mandá-la para longe de mim.

Quando dei à luz Molly, ela foi colocada em meus braços no mesmo instante. Nunca pensei na hipótese de vê-la partir, sempre quis apenas abraçá-la junto a meu coração, e ali ela cresceria, já adorada desde o momento em que nasceu. A ideia de Molly partindo era uma abstração, um dia qualquer, muito vago. Agora tudo isso está acontecendo, exatamente como planejamos. A não ser pelo fato de que jamais imaginei que isso me daria a sensação de não ter mais o ar que respiro.

Dan parece estar encarando todo o processo com tranquilidade. Ele sempre aceita, até mesmo de bom grado, as mudanças da vida de uma fase para a seguinte, como aniversários ou promoções no trabalho. Dan é o tipo de pessoa que faz a vida parecer fácil, e esse é um traço que admiro e às vezes até invejo nele.

Já eu me sinto incapaz de me mover. Não estou pronta. Essa dor aguda que sinto me pegou de surpresa, não esperava que fosse ser tão intensa. Todos os filhos vão embora de casa. É assim que funciona. Se você faz seu trabalho de pai ou mãe corretamente, esse é o resultado final. Eles partem. Quando as coisas não acontecem dessa maneira é que uma mãe deve se preocupar. Se o filho não sai de casa, e monta residência permanente em seu quarto de infância, a mãe é considerada um fracasso.

Ah, mas o preço do sucesso é um pedaço de sua alma. Mordo meu lábio para controlar a vontade de tentar explicar tudo isso a Dan. Ele me diria que estou sendo dramática demais. Talvez seja



verdade, mas todo esse processo *parece* dramático. Molly tem sido o foco principal de cada dia de minha vida durante os últimos 18 anos. Depois de ser mãe em tempo integral por tanto tempo, sou forçada a abrir mão desse papel. Agora, subitamente, um vazio se abre.

“Controle-se”, digo a mim mesma. Tenho muito pelo que ser grata, tenho uma vida preciosa, plena. Saúde, um marido, um lar. E muito ainda por fazer. É errado ficar choramingando, transformando isso em uma tragédia. Qual é o problema comigo?

O problema é que estou tendo de encarar uma enorme perda. A maior parte da vida de minha filha está prestes a começar, e não inclui a mim ou Dan. É verdade que tivemos bastante tempo para nos preparar, mas, agora que a hora chegou, a dor que sinto é tão inesperada quanto um súbito acidente.

Embora as empresas que fabricam os cartões de felicitações tenham criado temas para todos os possíveis eventos da vida, não há um ritual para esse tipo de transição em particular.

E isso é surpreendente, porque quando um filho parte para a universidade é o fim de alguma coisa. A não ser pelo nascimento e pela morte, deixar a casa dos pais por qualquer razão é a transição mais extrema de uma vida. Em um instante somos uma família de três. No instante seguinte, perdemos um membro vital. É uma perda de verdade, mas as pessoas não compreendem o sentimento de luto que isso provoca. Não lhe mandam cartões simpáticos, nem a convidam a se juntar a um grupo de apoio. Não se reúnem para confortá-la. Não aparecem a sua porta trazendo pratos de forno e garrafas de vinho, ou biscoitos em travessas da melhor porcelana florida.

Em vez disso, a partida para a universidade é um rito de passagem que encaramos como uma ocasião alegre, que devemos celebrar comprando malas novas e livros sobre como construir uma vida gratificante. Mas na realidade, se você perguntar a sua mãe, ela lhe dirá que lá no fundo o que queremos mesmo é encarar essa partida como uma perda, como um tipo qualquer de funeral. No

entanto, nunca demonstramos essa dor que sentimos. Nossa tristeza fica sempre escondida nas sombras, como algo levemente constrangedor.

TRAVIS PARTE, afastando-se de Molly com dificuldade, como um curativo que ficou muito tempo colado. Mas o trabalho dele na fábrica tem um horário rígido, e Travis não pode se demorar mais. Molly fica parada na calçada diante da casa, observando o Camaro ficar cada vez menor enquanto desce a rua ladeada por árvores, com casas da década de 1920, remanescentes dos dias em que esta era uma cidade que girava apenas em torno da fábrica. O rosto de Molly parece rígido e pálido, como se ela estivesse chocada e desorientada, pega de surpresa por uma dor inesperada. Seus braços abraçam o próprio corpo.

Corro para fora, querendo confortá-la.

– Sei que é difícil – digo, abraçando-a.

Ela continua rígida, não se entrega a meu abraço e me olha como se eu fosse uma intrusa.

– Você não tem ideia do que estou sentindo – fala Molly. – Nunca teve de deixar o papai.

Ela está certa. Eu e Dan nos conhecemos em um bar, há mais de 20 anos, e depois de nossa primeira dança juntos já sabíamos que seríamos um casal. Se alguém houvesse me dito que eu teria de deixá-lo e partir para um mundo de estranhos, teria me disposto a isso? Sim, grita uma voz que raramente se faz ouvir dentro de mim... oh, sim.

Molly está esperando por uma resposta.

– Ah, Moll. A situação comigo e com seu pai foi tão diferente...

– Ninguém forçou vocês dois a se separarem – diz ela, o tom de voz agora mais alto.

– E ninguém está forçando você e Travis a se separarem.

– Então por que estou partindo? Por que estou indo para um lugar que fica a milhares de quilômetros de distância?

– Porque foi isso o que você sempre quis, Molly.  
– Talvez eu tenha mudado de ideia. Talvez deva ficar e ir para a universidade do estado.

– Precisamos acabar de colocar a bagagem no carro – digo a ela.

Nós discutimos. Em voz alta, na entrada de carros. Sobre o que não cabe no carro, sobre o que é necessário, indispensável para Molly. Ela entra nervosa em casa e volta alguns minutos mais tarde com uma mochila de acampamento e com uma luminária verde.

– Meu bem, acho que você não vai precisar da luminária – comento.

– Quero levar comigo. Sempre gostei dela. – Molly aperta a mochila na mala do carro, usando-a para apoiar a luminária.

Aquela luminária ficava sobre a mesa do quarto dela e iluminava desde seus trabalhos de ligar pontos até o trabalho escolar sobre Edward Lear, e ainda os textos chorosos nos diários, o ensaio difícil que tivera de fazer para enviar à universidade, uma carta de amor para Travis Spellman... A luminária fora uma sentinela solitária durante todos aqueles anos. Ao lembrar-me disso, acabo cedendo logo. Não quero discutir mais, principalmente hoje.

Assim como fazer o quilt, a ideia de levá-la até a universidade me parecera boa antes. Molly poderia ter ido de avião e mandaríamos suas coisas separadamente, mas eu não conseguiria suportar a ideia de deixá-la no aeroporto, como se fosse uma convidada que houvesse se aproveitado demais da nossa hospitalidade.

Uma viagem de carro parecera tão atraente como uma aventura final que nós duas poderíamos compartilhar. Um passeio de despedida. Durante todo o verão fiquei nos imaginando na velha caminhonete, apinhada com as coisas de que Molly iria precisar em seu dormitório de caloura, cantando com o rádio e relembrando os velhos tempos. Agora, vendo a rebeldia e o mau humor no rosto de Molly, essa imagem idílica se desfaz.

Mas a viagem continua sendo uma boa ideia. Passar um longo tempo juntas, só nós duas, nos dará a oportunidade de conversar

sobre assuntos que evitamos durante todo o verão, talvez até mesmo durante toda a adolescência dela. Quando Molly era pequena, discutíamos as grandes questões da vida dela na hora de dormir, deitadas juntas no escuro, observando o jogo de sombras que a luz da lua projetava no teto. Quando ela estava no colegial, passou a ficar acordada até mais tarde do que eu, e nossas conversas se limitavam a poucas frases sonolentas. A hora de dormir passou a ser pontuada pelo estalar do piso de madeira sob um pé furtivo, pelo barulho discreto da escova de dentes afastando os últimos vestígios do hálito de uma cerveja roubada. Em alguns dias, mal conseguíamos trocar meia dúzia de palavras.

Quero passar essas horas longas e vazias com Molly na estrada. Preciso delas com uma intensidade que escondo da minha filha, porque não quero que ela se preocupe achando que estou desesperada. Minha Molly é uma pessoa que se preocupa com facilidade. Gosta de agradar aos outros. Ela quer ver todos felizes e, se desconfiar de como estou me sentindo agora, vai tentar fazer alguma coisa a respeito. Não quero que Molly se sinta responsável por minha felicidade. Santo Deus, quem desejaria isso para um filho?

Terminamos de arrumar as bagagens no carro. Está tudo em ordem, todas as listas checadas, nossos mp3 organizados com músicas e podcasts, cada contato necessário na agenda devidamente registrado em nossos telefones celulares. Finalmente chegara o momento.

– Bem – diz Dan –, acho que é isso.

Isso o quê?, eu me pergunto. O quê? Mas sorrio e digo:

– É isso aí. Está pronta, filha?

– Em um minuto – diz Molly, então se abaixa e bate na perna para chamar o cachorro.

Não estou preparada para o sofrimento que me causa vê-la se despedindo de Hoover. Nós adotamos o labrador de expressão doce quando ele ainda era um filhote e Molly tinha só 4 anos. Os dois

criaram juntos, companheiros de bagunças e travessuras que nos faziam rir. Desde então, Molly compartilhara cada momento importante de sua vida com o cachorro. As férias, os passeios pela vizinhança, os acampamentos de verão, as brigas com os amigos, os desenhos animados nos sábados de manhã, as brincadeiras intermináveis jogando bolas de tênis para que ele pegasse.

Ao longo dos anos, Hoover suportou estoicamente ser vestido com roupas de boneca e óculos escuros, ser empurrado em um carrinho de bebê, ser levado para a escola nas aulas de “mostre e conte” e ser enfiado sob as cobertas dela nas noites frias de inverno. Atualmente o ritmo dele era mais lento, e Hoover era tão pacífico e resistente quanto um brinquedo de pelúcia. Nenhum de nós ousava reconhecer o que todos sabíamos: que Hoover não estaria mais entre nós quando Molly terminasse a faculdade.

Ela se agacha diante dele, segurando seu focinho entre as mãos do jeito que eu a vira fazer mais de 10 mil vezes antes. Então enterra o rosto no pescoço dele e sussurra alguma coisa. Hoover deixa escapar um gemido baixinho de alegria, feliz com a atenção. Quando Molly se afasta, ele tenta trazê-la de volta, erguendo as patas da frente. Molly se levanta devagar, segura a pata dele por um momento e então coloca-a delicadamente no chão.

Então ela se vira para Dan. Percebo que os ombros dele estão rígidos e que ele não parara de checar tudo várias vezes – os pneus, as baterias dos telefones celulares, a água do limpador de para-brisa. Reparo que ele também está checando Molly, mas ela não percebe o sofrimento no olhar intenso do pai. Ele o esconde por trás de uma máscara de coragem, que pode ser reconfortante para a filha, mas que é transparente para mim.

A despedida deles reflete a relação dos dois ao longo dos anos, amorosa e um pouco constrangida. Dan nunca foi um homem que demonstra o que sente, mas fora ele quem ensinara a filha a nadar, a rir, a arrotar quando quisesse, a arremessar bem uma bola de

beisebol, a encher um pneu de bicicleta, a comer ostras defumadas direto da lata, a achatar moedas.

A despedida entre os dois é superficial, quase casual. Eles parecem ter uma compreensão tácita de que suas vidas estavam destinadas a convergir e divergir.

– Ligue para mim esta noite – diz ele. – Ligue para mim sempre que quiser.

– Pode deixar, papai. Amo você.

Eles se abraçam, e Dan beija o topo da cabeça da filha. Seus dedos se demoram no braço dela, e Molly não o encara. A luz do sol se reflete na janela do carro quando ela entra.

Dan dá a volta até o outro lado e me beija. Seus lábios são quentes, familiares.

– Tenha cuidado, Linda – diz ele, com a voz rouca, a mesma coisa que sempre fala, mas hoje as palavras carregam um peso extra.

– É claro – respondo, mantendo-o junto a mim por um instante a mais. Então sussurro em seu ouvido: – Como vou conseguir aguentar isso?

Ele se afasta e me olha de um jeito diferente.

– Simplesmente vai conseguir – fala Dan, tranquilo. – Você consegue fazer qualquer coisa, Lindy.

Sorrio, porque as palavras são gentis, mas não acredito nelas.

O espelho retrovisor enquadra uma imagem de nossa casa retangular, do lugar onde moramos desde que Molly nasceu. Não pela primeira vez, me dou conta de que voltarei para um ninho vazio. As pessoas dizem que esse é um estágio de ouro na vida de uma pessoa, uma época cheia de possibilidades. Alguém, provavelmente uma mulher com muitos filhos e animais de estimação, disse uma vez que a verdadeira definição de liberdade é quando o último filho vai embora de casa e o último cão morre. Enfim, então, é possível ter a própria vida de volta. Seu tempo passa a ser só seu. O problema é – e eu não ousaria dividir isso nem com Dan – que nunca disse que queria ter minha vida de volta.

Quando saímos da entrada de carros, Dan fica parado nos observando partir, o cachorro apoiado contra sua perna. Meu marido apoia um braço sobre o portão da frente e baixa a cabeça. Quando eu voltar dessa viagem, nós dois estaremos sozinhos de novo, do modo como éramos há 18 anos, antes da explosão de amor que foi Molly, antes das mamadas da madrugada, dos ataques de tosse, dos filmes de terror e das discussões sobre a hora de dormir, antes das travessuras e risadas, das birras e lágrimas.

Sem Molly, teremos todo esse espaço extra em nossas vidas. Eu terei de olhar para Dan e perguntar: "Você ainda é a mesma pessoa com quem me casei?" Ou talvez a verdadeira pergunta seja: "Eu sou a mesma pessoa?"

Imagino nós dois sentados à mesa de jantar, um diante do outro, noite após noite. Sobre o que conversaremos? Já sabemos tudo um do outro, ou ainda há mais para descobrir? Não consigo me lembrar da última vez em que perguntei a Dan sobre seus sonhos e desejos, ou a última vez em que ele me perguntou alguma coisa mais importante do que "Você deu comida para o cachorro esta manhã?".

Investi muito mais tempo em Molly ao longo desses anos. Quando uma filha demanda nossa atenção, é fácil nos afastarmos um do outro.

Espero de coração que possamos nos reaproximar. E suponho que logo iremos descobrir.

## ***Capítulo Dois***

---

NEM ME dou ao trabalho de me oferecer para dirigir. Molly insiste em dirigir sempre, e vem fazendo isso desde que completou 16 anos. No momento, esse é um arranjo conveniente. Posso usar o tempo para trabalhar no quilt. Fico imaginando a peça pronta no fim de nossa viagem, quente e macia, uma lembrança tangível do passado de Molly. Cada pedaço de tecido é uma peça do quebra-cabeça da infância dela, formando um mosaico com as outras peças ao redor. Tudo o que falta é unir as camadas em quilt, acrescentando mais bordados ao longo do processo.

Costurar à mão, em vez de usar a máquina de costura, é relaxante, e trabalho em um padrão livre sobre o tecido preso no bastidor de madeira. Sobre os sólidos retalhos de tecido, podem ser bordadas palavras e mensagens, como se fossem códigos secretos: *Coragem. Você é linda. Vá em frente. Freud estava errado.* A essa altura eu até já poderia declarar o trabalho como pronto, mas, como uma pega fazendo seu ninho, continuo a adicionar bugigangas brilhantes – um botão de um suéter favorito, uma fita azul ganha em um recital de piano, um lenço antigo e um brinco que pertenceram à



avó dela. Também há um pedaço de um tecido antigo e desbotado, que foi do uniforme de Molly no jardim de infância. E um laço do vestido de formatura dela, usado com um orgulho cintilante apenas poucos meses atrás.

Embora seja impossível ser objetiva, sei que a peça que estou criando é linda, mesmo com todos os defeitos. Mesmo ainda não estando terminada. É uma recordação de todos os tantos dias que minha filha passou comigo, desde o momento em que descobri que estava grávida (eu fazia jardinagem usando uma blusa de bolinhas amarelas, de gola alta, que agora é parte do quilt) até hoje. Sim, e ainda hoje peguei a bandana favorita de Hoover para acrescentar.

Como tantos projetos a que me dediquei ao longo dos anos, inclusive o de ser mãe, o quilt é ambicioso e difícil. Mas talvez as horas de ociosidade forçada no carro sejam exatamente do que preciso para acrescentar os toques finais.

Enquanto passamos de carro pela rua principal de nossa cidade, Molly olha para os cestos de flores pendurados nos postes de luz, para os cafés, para o banco, a loja de bicicletas e a livraria, para as butiques e galerias com cartazes anunciando a liquidação de outono, para a igreja com seu pináculo pintado de branco. E lá está a papelaria, com o cartaz de promoções para a volta às aulas e, é claro, a Pins & Needles, meu lugar favorito na cidade. O prédio antigo e charmoso fica entre a padaria e uma butique, compartilhando a mesma pedra angular de concreto onde está marcado o ano de sua construção: 1902. As janelas em arco nos andares de cima, onde atendem um oftalmologista e um quiroprático, têm jardineiras de metal diante delas, cheias de ásteres e crisântemos. No térreo fica a vitrine larga, cheia de tecidos nas deliciosas cores do outono: abóbora e âmbar, vermelho-flamejante, magenta e violeta-escuro.

Um cartaz pequeno, que quase parece pedir desculpas, preso na vitrine, diz: "Negócio à venda." Minerva, a dona da loja, está se aposentando e vem procurando um comprador desde o último Natal.

Ela já avisou a todos os fregueses que, se não conseguir vender o negócio até o Ano-Novo, simplesmente fechará as portas. E essa será, ao que parece, a opção mais provável. É difícil imaginar alguém que possua o tipo de paixão e energia que exige a administração de uma loja pequena, isso sem falar no capital necessário... Quando a Pins & Needles estiver vazia, será como um vácuo na rua principal da cidade, um dente faltando no meio de um sorriso. É outro golpe para mim, assim como a partida de Molly.

Do outro lado da rua há uma boutique de roupas modernas, onde Molly passou muitas horas, gastando muitos dólares, procurando as roupas certas. Enquanto ela experimentava um jeans, outro dia, começou um debate consigo mesma: as garotas na Costa Leste usam jeans skinny ou com a boca mais larga, do tipo que se usa com botas? Elas ainda usam agasalhos com capuz? Como se eu fosse saber as respostas... Quando Molly começou a se preocupar com o que usar, percebi que tudo começava a se tornar muito real para ela. Para uma garota que nunca vivera em outro lugar, aquele era um passo enorme. Agora que estamos na estrada, Molly precisa encarar a realidade de que a universidade é um lugar real, não apenas um conjunto de fotos cintilantes em um folheto. Quero dizer a ela para não ter medo, mas desconfio de que o conselho não seria bem recebido.

Molly guia o carro pela rampa que leva à rodovia interestadual, enquanto procura por alguma estação de rádio que a agrade. Como não encontra nenhuma que esteja tocando música, prefere desligar o rádio. Temos nossos mp3, caso fiquemos desesperadas por música.

Pela expressão irritada de Molly ao virar o pescoço para checar o espelho retrovisor, fica claro que ela agora sabe que eu estava certa quanto à luminária ocupar muito espaço. Não consigo evitar pensar o que não me permitirei dizer: Eu lhe disse.

Agitada, coloco meus óculos de leitura, comprados em uma dessas lojas que vendem mercadorias bem baratas. Eles ficam

apoiados na base de meu nariz e me fazem parecer uma professora severa. Outro rito de passagem visível. Para mim, o momento aconteceu alguns anos atrás, quando tinha 39 anos e meio. Estava em uma loja de presentes, tentando ler a etiqueta, quando me dei conta de que meu braço já estava esticado ao máximo e ainda assim eu não conseguia ver o preço.

Uma vendedora me ofereceu um par de óculos de leitura, e os números miúdos entraram em foco. O fato de que os óculos tinham uma armação muito bonitinha, imitando o padrão Burberry, me deu algum conforto. A princípio, fiquei um pouco embaraçada ao usá-los perto de Dan ou de Molly, mas, quando se gosta de trabalhos de agulha e de palavras cruzadas como eu gosto, logo se aprende a engolir o orgulho.

Abro a bolsa de costura e o quilt se derrama em meu colo. A parte presa ao bastidor é feita de uma bata de grávida, de algodão, que usei enquanto esperava Molly. Enfio a agulha no tecido, dizendo a mim mesma que logo o trabalho estará terminado, basta fazer um ponto depois do outro. A agulha entra e sai do pano com a velocidade de um pequeno dardo prateado.

– Esse cruzamento é perigoso – digo, levantando os olhos, quando alcançamos as transversais que levam à interestadual. – Fique atenta ao sinal.

– Alô, mamãe! Já passei por esse cruzamento um zilhão de vezes. Além do mais, você sabia que aos 18 anos a visão de uma pessoa está em seu auge?

Eu ajeito meus óculos.

– Assim como a língua afiada. – Minha agulha começa a escrever as palavras *seja gentil* com um floreado no fim.

– Estou só dizendo para não se preocupar comigo na direção. Aprendi com o melhor.

Isso era verdade. Dan era um excelente motorista, atento e seguro, traços que ele passou para nossa filha. A maioria dos amigos de Molly aprendeu a dirigir na autoescola de Ed, mas o dinheiro

estava apertado naquele ano por causa de um período de demissão temporária na empresa, e Dan fez as honras. Eu costumava me perguntar sobre o que os dois conversavam durante todas aquelas horas de aulas, mas quando perguntei ambos me olharam sem entender. “Não conversamos sobre nada”, foi a resposta.

O que Molly quis dizer foi que Dan tem um jeito de se comunicar sem falar. Ele pode dizer muito com apenas um olhar, uma risada, ou um dar de ombros. Os dois ficam confortáveis um com o outro em seu silêncio, do mesmo modo que Molly e eu nos sentimos confortáveis tagarelando uma com a outra.

O trânsito está confuso no cruzamento, mas mordo a língua. Literalmente, pressiono meu dente contra minha língua. Não vou falar nada. Passou a época de ficar corrigindo minha filha, orientando. Esses últimos dias juntas devem ser especiais, quase sagrados, o último fio de um laço que resistiu por 18 anos e que está prestes a ser deliberadamente rompido.

Molly acelera com sabedoria, sobe a rampa e se funde suavemente ao fluxo do trânsito. Ela mantém os olhos na estrada, o perfil delicado, de linha elegantes, começando a parecer adulto.

É uma manhã ensolarada de setembro, e o calor do final de verão aquece tudo ao redor, transformando o asfalto em um rio de mercúrio. Com um rápido movimento do dedo, Molly liga a seta e passa para a pista do meio. Ela é uma motorista competente, talentosa mesmo. Aliás, minha Molly é competente e talentosa para muitas coisas: polo aquático, trigonometria, para se livrar de telefonemas desagradáveis e para ser uma boa amiga.

Sua energia, sua autoconfiança e independência são o tipo de qualidades maravilhosas que uma mãe deseja que uma filha tenha. Meu objetivo sempre foi criar uma filha capaz de tomar as próprias decisões. Educar Molly foi uma alegria, e vê-la agora seguindo seu caminho tem um sabor agri-doce. A vida adulta, suponho, é o teste final para sabermos que lições ela realmente absorveu.

– O que você acha que seu pai está fazendo? – pergunto, imaginando Dan sozinho em casa.

Pelos próximos dias, sua dieta consistirá apenas de coisas que possam ser feitas com *tortillas* compradas prontas, queijo e frios.

Molly dá de ombros, seus cachos escuros e brilhantes dançam com o movimento.

– Ele deve estar tirando os charutos do esconderijo.

Penso em Dan parado na entrada de carros essa manhã, dando um abraço constrangido na filha antes de se afastar, o rosto muito rígido, os olhos brilhando. Pergunto-me se ela olhou pelo espelho retrovisor enquanto nos afastávamos, se viu o pai inclinar a cabeça e então se abaixar para acariciar o cachorro.

– Ah, vamos lá! – eu a provoco. – É isso mesmo o que você acha?

– Não sei. Acho que ele vem esperando por esse dia há muito tempo. O papai é bom com mudanças.

O que quer dizer que eu não sou. E, embora ele possa estar encarando bem essa mudança em particular, há uma parte de Dan que se sente perdida. Ele ama Molly com intensidade e com medo. O relacionamento complicado dos dois sempre foi cheio de contradições. Dan estava na sala de parto quando Molly nasceu, em uma fria manhã de fevereiro, 18 anos atrás, e no instante em que o bebê surgiu, com toda a sua glória úmida e pulsante de recém-nascido, Dan chorou, as lágrimas encharcando a máscara de papel cirúrgico que fizeram-no usar. Na primeira vez em que Molly foi colocada em seus braços, Dan segurou aquele pacotinho com uma expressão do mais puro terror, ficou paralisado. Ele não sorriu para o rosto vermelho e enrugado, não do modo como eu fiz, sentindo-me mãe instantaneamente, com uma serenidade confiante e uma sensação de realização tão intensas que pareciam me fazer flutuar. Dan não arrulhou para ela, nem cantarolou aquela canção de ninar interna que todas as mães começam a ouvir no instante em que seguram seus bebês nos braços. Ele apenas ficou parado com a filha

no colo, como se alguém houvesse acabado de lhe entregar um frasco de nitroglicerina.

Na noite passada, acordei e o peguei chorando. Dan estava no mais absoluto silêncio, mas a cama estremecia com seu esforço para não deixar escapar nenhum som. Eu não disse nada, fiquei muito quieta, sentindo-me impotente. Havia perdido a capacidade de confortar meu marido? Talvez eu simplesmente não quisesse me intrometer. Cada um de nós está lidando com a partida de nossa única filha a sua própria maneira. Quando somos casados, precisamos aprender a não nos intrometer, não em tudo.

– Acredite em mim – disse a Molly. – Ele vai sentir uma saudade louca de você.

– Ele nunca me disse isso.

– Nem diria. Mas isso não significa que não vá sentir sua falta a cada segundo.

– Pode ser.

Era bastante frequente haver uma distância entre Dan e Molly, apesar de os dois obviamente se amarem muito. Eu fiz uma pausa, franzindo o cenho para um nó que se formara em minha linha.

– É o jeito dele – comentei com Molly. Esse é meu papel, ficar entre os dois, traduzindo um para o outro.

Desfaço o nó e volto a costurar. A barra limita um retalho em forma de trapézio, em cor neutra, cortado de um vestido que Molly usou para a festa de sua formatura do oitavo ano, o primeiro baile de adulta de sua vida. Aos 13 anos, ela era impossível, elevando a capacidade de fazer drama a novas alturas e dando uma nova profundidade à palavra “emburrada”. Eu costumava tentar animar nossos jantares de humores fúnebres:

– Qual foi o momento mais interessante do dia de vocês? – perguntava para meu marido e para minha filha. – Digam-me uma coisa que faz valer a pena levantarem-se de manhã.

Um dia, Dan, que colocava pimenta na salada de seu jeito meticuloso, mal levantou os olhos e respondeu:

– Quando Molly sorri para mim.

Ele pegou nós duas de surpresa com a declaração. E, naquele momento, nossa filha adolescente e emburrada sorriu para o pai.

Agora o telefone de Molly toca com um toque familiar. É uma música de Eddie Vedder chamada “The Face of Love”. É o toque de Travis.

A expressão no rosto de Molly é de uma suavidade de cortar o coração quando ela pega o aparelho.

– Oi – diz; a voz tem a intimidade dos amantes. – Estou dirigindo.

– Molly escuta por um momento e termina com um: – Sim, eu também. – Então, desliga o celular.

Mais silêncio. A agulha dispara no tecido. O dia passa através da janela do carro. Cidades nas campinas, em meio a pastos intermináveis. Nós fazemos uma parada, comemos alguma besteira e conversamos um pouco sobre qualquer coisa. Como sempre fazemos.

## **SEGUNDO DIA**

*Leitura do hodômetro: 195.749km*

“... deve haver algum desejo inconsciente por compensação pela monotonia cinzenta dos dias que faz as mulheres... desenvolverem padrões tão intrincados de quilt. Só uma alma muito desesperada por uma fuga poderia ter concebido e executado, por exemplo, o Full Blown Tulipe...”

RUTH E. FINLEY, em *Old Patchwork Quilts and the Women Who Made Them* (1929)



## ***Capítulo Três***

---

– Você se lembra deste? – pergunto, colocando uma parte do quilt na linha de visão de Molly.

– Acho que sim.

– Aposto que não lembra!

– Então por que perguntou? Você sempre faz isso, mamãe.

– Faço? Nunca percebi.

– Está sempre caçoando por eu não me lembrar de coisas que deveriam ser importantes para mim.

– É mesmo? Que horror! – Passo a mão sobre a peça de algodão violeta, coberta de renda.

– E então, o que é isso? – Molly fica logo desconfiada.

Durante todo o verão haviam escapado vários “você se lembra?” e “é a última vez”. Como na última vez em que fomos de carro até o lago nos arredores da cidade para ver a queima de fogos de artifício, ou a última vez em que Dan e eu assistimos a um dos recitais de piano dela, ou ainda a última vez em que Molly cortou os cabelos no Twirl & Curl.

– É um retalho de um vestido que seu pai comprou para você – disse eu, enquanto a agulha entrava e saía do tecido, os pontos formando as palavras *Queridinha do papai*.

– O papai me comprou esse vestido? Impossível.

– Comprou, sim, no Mexican Marketplace. Não acredito que você esqueceu!

– Mãe. Quantos anos eu tinha, 3 ou 4?

– Quatro, eu acho.

– Não tenho mais nada a declarar.

Em minha mente, ainda posso ver Molly diante do espelho do corredor, exibindo a roupa feita de algodão violeta e renda barata.

– Ele gira! – gritara ela, rodando como louca. – Ele *gira!*

Fiquei menos encantada quando ela insistiu em usá-lo para ir à igreja pelas nove semanas seguintes. O vestido já estava fora de uso fazia muitos anos, mas restara tecido suficiente para ser aproveitado no quilt.

As lembranças se acumulam em um borrão colorido, como os depósitos e grandes outdoors na beira da estrada. Quando fecho os olhos, consigo ver tantos momentos, congelados no tempo... São tantos detalhes, precisos como um retrato instantâneo: um tufo de cabelos de minha bebê recém-nascida, a curva delicada das bochechas quando ela estava mamando. Ainda posso ver o drapeado de seu vestido de batismo, que agora está embrulhado em papel de seda, guardado no fundo do baú de cedro pintado, no quarto de hóspedes. Vejo com clareza minha mão levando uma colher de mingau a uma boquinha redonda e pequena como a de um passarinho. Vejo Molly se afastar da beira da piscina, equilibrando-se nas pernas gorduchas, vindo direto para meus braços abertos.

Todas as primeiras vezes. O primeiro dia no jardim de infância. Molly usava os cabelos presos em marias-chiquinhas, as pregas do uniforme muito bem passadas, a mochila cheia de lápis de cera

novinhos, de lápis pretos apontados, papel pautado, e levando um lanche que demorei 45 minutos preparando.

– Você se lembra de seu primeiro dia na escola? – pergunto agora, bordando a parte do quilt feita com a blusa do uniforme.

– É claro. Minha professora era a srta. Robinson, e eu tinha uma lancheira da Mulan. – Molly mudou novamente de faixa e ultrapassou com facilidade um carro pequeno. – Você colocou um bilhete na lancheira. Sempre gostava quando você fazia isso.

Eu não me lembrava da professora, nem da lancheira, mas com certeza me lembrava do bilhete, o primeiro de muitos que coloquei com o lanche de Molly ao longo dos anos. Sempre tentava escrever algumas palavras em um guardanapo de papel e fazia um desenho de uma mãe sorrindo, com rabiscos no lugar dos cabelos e a mensagem: “Eu ♥ você. Com amor, mamãe.”

Lembro que tentei adequar meu guarda-roupa à ocasião e usei calça de tecido fino, mocassins e um brilho coral nos lábios, que comprei no balcão de uma loja de departamentos. Senti-me importante, imbuída da missão e do dever, enquanto Molly tagarelava alegremente no banco de trás da caminhonete.

Quando paramos diante da calçada arborizada da escola, fingi estar tranquila e alegre, enquanto beijava o rosto de Molly, fazia um carinho em sua cabeça e lhe acenava sorridente. Ela se encontrou com as amigas Amber e Rani. As meninas entraram juntas no colégio, rindo e pulando durante todo o caminho, até sumirem no prédio de tijolos vermelhos que subitamente pareceu enorme e proibido para mim.

Na biblioteca da escola foi servido o café das Novas Mães. Durante a reunião, nós, mães, fizemos planos para as comemorações e organizamos o rodízio de caronas sob o olhar atento e sério das “comandantes”. Senti-me secretamente intimidada. Não pelas mães que trabalhavam fora e que estavam ali usando terninhos poderosos e saltos altos. De algum modo, logo compreendi que elas estavam

tão assustadas e inseguras quanto eu, mesmo com seus muitos diplomas e cargos importantes.

Eu me senti intimidada pelas mães que ficavam em casa. Elas eram o estandarte de ouro que todas nós almejávamos ser. Pareciam tão organizadas e equilibradas, com suas calças cáqui e suéteres em tons terrosos jogados negligentemente sobre os ombros, as agendas abertas diante de si, as canetas com monogramas a postos para qualquer anotação. Independentes, mas sem dúvida apoiadas por uma infraestrutura de maridos e associações de moradores, elas pareciam muito à vontade e seguras de si.

Não me lembro de voltar dirigindo para casa depois de entregar minha filha a essa nova fase da vida dela. Tudo de que lembro é de entrar em disparada em casa e sentar na bancada da cozinha, com vista para o escorregador que Dan montara no quintal, onde fiquei tremendo, com uma sensação de vazio que não esperava sentir. Nem mesmo Hoover, enroscado a meus pés com uma expressão confusa, conseguiu me alegrar. Mas, naquela época, pude concentrar minhas esperanças no fim do dia. Molly voltaria para casa, sentaria na cozinha para comer um sanduíche e tomar um copo de leite e me contaria tudo sobre o dia de aula. E tudo ficaria bem.

Embora muitos anos houvessem passado desde aquela ensolarada manhã de agosto, jamais consegui alcançar o ar de confiança e equilíbrio que via nas mães que me intimidavam. Não me encaixava na categoria das mães que ficavam em casa, mas também não era uma profissional de carreira. Eu era o que se poderia chamar de uma mulher sem rumo, mirando em várias direções, sendo que minha única vocação verdadeira era amar minha família.

Costumava desejar descobrir alguma coisa, uma paixão, uma vocação, um jeito rentável de passar meu tempo. Mas, depois que Molly nasceu, essa questão pareceu simplesmente perder a importância. Sem me preocupar em construir uma carreira, passei por alguns empregos diferentes, mas nunca me encaixei completamente em nenhum deles. Mas isso não me importava nem

um pouco, porque sem sequer planejar eu havia tido a sorte de ter uma vida que amava tanto que não desejava mudar. A loja de quilt se tornou meu segundo lar. Amava a energia criativa do lugar, o cheiro seco dos tecidos, o ruído metálico das minhas tesouras superpotentes sobre a mesa de corte. Trabalhar na loja de Minerva se tornou mais do que um emprego em meio período durante o ano letivo. Era um refúgio onde eu passava as horas vazias em que Molly estava no colégio.

Molly relanceia o olhar em minha direção e vejo que está observando minhas mãos ocupadas.

– O que foi? – pergunto.

– Você sabia que Atena é a deusa do quilting?

– Ela é a deusa guerreira – corriji. – É uma das poucas coisas de que me lembro da mitologia grega.

– A maioria das pessoas não sabe que ela também é a deusa das artes e dos trabalhos manuais – diz Molly, cheia de autoridade, como costuma fazer às vezes. – Os trabalhos manuais domésticos também requerem planejamento e estratégia. Essa é a lógica da coisa.

– Então Atena era uma supermulher. Travando batalhas e tecendo cestos. – Descanso o quilt em meu colo e tento me sentir como uma deusa.

Meus pontos serpenteiam com facilidade em espirais ascendentes. Esse será um lembrete da natureza cíclica das famílias, do ir e vir das gerações. Dizem que um filho sai de casa aos poucos. Vai se separando pouco a pouco. Molly começou a fazer isso assim que aprendeu a andar, e seu brinquedo preferido era um cavalinho que podia carregar no bolso. Então ela começou a escola. E logo foi dormir fora de casa pela primeira vez. Depois, o primeiro acampamento. E uma viagem escolar à capital do país. Molly aprendeu a dirigir e, cada vez que saía pela porta, estava por sua própria conta, longe de meu alcance. Esse é simplesmente o próximo passo no processo. Ela vai ficar bem. Eu vou ficar bem.

Juro que vou.

– Vi um A – diz Molly abruptamente, trazendo-me de volta ao presente. – O Hotel Aladim. E agora um B, no Uncle Porky’s Burger Barn...

Começamos a brincar de “caçada”, um antigo jogo que inventamos para nos distrair nas longas viagens de carro. Rapidamente fomos encontrando coisas até chegar à letra J, dizendo nomes de cidades e cafés, buscando palavras nas placas espalhadas pelas rodovias, nos outdoors e paradas de caminhão. A cidade de Jasper mantém o jogo em andamento. O Q é encontrado em um anúncio na beira de estrada de um lugar chamado Bar-B-Q, e ficamos gratas ao dono do bar. Nunca ficamos sem a letra R graças às placas de “Retorno” na estrada, e o Z é encontrado em um outdoor de uma estação de rádio chamada KIZZ.

EM UM restaurante chamado Big Boy, em Franklin, uma jovem mãe está tentando resolver o Sudoku no caderno cultural de um jornal enquanto seu filho pequeno, preso em uma cadeirinha alta de madeira, faz macaquices para chamar sua atenção. Ele se inclina para os lados o máximo que a cadeira permite, imita o barulho de um gato, bate com o garfo na mesa, enfia salgadinhos na boca e usa seu nugget de frango para espalhar ketchup na bandeja, como um Jackson Pollock bebê. A jovem mãe coloca os cabelos para trás da orelha e preenche outro espaço em branco no Sudoku.

Tenho vontade de atravessar correndo o salão do restaurante e sacudir a mulher. “Não está vendo que ele quer que você olhe para ele? Brinque um pouco com ele! Sua oportunidade terá passado antes que você perceba.”

É fácil reconhecer um pouco de mim mesma na mãe cansada e distraída. Costumava ser igual a ela, preocupada com problemas sem importância, nunca percebendo a passagem invisível e secreta do tempo até que fosse tarde demais. E mesmo assim, se alguém houvesse me alertado a respeito, eu teria ficado desconcertada,

talvez até mesmo indignada. Eu, desatenta a minha filha? Por quem me toma?

No entanto, quando se está com uma criança pequena que leva 45 minutos para comer um nugget de frango, o tempo parece se arrastar. Quando seu bebê tem um ataque de tosse às 3h e você está sentada no banheiro cheio de vapor, chorando com sua filha porque estão ambas exaustas e infelizes, essas noites não parecem ter fim.

De minha perspectiva de agora, da outra ponta da maternidade, quero dizer a essa mãe o que aprendi; que quando uma criança é pequena os dias seguem em um ritmo lento, um se dissolvendo no outro. Somos como um personagem de desenho animado, atravessando distraídas uma ponte de madeira precária sem perceber o fogo atrás destruindo tudo rapidamente conforme passamos. É verdade que todos dizem para aproveitarmos as crianças enquanto são pequenas, porque elas vão crescer antes que possamos nos dar conta, mas ninguém acredita nisso de verdade. A mulher na outra mesa simplesmente não vê a ponte, não vê o tempo engolindo os momentos dela com o filho como um dragão cuspidor de fogo.

Para sorte de todos os envolvidos, nem eu sou louca o bastante para me intrometer. Pelo que sei, ela deve ter um monte de preocupações enchendo sua cabeça, ou talvez apenas precise de dez minutos para sonhar seus próprios sonhos. Talvez a mulher precise que a ordem lógica do Sudoku a lembre de que tudo tem uma solução. Quando ela termina o passatempo, a criança já desistiu de chamar sua atenção e terminou de comer o salgadinho e o nugget. A mulher limpa o rosto e as mãos do menino, tira-o da cadeira, dá um beijinho rápido em sua cabeça e se encaminha para a caixa registradora.

Molly não reparou em nada daquilo. Está concentrada, folheando as páginas brilhantes do catálogo da universidade. O folheto descreve um mundo idílico onde a relva era de um verde irreal, sem

ervas daninhas, os prédios desafiavam o teste do tempo e os estudantes eram eternamente jovens, sentados em grupos ordenados, ou rindo juntos enquanto seguravam copos de café com leite. Os professores pareciam apropriadamente sábios, muitos deles cultivando um certo ar de boemia alternativa que, em nossa cidade natal, provavelmente acabaria colocando-os sob suspeita.

– Está vendo alguma coisa que lhe interesse? – pergunto, quando ela faz uma pausa na página da descrição dos cursos.

– Tudo – diz Molly, com uma expressão travessa nos olhos. – Há um curso inteiro chamado Tópicos especiais na música do sufrágio feminino. E A arte nativa americana transexual. A experiência progressiva em olaria: ideias em transição. – Ela se esforça para manter a expressão séria. – Quero todos.

Nós damos uma gargalhada e percebo a empolgação que a domina. O catálogo é um tesouro de possibilidades, de coisas novas para ela aprender, novos modos de pensar, ideias sobre a vida, talvez até mesmo um modo de mudar o mundo.

Embora esteja animada por minha filha, sinto uma ponta de inveja. Há certos assuntos que eu e Dan não saberíamos nem como começar a ensinar a ela. É para isso que serve a universidade.

– Não faço ideia de como vou escolher – diz Molly, alisando as páginas.

– Eu não saberia nem por onde começar. – Essa admissão mascara uma antiga ambivalência.

Sempre tive a intenção de conseguir um diploma universitário e tinha até mesmo um plano para isso. Para muitas pessoas, isso não pareceria particularmente audacioso, mas em minha família era um grande passo. Nem meu pai nem minha mãe foram para a universidade. Os pais deles, por sua vez, eram imigrantes, e uma educação mais adiantada estava simplesmente fora de seu alcance. Meus pais viam a educação universitária como um luxo desnecessário, uma procrastinação cara, com duração de quatro



anos, que só servia para adiar o momento de encarar a parte real da vida.

Meu pai trabalhava como supervisor de turno em uma fábrica de telhas. Minha mãe ficava em casa conosco e passava roupa. Era isso mesmo o que ela fazia. Passava roupa para fora. Não víamos nada de mais nisso. Nunca sentimos vergonha ou a julgamos. Éramos quem éramos, e estávamos muito felizes juntos. A casa normalmente cheirava ao calor seco do ferro quente e ao spray de engomar. Havia uma pequena tabela de preços presa atrás da porta da cozinha. De manhã, as pessoas deixavam as roupas para passar em um cesto perto da caixa de leite na varanda dos fundos. Mamãe passava as roupas e, no dia seguinte, meu irmão mais velho, Jonas, as entregava aos fregueses. Eram camisas sociais muito engomadas e calças com a prega perfeita para os executivos da fábrica, além de vestidos de festa e blusas do uniforme do colégio Santa Cecília para as esposas e os filhos deles.

Nunca parei para pensar sobre o que se passava na mente de minha mãe enquanto ela ficava parada diante da tábua de passar, aperfeiçoando os detalhes das roupas de outras pessoas enquanto ouvia Dire Straits tocando no rádio. Agora me pergunto se ela sentia muito calor, ou se sentia-se desconfortável, ou quem sabe resignada... Ou talvez gostasse de passar roupas e o trabalho a deixasse feliz.

Gostaria de ter perguntado a ela. Gostaria que minha mãe ainda estivesse viva para que eu pudesse lhe perguntar agora.

Em vez disso, ansiosa por minha independência, aproveitava todos os momentos para planejar meu futuro. Meus sonhos eram nutridos por horas e horas na biblioteca, lendo livros sobre mulheres que criavam vidas incríveis para si mesmas, estudando música, pintura, ciências e negócios. Eu jurei que, no dia em que fosse mãe, instilaria esses sonhos em meus filhos. Eu seria a mãe que queria que minha mãe tivesse sido. Então montei um plano.

Depois do colegial, passaria o verão trabalhando para juntar dinheiro para pagar a matrícula. Tanto meu pai como minha mãe balançaram as cabeças, lamentando, incapazes de compreender a ideia de adiar por mais quatro anos a hora de trabalhar, de ter independência, de cuidar da própria vida. E de, no final desse tempo, ainda ter de arcar com uma dívida enorme do empréstimo universitário, sem a menor garantia de sucesso. Além do mais, a universidade mais próxima ficava a quase duas horas de distância.

Era um sonho poderoso... talvez poderoso demais, porque, para alguém criada como eu fui, acabava parecendo mais uma fantasia. Ainda mais depois que calculei os custos de viver sem uma fonte de renda por quatro anos. E mais ainda depois que a realidade me atingiu com força já no primeiro semestre. Por razões financeiras, eu precisava morar na casa de meus pais, e logo descobri que era quase insuportável fazer o trajeto diário para a universidade em meu Gremlin, meu carrinho de segunda mão. Mais tarde, dividi um apartamento perto do *campus* com alguns amigos, e voltava para casa no fim de semana com um saco cheio de roupas para lavar. Pior, minhas aulas eram tediosas, eu precisava me esforçar muito para manter minhas notas em um nível decente e tinha de lidar com alguns péssimos professores. Tudo isso quase me fez desistir.

Então Dan apareceu. Dan Davis, com seus olhos incríveis, suas mãos fortes de trabalhador braçal, sua ética de trabalho vigorosa e seu ar tranquilo. Em seus braços descobri o verdadeiro significado da palavra felicidade. Meus sonhos com um futuro nebuloso deixaram de fazer sentido quando me vi diante de uma felicidade tão avassaladora.

Uma vez li em um livro, em algum lugar, que o modo como você passa seu dia é o modo como passa sua vida. Eu queria mesmo uma vida de dias cheios de um ir e vir para a casa de meus pais, de malabarismos para fazer os trabalhos da faculdade e de mal ter tempo para Dan? Ou queria passar a vida nutrindo o amor que descobrira com ele?

A resposta era óbvia. Nós nos casamos, Dan trabalhou mais do que nunca para conseguirmos comprar uma casa, e eu arrumei emprego em uma loja. Não me perguntem onde. Depois da primeira, muitas se seguiram. Adiei minha volta à universidade. O plano era conter a marcha acelerada das contas a pagar e aproveitar a felicidade que sentia passando meu tempo amando Dan, montando nosso lar, criando nossa vida juntos.

Depois que Dan e eu nos casamos, eu não larguei a faculdade, simplesmente parei de aparecer. As taxas de matrícula eram caras e precisávamos poupar para a compra da casa. A viagem até o *campus* gastava muito tempo e muito dinheiro de combustível. Parecia egoísta de minha parte usar o dinheiro que ganhávamos com tanto trabalho em aulas como Tópicos especiais do cubismo esotérico.

Então, um dia, passados alguns anos de casamento, a ideia de ter um diploma universitário foi afastada de vez. Nós usávamos métodos anticoncepcionais, juro que usávamos, mas a mãe natureza e o ardor da juventude acabaram burlando nossas precauções. E Molly foi a maior desculpa possível e a única realmente válida para que eu interrompesse meu projeto de educação.

Sempre planejei voltar em algum momento. Durante algum tempo, dizia a meus amigos e a minha família que planejava concluir a faculdade depois que Molly estivesse no ensino fundamental. É claro que, quando esse momento chegou, eu já havia descoberto o que todas as mães aprendem quando os filhos vão para a escola. Essas horas também não são nossas. Elas são ocupadas por tudo o que é deixado de lado quando há uma criança pequena em casa e pelo emprego de meio período, muito necessário para manter a conta do banco fora do vermelho. E também com o grupo de bandeirantes do qual Molly fazia parte, e com trabalho voluntário. E ainda com o projeto de acrescentar mais um banheiro à casa – afinal, ela vai precisar dele quando se tornar adolescente. Fazer um

curso universitário em meio a isso tudo simplesmente parecia impossível.

Ninguém se surpreendeu quando abandonei a ideia. Meus pais eram pessoas simples e honestas que esperavam que os filhos tivessem uma boa vida. E não os desapontei quanto a isso.

Minha saída da casa de meus pais não foi essa partida dramática, de longa distância como está sendo a de Molly. Minha primeira casa com Dan ficava a apenas 13 quilômetros da residência de meus pais.

Às vezes me pergunto se eles sonhavam com uma vida maior para mim, se queriam que eu fosse além, que fizesse mais. Acho que não, penso, observando a agulha disparar pelo tecido. Desconfio que os dois ficaram muito satisfeitos por terem a filha morando perto.

Minha amiga Erin usa seu diploma de advogada, conseguido a duras penas, como um distintivo do orgulho que sente por ele. Eu costumava invejá-la pela grande carreira, pela casa grande, pelo carro grande, pela *vida* grande. Mas tudo tem seu preço. Erin acabou se divorciando e, embora agora esteja casada novamente e aproveitando muito o ninho vazio, passou por anos difíceis, em que chorava de pura exaustão por ter de cuidar de tudo sozinha. Acabei entendendo que não existe esse negócio de vida perfeita, apenas mudanças de curso, como o vento no lago. Nós ajustamos nossa navegação para pegar o melhor vento, e não o contrário.

Sempre me pergunto se teria encontrado minha vocação caso houvesse seguido com o projeto de conseguir meu diploma. Naquele primeiro semestre, eu tinha muitas dúvidas, não conseguia me decidir sobre que rumo tomar. Tinha amigas que sabiam muito bem que queriam ser professoras de jardim de infância. Ou contadoras. Ou paisagistas. Eu não. Nunca descobri em que profissão realmente me encaixava. Não concluir uma faculdade, deixar de lado a ideia de uma carreira profissional, acabou dando certo para mim. A vida é boa o bastante. Queríamos mais filhos, mas, por causa de um problema ginecológico, que acabou sendo maior do que parecia, não foi possível.

À medida que cada quilômetro passa, Molly e eu ficamos mais próximas do momento do adeus, e percebo como sei pouco sobre esse mundo rarefeito em que ela está prestes a entrar. Pergunto-me se isso criará um vazio entre nós, se a transformará em uma estranha para mim, uma estranha sofisticada com um vocabulário elegante e sonhos enormes. Não vai haver mais a campainha tocando na escola às três da tarde para trazê-la de volta para casa, fazendo meu mundo voltar a girar. Nem balanços para empurrar no quintal, ou biscoitos para assar.

O que terei agora será tempo. Muito tempo, todo o tempo do mundo para descobrir o que quero fazer de minha vida, já que posso fazer o que quiser. Essa sensação não deveria me causar tanta insegurança. Pais e mães vêm passando por isso neste país desde tempos imemoriais. É bobagem me afligir com isso.

O problema é que não estou apenas aflita. Estou *apavorada*.

NÓS DISCUTIMOS sobre onde passar a noite. Devemos parar no oeste de Omaha, ou tentar chegar ao leste da cidade, para evitar o trânsito pesado na manhã seguinte?

– Por mim, parariamos agora – declarei, checando o relógio no painel do carro. – Viajamos bastante hoje.

Molly quer continuar dirigindo. Ela tem um suprimento inesgotável de energia adolescente para ficar acordada até tarde, além da ânsia para chegar logo.

– Esqueça – diz ela. – Com certeza vou atravessar a cidade. Ainda é cedo para pararmos.

– Vamos lá, Moll...

– Sou eu quem está dirigindo, mamãe. Você disse que eu podia. Isso significa que eu escolho onde vamos parar. Enquanto isso, escolha um lugar para pararmos e um hotel no guia.

Por um momento, me sinto desorientada. Quem é essa pessoa no assento do motorista, dizendo-me o que fazer? Acabo dando uma risadinha.

- O que é tão engraçado? – pergunta Molly.
- Você está parecendo sua mãe.
- E isso a surpreende?
- Sim, um pouco, creio eu.

Ainda achando divertido, peguei o guia de viagem e me lembrei de minha própria infância. Nós costumávamos sair para terríveis viagens de carro todos os verões. Eu e meus três irmãos ficávamos o tempo todo brigando no banco de trás, nosso pai se debruçava rabugento sobre o volante, e mamãe passava o tempo folheando o guia de viagem, recitando fatos e figuras importantes do lugar para onde íamos.

– Grady, em Nebraska. População de 4,5 milhões de habitantes – digo a Molly agora. – Há quatro hotéis possíveis, dois deles com duas estrelas e dois com três estrelas.

- Vamos para um de três estrelas.

Finalmente concordamos em alguma coisa.

## ***Capítulo Quatro***

---

CHEGAMOS AO Star Lite Hotel e Cafeteria. Não entendo bem o motivo das três estrelas no guia de viagem... Há uma piscina, mas as manchas verdes nos azulejos são suspeitas, por isso eu e Molly decidimos não nadar. A cafeteria parece promissora, fica aberta até tarde e podemos ouvir o chiado de hambúrgueres na grelha. O lugar também tem uma vitrine mostrando tortas em tamanhos espetaculares.

Entramos em nosso quarto, imaginando que confortos três estrelas encontraremos. O carpete cheira levemente a mofo e a cigarros velhos, por isso abrimos uma janela para deixar entrar um pouco de ar fresco. Argh!, penso, com um quê de desapontamento. Dado o motivo dessa viagem, esperava por acomodações melhores. Imaginei nós duas dividindo uma charmosa suíte em uma pousada, ou nos exercitando na academia de um hotel moderno. Como sempre, há um vácuo entre a expectativa e a realidade.

Molly se joga em uma das camas, pulando, feliz.

– Adoro viajar de carro – fala ela, animada. – Adoro ficar nesses hotéis de beira de estrada.

Depois disso, sinto meu desapontamento se esvaír, levado embora pelo sorriso no rosto dela. Sou forçada a perceber esse detalhe pequeno, mas significativo. O humor de Molly tem o poder de determinar meu próprio humor. Isso nunca ficou muito aparente quando estávamos em casa; mas agora, depois que ela partiu, de onde virá minha felicidade? Preciso me certificar de lembrar onde encontrá-la.

– O que é isso? – Molly mostra uma caixa de metal Magic Fingers, na mesinha de cabeceira.

– Nunca ouviu falar de Magic Fingers?

– De quê?

– Chega pra lá. – Procuro algumas moedas no bolso de meu jeans e coloco-as na abertura da caixa de metal, então deito ao lado de Molly. – Sua educação não estará completa até que você experimente uma Magic Fingers.

Nada acontece.

– Acho que está quebrada – digo. – Essa coisa deve ter uns 30 anos.

– Só porque está velha não quer dizer que está quebrada. – Determinada, Molly estica a mão e sacode a caixa. Nada, ainda. Ela mexe no fio. Então... – Opa! Sentiu isso?

Fico deitada muito quieta. Escutamos um zumbido mecânico, e então uma leve vibração começa a agitar a cama, atravessando meu corpo e ficando mais forte. Molly relaxa, deitada de costas perto de mim.

– Sinceramente – ela diz –, isto é esquisito.

– Vai parar em poucos minutos.

– Mas é esquisito de um jeito legal – ela corrige.

– Não acredito que você nunca viu uma antes.

Ao longo dos anos, já ficamos hospedados em dezenas de hotéis, mas essa é a primeira vez que encontramos uma caixa Magic Fingers.

– Acho que é uma coisa antiga – digo a ela.



– Foi uma boa ideia pararmos aqui, não acha? – Ela suspira, satisfeita.

É um modo gentil de dizer “eu te disse”. Ficamos deitadas uma ao lado da outra, a cama vibrando sob nossos corpos por longos minutos. Quando a vibração para, me surpreendo ao perceber que me sinto mais relaxada, meus músculos livres da rigidez causada pela longa viagem.

– Em que está pensando? – Molly quer saber.

A pergunta me pega desprevenida.

– Em você, acho. Sempre gostei de fazer coisas novas com você. Mesmo coisas pequenas.

– Como Magic Fingers.

– Exatamente. Tudo sempre era novidade com você. Isso é uma das coisas mais divertidas de criar um filho. Muitas vezes eu estava fazendo algo normal para mim, como bater claras em neve para preparar merengue ou andar de bicicleta sem segurar o guidão, ou desenhar uma parábola; e você achava aquilo impressionante. Como uma mágica.

– Você *era* impressionante – diz Molly, baixinho, virando-se para o lado e apoiando o queixo na mão.

Devo estar ouvindo coisas. Considero a hipótese de pedir a ela para repetir, mas duvido que ela o faça.

– Quem vou impressionar agora que você está indo embora?

Molly ri.

– Como?

– Estou perdendo minha plateia.

– Você deveria ter tido mais filhos – ela observa.

Hesito, pega de surpresa por suas palavras. Mas não tão de surpresa assim. É uma abertura para uma conversa difícil. Percebo isso antes que qualquer uma de nós duas volte a falar.

– Mamãe?

Eu me viro para ela.

– Eu não pude ter mais filhos depois...

Molly arregala os olhos.

– Depois que teve a mim?

Encaro minha filha e vejo maturidade e sabedoria em seu rosto, confio em sua expressão de absoluta compaixão. Quando tive a ideia de vivermos juntas essa aventura através do país, sabia que certos assuntos, muitas vezes difíceis, acabariam vindo à tona. E sabia que esse tema em particular era o mais difícil. Por todos esses anos eu havia protegido Molly do episódio mais doloroso de minha existência. Não era justo revelar uma dor que ela não causara e que não poderia curar. De que adiantaria?

Mas agora as coisas são diferentes. Ela era uma jovem mulher. A dor de outra pessoa não vai mais confundi-la ou destruí-la. Não é essa, afinal, a essência da maturidade?

“Respire fundo”, digo a mim mesma, enquanto continuo a encarar os olhos doces de gazela de Molly.

– Eu tive um menino, chamado Bruce. – Mesmo depois de tanto tempo passado, eu ainda sentia a pontada aguda da perda.

Eu estava sangrando, meio fora de mim, mas ainda posso senti-lo em meus braços, seu corpo leve e imóvel. Nascido algumas semanas prematuro, ele era tão pálido, belo e silencioso quanto um anjo caído, que jamais respirara o ar deste mundo.

Os olhos de Molly ficam marejados no mesmo instante.

– É mesmo, mamãe? O que aconteceu? Quando foi?

Respiro fundo e explico, com a voz trêmula:

– Você tinha apenas 2 anos, na época. Ele veio cedo demais, e eu tive um sangramento. Houve um rompimento em meu útero.

– Oh, mamãe... Por que você nunca me contou a respeito?

Sinto uma lágrima escorrer pelo canto de meu olho. Um ferimento tão antigo que parece voltar a se abrir com essas lembranças indeléveis. Quando aconteceu, a perda do bebê me modificou de maneiras que mesmo agora ainda sigo descobrindo. Esse tipo de perda tem o poder de parar o mundo. Meu menininho tão pequeno, com um rosto que parecia do outro mundo, sempre vai me

assombrar. Ele me lembrava muito minha outra recém-nascida, Molly.

– Era triste demais, querida.

Ela estende a mão para mim e ficamos quietas, juntas, por um longo tempo, os minutos que passavam sendo medidos pelo barulho suave de nossas respirações.

– Não sei o que dizer – sussurra Molly.

– Você não tem de dizer nada.

Há certas coisas que simplesmente não podem ser melhoradas, nem com conversas, nem com crises de choro ou orações, nem mesmo fingindo que jamais aconteceram. Ainda assim, a reação dela é exatamente a que imaginei, cheia de compaixão, sem ser piegas ou obsessiva.

– Eu gostaria... – A voz de Molly falha, mas entendo exatamente o que ela quer dizer.

– Eu também.

Passamos mais alguns momentos caladas. Então ligamos de novo a caixa Magic Fingers para tentar afastar nosso humor sombrio.

– Você foi tudo o que eu desejava em um filho – digo a ela.

Molly já me escutou dizer isso antes. Agora entende o significado oculto por trás das palavras.

– Bem, espero que você saiba que sou eu que estou perdendo minha plateia – insiste Molly. – Quando eu estiver longe, na faculdade, quem vou impressionar?

Isso me pega de surpresa. Sei que há coisas que a preocupam em relação à nova vida, estando tão longe de casa, em um mundo estranho onde ninguém a conhece. No entanto, pensei que sua ansiedade para partir e descobrir a própria vida conseguira banir todos os medos. Agora percebo que Molly está muito consciente do que deixa para trás. Sabe que não é somente Travis Spellman. Desde seu primeiro sorriso até seu último dia no colegial, todos os dentes de leite que caíram, os troféus de futebol, os recitais de

piano, os distintivos das bandeirantes, em todas essas ocasiões eu estava lá, torcendo por ela.

– Ainda serei sua fã número um – asseguro a ela.

– Eu sei, mas não será a mesma coisa. – Então Molly sorri e sai da cama.

Eu me sento e abraço meus joelhos.

– Você parece estar encarando bem isso.

– Ser sua filha não é um trabalho fácil.

– Você está brincando, não é?

Agora é a vez de Molly hesitar.

– É... Vamos dar uma olhada no salão de jogos. Acho que vi uma mesa de pingue-pongue.

MAIS TARDE nessa noite, bem depois de nosso jantar de salada de alface quase congelada e biscoitos salgados com sabor de ostra, Molly está na frente do hotel, ligando para Travis do celular. Embora a universidade a atraia como um jardim misterioso repleto de raras delícias, ela criou um laço forte com esse rapaz, com seu riso engraçado e o pomo de adão saliente, com a atraente combinação de ingenuidade e charme.

Um rapaz de cidade pequena do fundo do coração, Travis fez Molly pensar duas vezes sobre ir para uma faculdade tão distante. E eu poderia esganá-lo por isso. Ao mesmo tempo, sinto uma inesperada onda de simpatia, porque eu também gostaria de mantê-la perto de mim.

Em sua última noite juntos, Molly e Travis saíram com um grupo de amigos, alguns prestes a ir para a universidade, outros já imersos em empregos e responsabilidades. Os dois ficaram fora até tarde, revisitando todos os lugares de que sabiam que sentiriam saudade depois de serem separados como sementes levadas pelo vento. Pararam no drive-in com a tela em péssimo estado, no estádio vazio, na lanchonete que ficava aberta a noite toda, no estacionamento no

vertedouro abaixo do lago. Não duvido que tenha havido outras paradas que ela não me contou.

Não tenho certeza, mas desconfio de que Molly entregou sua virgindade a Travis no vertedouro, em algum momento durante o verão. Naquele lugar secreto conhecido por ficar cheio de adolescentes, escondidos pelas sombras do barranco artificial. Ela ainda não me falou a respeito, mas já percebi sinais sutis. Observei que ela e Travis foram ficando mais próximos, seu vínculo ainda mais estreito graças a uma intimidade particular, impenetrável, que era ao mesmo tempo óbvia e invisível.

*Sexualmente ativa.* Soa como um termo médico. Uma mãe não gosta muito de pensar a respeito quando se refere a sua própria filha, mas em algum momento é preciso tirar os antolhos. Ou não, imagino, pensando em Dan. Sempre que eu tentava levantar o assunto, ele dizia: "Eles são bons garotos. Não vão fazer nenhuma bobagem."

Argumentar que bons garotos que não são estúpidos fazem bobagens o tempo todo não conseguiu fazer a conversa ir muito adiante. Acabei desistindo de falar a respeito com Dan. Algumas vezes tentei conversar com Molly sobre o tema. "Estou *ótima*, não se preocupe", foi a resposta dela quando tomei coragem para perguntar.

Não me importa em que século estamos, a verdade é que pais e filhos não foram feitos para conversar em detalhes sobre sexo. Nem devemos fingir que somos especialistas em amor, mesmo se formos. Entendo exatamente como é o amor no coração de uma garota, porque já tive a idade dela, muito tempo atrás. É por isso que essa situação com Travis me preocupa, porque eu entendo o sentimento. É tão poderoso quanto a influência da lua nas marés, devastadora e inevitável. Não há antídoto para a paixão e para a certeza que uma garota sente em relação ao rapaz que ela ama, assim como não há fim para as fantasias que povoam sua cabeça sobre seu futuro com ele.

Posso explicar racionalmente que a avalanche de emoções que nesse momento domina Molly e Travis não deve durar. Posso dizer a ela que ambos vão amadurecer e mudar, que vão seguir caminhos diferentes. Mas então teria de falar sobre minhas próprias escolhas, sobre meus próprios arrependimentos, sobre as tantas vezes que me peguei imaginando como teria sido minha vida se eu houvesse escolhido um caminho diferente.

Por um breve instante, considero a possibilidade de contar a Molly sobre Preston Warner, meu primeiro amor, e, até onde eu acreditava na época, o único, para todo o sempre. O baile de formatura era o tipo de noite mágica com a qual toda garota sonha, e, no meu caso, o sonho se tornou realidade. Eu usei um vestido azul, de seda, e Preston estava muito elegante em um smoking... e muito nervoso. Não apenas consumamos nosso relacionamento naquela noite como juramos ficar juntos para sempre, embora Preston estivesse prestes a partir para a universidade.

Naquela noite, entreguei não apenas minha virgindade, mas também todos os meus sonhos e esperanças, nas mãos de um rapaz que, embora eu não tenha percebido isso na época, não sabia o que fazer com eles. Então Preston fez o que os garotos da idade dele costumam fazer. Três meses depois de ter começado seu primeiro semestre em uma universidade particular concorrida, a um dia de distância de nossa cidade, ele começou a sair com outras garotas. Quando descobri, tive vontade de morrer. Andava como um zumbi, sentindo cada gota de alegria se esvaír de meu coração ferido.

Ainda me lembro do drama que foi nossa confrontação final. Preston veio me dizer pessoalmente que estava tudo terminado. Ainda consigo me lembrar do horror que senti nesse dia ao imaginar um futuro sem ele. Eu me enfureci e chorei até sentir o corpo fraco, drenado de qualquer energia; jurei que não conseguiria continuar sem ele. O rompimento causou uma dor que eu não podia dividir com ninguém. Minha mãe me entregou um pote de sorvete de cereja, mas jurei a ela que jamais comeria de novo. Ela disse com a

mais absoluta confiança que eu esqueceria Preston. Então desceu as escadas e continuou a passar roupa, enchendo a casa com o perfume de água de lavanda. Eu comi o sorvete de cereja, assisti a várias reprises do seriado *Seinfeld* e aprendi a rir novamente. E, sem que eu percebesse, um dia foi levando ao outro e acabei me dando conta de que não sentia mais falta dele.

Ouçó o choro baixinho, de cortar o coração, e a voz sussurrada de Moly pela janela do hotel, e decido não lhe contar nada disso. Ela e Travis vão acabar seguindo caminhos diferentes porque é assim que as coisas funcionam. Mas ela terá de descobrir isso por si mesma. O término de um amor deve ser experimentado em primeira mão, e não explicado pela mãe.

Ligo o rádio para dar mais privacidade a ela. Mesmo assim, posso imaginar o que está dizendo. Promessas de amor eterno e de “vamos ficar juntos para sempre” sendo sussurradas. Ninguém melhor do que eu sabe o quanto eles falam cada palavra a sério. Preston e eu também falávamos a sério, tantos anos atrás. Íamos viajar o mundo e viver juntos uma vida de sonho.

Hoje, Preston é dono de uma loja de ferragens na cidade, é calvo, tem uma barriguinha proeminente e quatro filhos. Quando paro na loja dele para comprar tachas para prender o estofamento ou uma lata de tinta, sempre me lembro daquele último verão depois que terminamos o colegial, das horas apaixonadas passadas no banco de trás do carro dele, das juras que fizemos um ao outro. Consigo ver além das lentes dos óculos bifocais que ele usa, além das têmporas grisalhas, o rapaz que era tão lindo e romântico quanto um príncipe de conto de fadas. Enquanto Preston me entrega minhas compras e nós conversamos sobre amenidades, pergunto-me se ele também pensa sobre o que já fomos um para o outro, se também se lembra. Será que ele olha para minhas calças desbotadas e para meus tamancos e se lembra da garota que eu já fui?

Encontrar com Preston é estranho, mas não chega a ser constrangedor. Ele é alguém que fez parte de minha vida

brevemente e então ficou no passado. Não sinto nenhuma melancolia ao vê-lo, e também nenhum arrependimento. Mas invejo-o por ter quatro filhos. Quando um vai embora, ele ainda tem os outros para lhe fazer companhia.

Ou talvez dizer adeus quatro vezes seja mais difícil do que dizer apenas uma.

Quando Molly volta para o quarto, seus olhos estão vermelhos e seu queixo tremendo. Sorrio para ela, mas não digo nada. Essa é uma questão muito delicada, e não quero forçar coisa alguma. Travis é um rapaz de ótima aparência e de pouca ambição, que vê seu trabalho na fábrica como um passaporte para a independência, e também como uma oportunidade para que ele possa mexer em seu Camaro na oficina do tio, nos fins de semana.

Mas Travis tem uma doçura peculiar, e Molly acha isso irresistível. Ela o ama, e seu amor é tão real para ela quanto suas médias no colegial. Molly acredita que aquele amor vai durar, não importa o que aconteça.

Ela espera muito de si mesma, e quer muito do mundo. Nesse momento, minha filha está sensível e sentindo-se solitária, sente saudade de Travis e seu coração dói como só acontece com o primeiro amor.

Preciso me perguntar: Fui eu que ensinei minha filha a amar com tanta determinação e a sentir tão profundamente? Estava errada ao fazer isso? Por outro lado, talvez eu a tenha protegido demais do sofrimento e por esse motivo ela não aprendeu a lidar com ele. Certa de que haverá mais homens em seu futuro, um *campus* inteiro cheio deles, me pergunto se fiz o bastante para ensiná-la a lidar com o amor e com a desilusão. Minha própria mãe nunca pareceu muito confortável para conversar comigo sobre os assuntos do coração. Ao menos era isso o que eu costumava achar. Hoje imagino se ela simplesmente sabia que eu descobriria tudo por mim mesma.

– Está com fome? – pergunto a Molly, depois de algum tempo em que ela está deitada na cama, olhando para o teto. – A cafeteria



ainda está aberta.

– Não tenho fome – diz ela baixinho. – E você?

– Também não. – É mentira. A salada do jantar foi decepcionante.

Mas não preciso comer. Não preciso do hambúrguer enorme, cheio de coisas que venho fantasiando desde que o vi no cardápio da cafeteria. Não preciso da torta de creme de coco que rodava na vitrine refrigerada. Há uma coisa que minha mãe nunca me disse. Depois que fazemos 40 anos, não é apenas nossa visão que começa a ir embora. Nosso corpo também muda. Atualmente, se eu comer coisas como cheesebúrgueres e tortas cremosas, as calorias parecem se transformar magicamente em culotes em meus quadris. Não me sinto diferente do que era há dez anos, mas com certeza minha calça jeans mostra a diferença.

Deixo minha mente divagar. Talvez, quando eu voltar para casa, entre para uma academia de ginástica próxima e comece uma rotina regular de exercícios. Correr atrás de Molly e por causa dela me manteve razoavelmente em forma ao longo desses anos. Graças a ela, fiz quilômetros de caminhadas com a tropa das bandeirantes, além de excursões a museus e parques. Também pedalávamos por horas nas bicicletas da família. Sei que ainda posso fazer caminhadas e andar de bicicleta sem Molly, mas por que eu faria isso? Não me sentirei motivada com a mesma facilidade de antes.

Um soluço baixinho me traz de volta ao presente. Olho para Molly e vejo que ela ainda olha para o teto. E lágrimas escorrem por suas têmporas.

Não digo nada porque sei que qualquer coisa que eu diga vai parecer superficial. Em vez disso, pego outra moeda, coloco na abertura e a caixa Magic Fingers começa a funcionar novamente.

## **TERCEIRO DIA**

*Leitura do hodômetro: 196.776km*

“Não é inteligente ser didático sobre a nomenclatura dos padrões de quilt.”

FLORENCE PETO, em *American Quilts and Coverlets* (1949)

“... é tolice ser didático, porque os fatos são muito evasivos. Agora percebo que nem todos os padrões têm um nome, que não há um nome correto para nenhum desenho.”

BARBARA BRACKMAN, em *Encyclopedia of Pieced Quilt Patterns*

## ***Capítulo Cinco***

---

NA BEIRA da estrada se espalham os restos da carnificina da noite anterior. Um guaxinim aqui, um gambá ali, ocasionalmente o animal de estimação de alguém reduzido a uma mancha irreconhecível. Nem eu nem Molly dizemos uma palavra a respeito. Odeio a ideia dessas criaturas sofrendo enquanto as pessoas dormem, ignorando o que acontece.

O café da manhã – a Surpresa de Arregalar os Olhos – que pedi só porque gostei do nome queima em meu estômago. No assento do motorista, Molly estica a mão e liga o rádio. Então muda de pista para ultrapassar um trailer que tem o adesivo de um passarinho na lateral.

Dobro novamente o mapa que vai guiar nosso dia de viagem. Planejamos pegar alguns atalhos hoje e cobrir pelo menos 600 quilômetros. As poucas cidades ao longo do caminho não são mais do que nomes desconhecidos como Nickel Box, Mulehorn e Futch's Corner. Na maioria das vezes parece que estamos atravessando uma terra inabitada, a maior parte dela protegida pelo Departamento de Reservas Naturais e muito verde.

– Temos combustível suficiente? – pergunto.

– Três quartos de tanque. A mesma quantidade que tínhamos na última vez em que você perguntou, há dez minutos.

A maior das cidadezinhas por onde vamos passar, Futch's Corner, fica bem no meio do caminho. Poderemos abastecer lá.

– Não consigo decidir se trabalho no quilt ou se leio – digo a Molly.

– Por que não ouve música e aprecia a paisagem?

– Já fiz isso.

Ela dá uma risadinha e balança a cabeça.

– Você tem sempre de estar ocupada com alguma coisa.

– Não há nada de errado com isso.

– A não ser pelo fato de que você pode acabar deixando de ver alguma coisa. Relaxe, mãe.

– Está certo. Vou ficar olhando pela janela.

A coisa mais interessante que vejo é um melro de asas vermelhas sobre um arbusto.

Se eu for honesta comigo mesma, há uma razão para me manter ocupada. Estar concentrada em outras coisas me ajuda a não pensar em meus próprios problemas. Estou enjoada de mim mesma, de minha indecisão, de minha permanente lamentação mental. Minha filha está deixando o ninho como todas as filhas fazem em algum momento, e minha obrigação é deixá-la ir e seguir em frente com minha vida. Deveria ser uma simples questão de estabelecer um objetivo para mim mesma, um que não envolvesse Molly, nem sequer indiretamente. Posso não ter um diploma universitário, mas não sou burra.

Sei que preciso redescobrir quem sou, agora que não sou mais apenas a mãe de Molly. Amigos bem-intencionados me dizem para voltar a ser a pessoa que eu era antes de Molly nascer. Será que sou aquela mulher de vinte e poucos anos que costumava dormir tarde, que fumava e que nunca precisava olhar para um relógio?

Essa não sou mais eu. Nunca mais serei assim de novo. Não quero voltar a ser aquela pessoa que vivia cada dia sem pensar, gastando o tempo irrefletidamente, como se tivesse um estoque infinito dele e pudesse desperdiçá-lo à vontade.

Outros amigos me lembram de que meu casamento agora volta à linha de frente. Dan e eu teremos de redescobrir como ser um casal sem filhos. Como éramos antes de nos tornarmos pais de Molly? Sobre o que costumávamos conversar, do que ríamos, o que nos fazia chorar? Um aparelho de som melhor, uma casa maior, uma semana extra de férias do trabalho? Como essas coisas poderiam importar agora?

Foi Molly quem nos mostrou quais eram as coisas mais importantes. São os momentos que surgem de repente, quando mal estamos prestando atenção. Como quando saímos para checar a caixa de correio e descobrimos que nossa filha aprendeu a andar de bicicleta em duas rodas. E que ela está tão empolgada com isso que é como se houvesse aprendido a voar. Ou quando abrimos a caixa da geladeira nova, para cuja compra poupamos durante meses, e ela nos mostra que a melhor coisa em relação à nova aquisição é a caixa vazia.

Antes de Molly, o que importava para mim e para Dan? Quando éramos recém-casados, ele me agarrava no instante em que acordava toda manhã e dizia "Você está aqui!" como se eu fosse a resposta para todos os seus sonhos. Não consigo me lembrar de quando meu marido parou de fazer isso. Sem dúvida seria tedioso e repetitivo se ele continuasse a fazer a mesma coisa para sempre, mas era muito bom saber exatamente o que eu representava para Dan.

DENTRO DE uma moldura oval no quilt está uma das blusas de algodão favoritas de minha mãe, uma com a estampa de minúsculos guarda-chuvas. Por algum motivo ela me inspira a bordar a mensagem: *Faça o que lhe dá medo.*

Não o que dá medo a sua mãe. O que *Ihe* dá medo. Espero que Molly entenda a diferença.

Vejo passar de relance, pelo canto dos olhos, alguma coisa fora do comum.

– Molly, vá mais devagar – digo. – Olhe ali.

É um desvio da rodovia indicando “Torre de Pisa Inclinada, Iowa”.

Molly parece em dúvida e checa o relógio no painel do carro. Sinto uma pontada de irritação diante da ansiedade dela de chegar logo a nosso destino final. Será que não pode diminuir só um pouquinho o ritmo?

– Era você quem queria que eu apreciasse a vista e relaxasse – lembro a ela. – Estamos indo em um bom ritmo.

– Está certo. Vamos lá.

Nós damos uma olhada na torre inclinada, que não passa disso. Um reservatório de água, em forma de torre, inclinado para um lado. Na próxima ventania ele pode tombar, explica um cartaz ao lado. Nós tiramos fotos para mandar por e-mail para Dan. Temos ligado todos os dias para ver se ele está bem. A conversa é sempre previsível: devemos manter o tanque cheio, checar o óleo e a pressão nos pneus ao menos uma vez por dia. Devemos ter cuidado.

– Está vendo? – Tento não parecer muito presunçosa quando voltamos para o carro. – Aprendemos uma coisa nova todos os dias.

Molly resolve me dar a vez no volante. Ela quer telefonar para Travis e não tem permissão para fazer isso enquanto está dirigindo.

– Não tem sinal algum – lamenta Molly, olhando de cara feia para a tela do telefone celular. – Droga.

– Você só precisa apreciar um pouco o cenário e relaxar.

Ela procura na bolsa e pega o folheto de informações que a universidade mandou.

– Kayla Jackson, da Filadélfia – diz Molly, referindo-se a sua colega de quarto. – Como deve ser Kayla?

– Sortuda – brinco. – Afinal, foi colocada com você, não foi?

– A mãe dela deve estar dizendo a mesma coisa. Ai, meu Deus, e se nós não nos suportarmos?

– Você disse que ela parecia ótima no e-mail que trocaram.

– Predadores sexuais também parecem ótimos nos e-mails, mamãe.

Viro imediatamente a cabeça para encará-la.

– Como você sabe disso?

– Todo mundo sabe disso. Pelo amor de Deus, não faça drama. Não converso com pervertidos por e-mail. Aliás, não converso com pervertidos de jeito nenhum!

– Subitamente começo a achar que não conversamos o bastante sobre esse assunto.

– Que assunto? Pervertidos? Posso conversar sobre pervertidos sempre que você quiser, mamãe.

– Deixando as brincadeiras de lado, querida...

– Mamãe, nós já conversamos sobre isso há muito tempo, sobre essa história de eu me respeitar e usar minha cabeça. Fiz 12 semanas de aulas de autodefesa feminina e, sim, li *Virtudes do medo*. Estou o mais segura possível.

– Você tem todas as respostas, não é, mocinha?

– E terei muito mais depois que estiver na faculdade.

Nós paramos para almoçar e para encher o tanque em Futch's Corner, uma cidade com quatro sinais de trânsito, uma estação de trem abandonada e um ponto de ônibus.

Vários depósitos de estoque, com as paredes pichadas, se alinham na estrada principal. O único café tem um cardápio ilustrado, que nos ajuda a evitar a salada verde que, por aqui, parece ser feita só com repolho.

Em um reservado perto de nós está sentado um casal idoso, um de frente para o outro, tomando sopa metodicamente e comendo biscoitos salgados para acompanhar. Eles conseguem atravessar toda a refeição sem trocar uma única palavra. A esposa coloca

creme nas xícaras de café de ambos. Quando eles se levantam, ao fim da refeição, o marido apoia a mão nas costas da esposa.

– Velhinhos são tão fofos, não são? – comenta Molly.

Velhinhos são um pesadelo. Não é difícil ver a mim e a Dan em um casal como esse, silencioso e companheiro, mas sem nada para dizer um para o outro. Quero muito mais para nós dois, quero risadas e conversas interessantes, quero compartilhar momentos preciosos com meu marido. Costumava achar que sabia como seria minha vida depois que Molly saísse de casa, mas agora já não tenho tanta certeza.

Quando ela estiver na faculdade, Dan e eu vamos ter de nos encarar novamente sem ninguém entre nós, sem eventos esportivos para assistir ou rodízio de caronas para a escola, sem horário certo para dormir, sem um calendário escolar para ditar nossas vidas. Para mim, parece um vácuo, quase um precipício a minha frente. Um espaço vazio. Deveria ser bom, mas nunca fui boa em lidar com espaços vazios. Talvez seja por isso que gosto de fazer quilts. Cada peça se encaixa perfeitamente na outra para preencher completamente o espaço.

Retornamos à rodovia principal e vamos em direção ao leste. De repente, vemos um carro enguiçado no acostamento. Eu diminuo a velocidade, mas não paro. O capô do carro está levantado, e há uma mulher parada ao lado dele. Ela está com um bebê apoiado no quadril e não há mais ninguém à vista. Diminuo ainda mais a velocidade, olhando pelo espelho retrovisor para ver se ela está falando em um telefone celular, pedindo ajuda.

Não está. Ela tenta acalmar o bebê e tira uma bolsa de fraldas de dentro do veículo.

Alguém irá aparecer para ajudá-la, imagino. Mas aquele é um pedaço vazio da estrada e não há ninguém à vista em nenhuma das duas direções.

– O que está fazendo? – pergunta Molly quando eu paro e retorno.



– Vou me certificar de que aquela mulher lá atrás está bem. Talvez ela precise usar meu celular.

– Mamãe, não é você que tem todas aquelas regras sobre não dar carona a estranhos?

– Eu não disse nada sobre dar carona a ela. Mas não vou deixá-la desamparada no meio da estrada. – Passo de novo pelo carro enguiçado, torno a virar e paro em frente ao automóvel da mulher, um Chevette Vega empoeirado, com placa de Nevada.

– Obrigada por parar – ela diz. – Estourei a mangueira do radiador.

A mulher não parece ser muito mais velha do que Molly. Está usando uma camiseta sem mangas sob uma blusa aberta, short e chinelos. Seus olhos estão inchados, e o bebê choraminga.

– Você já pediu ajuda?

– Não tenho celular, e a última cidade está 60 quilômetros para trás.

– Vamos tentar meu celular – digo a ela. Então saio do carro e entrego o aparelho à mulher.

O bebê me olha fixo. É um menino, deve ter pouco mais de um ano e tem cheiro de fruta madura. Um muco esverdeado escorre de seu nariz, e ele não para de tossir. Enquanto a mãe usa o celular, ele enfia o dedo gorducho nos botões do aparelho.

– Nada – ela fala, depois de um instante. – Não tem sinal. Obrigada, de qualquer modo.

Ela me devolve o telefone e tenho de resistir ao impulso de limpá-lo em minha blusa.

O bebê tem uma crise de tosse. A mulher olha ao redor. Uma brisa sopra nas árvores de bordo prateadas, espalhando algumas folhas secas. No assento traseiro do carro dela há um carrinho de bebê dobrável e um assento infantil.

O silêncio se prolonga. Respiro fundo e, indo contra todas as minhas crenças, digo:

– Vamos lhe dar uma carona.

– Você não precisa fazer isso. – Mas, apesar das palavras, a mulher parece prestes a desmaiar de alívio.

Molly sai do carro com o mapa na mão. O bebê irritado volta o olhar para ela.

– É sério, não precisa – insiste a mulher.

– Não tem problema – afirmo. – Para onde você está indo?

– Para Honeymoon – responde ela. – É minha cidade natal. Estou voltando para lá, mas esse maldito carro não quer cooperar.

Molly encontra a cidade no mapa. Fica a cerca de 80 quilômetros ao norte, em uma estrada marcada por uma linha cinza quase apagada, bem fora de nosso caminho. A coisa mais inteligente a fazer seria dirigir até um lugar em que houvesse sinal para o telefone celular e avisar o lugar em que o veículo enguiçara.

Talvez eu não seja tão inteligente. Não paro de pensar que, se fosse Molly no lugar daquela moça, eu gostaria que alguma mulher gentil parasse para ajudá-la.

– Molly, você pode me auxiliar com o assento infantil? – pergunto.

Minha filha ergue as sobrancelhas, mas obedece no mesmo instante.

Eu me apresento e fico sabendo que o nome da mulher é Eileen. O bebê é Josten.

– Os avós dele nunca o viram – ela diz. – Fico muito, muito grata a vocês. – Eileen torce o nariz e acrescenta: – Preciso trocar a fralda dele.

Ela deita o bebê no assento de trás do carro enguiçado. O estofado está cheio de pedaços de biscoito e cereal seco.

– É a última – fala a mulher, pegando uma fralda na bolsa.

O menino berra enquanto a mãe tira a fralda.

– Pare com isso – repreende Eileen quando ele começa a chutá-la.

– Josten... oh, Josten. Que sujeira! – Ela volta a mexer na bolsa de fraldas. – Droga. Estou sem lenços umedecidos.

Molly olha horrorizada por um momento, então pega alguma coisa na bolsa do quilt.

– Tome, use isto.

É um retalho de uma saia para árvore de Natal, do primeiro Natal que eu e Dan passamos juntos. Na verdade, a saia para árvore mais parece uma toalha de mesa.

– Tem certeza? – pergunta Eileen.

– Sem problemas – digo a ela.

– Obrigada.

A expressão de Molly é impagável, enquanto ela observa Eileen secar as lágrimas do menino, limpar seu nariz e então usar o mesmo pano para limpar o traseiro. Essa é uma justificativa para o controle de natalidade muito melhor do que qualquer sermão que eu possa fazer, embora signifique um triste fim para a saia de árvore de Natal. Eileen coloca a fralda limpa no bebê, mas o macacão que ele usava por cima está ensopado. O menino começa a berrar novamente.

– Não tenho uma muda de roupas para ele. – Eileen também parece prestes a cair no choro a qualquer momento.

Olho para a bolsa do quilt, hesitando apenas um instante. No fundo há um macacãozinho rosa.

– Isto provavelmente vai servir. Foi de Molly quando ela estava com mais ou menos essa idade. Veja se serve. – Respondo à pergunta muda na expressão de seu rosto: – Trouxe uma bolsa cheia de pedaços de tecido antigos para acrescentar no quilt em que estou trabalhando.

– Então não posso usar isso.

– Claro que pode. Vá em frente. Tenho muitos outros. O bastante.

Ela veste o macacão em Josten. O bebê chora enquanto a mãe o prende ao assento do carro, os soluços interrompidos apenas pela tosse. Eileen entrega a ele uma mamadeira com suco de maçã pronto, mas o menino a joga para o lado. Vejo que Molly está tentando não se encolher de horror.

– Ufa! – diz Eileen. – Por favor, me desculpem por ele.

– Não precisa se desculpar. Ele está febril?

– Um pouco, acho. Eu lhe dei algumas gotas de Tylenol antes de vocês pararem. – Ela pega a bolsa de fraldas, a própria bolsa, então fecha o veículo, e todas caminhamos para meu carro.

Depois de algum tempo, os brados do bebê se acalmam, já que a monotonia do automóvel na estrada o embala. A estrada que parecia tão inocente no mapa é estreita e cheia de curvas, com um limite de velocidade de 60 quilômetros. No entanto, agora é tarde demais para mudar de ideia; já nos comprometemos.

No caminho, descobrimos que Eileen e o namorado haviam ido juntos para Las Vegas procurar trabalho.

– Minha mãe não queria que eu fosse, mas não havia nada para mim em Honeymoon além de algum emprego nojento em alguma lanchonete. Las Vegas era onde poderíamos ter as melhores chances, já que eu queria ser dançarina. Eu *era* dançarina até ficar grávida.

– Dançarina nos shows de Las Vegas? – pergunta Molly, interessada.

Eileen faz que sim.

– Estava no coro em um show no Monte Carlo.

– Que legal! – diz Molly.

– Era mesmo. Mas... é mais difícil do que possa imaginar, com um namorado preguiçoso e um bebê. Minha mãe também dançava, mas nunca profissionalmente. Ela sempre quis trabalhar em um show, mas jamais teve a oportunidade.

– Então é ótimo que você tenha conseguido – comento, tentando dizer alguma coisa positiva.

Eileen dá uma risadinha sem humor.

– Duvido que minha mãe pense assim. Ela estava apavorada com a possibilidade de eu conseguir um sucesso que ela jamais conseguiu.

Não tenho a menor ideia do que dizer depois disso. Dou uma olhada pelo espelho retrovisor. Eileen está acariciando a testa de Josten.

– Minha mãe tentou de tudo para me fazer desistir de ir embora, mas parti mesmo assim – fala ela. – Foi um grande erro.

– O quê? Ir embora de casa? – pergunta Molly.

– Ir embora com *e/e*. Com meu namorado, Mick. Meu ex-namorado, agora.

Não há nenhum clima de “eu lhe disse” quando paramos diante da casa de madeira no extremo de uma cidade chamada Honeymoon. A mãe de Eileen, que não parece ter nem um dia mais do que 40 anos, abraça a filha com uma intensidade que emana alívio e gratidão. Ela olha para o bebê, que agora dorme relaxado e tranquilo, e segura-o contra o corpo como se ele fosse parte dela.

– Olhe para este bonequinho – sussurra a mãe de Eileen, fechando os olhos e inspirando. – Olhe para ele.

Apesar das linhas de fadiga ao redor da boca, o rosto de Eileen se ilumina de alegria.

– É bom estar em casa – fala ela.

– Estou tão feliz por você estar aqui! – responde a mãe. – Não sei o que eu faria sem você. – Então ela se vira e me agradece com a voz trêmula: – Gostaria de ficar para o jantar? Consegui espigas de milho verde ótimas com um vizinho, e acabo de fazer limonada, está fresquinha.

– Obrigada, mas precisamos continuar a viagem – disse a ela.

Molly me surpreende dizendo:

– Talvez um copo de limonada...

A mulher, Shelley é o nome dela, serve a bebida gelada em copos descombinados e nos pergunta sobre nossa viagem.

– Minha mãe está me levando para a universidade – diz Molly.

– Meu Deus, universidade... Que emocionante!

O bebê começa a resmungar, querendo acordar, e Eileen se vira para cuidar dele. Aproveito para admirar a colcha de retalhos jogada sobre as costas do sofá, e Shelley me diz que é uma herança de família.

– Estou trabalhando em um quilt – digo. – É meu maior projeto no momento.

– Gosto de costurar – ela diz. – Fiz todas as roupas que Eileen usava para dançar. Mas já não costuro muito agora. A fábrica de tecidos local fechou, e a outra mais próxima fica a 50 quilômetros de distância. Eles têm todo o necessário lá, mas sinto falta da loja daqui. Todas as mulheres eram amigas, sabe como é?

Penso na loja em minha cidade. Aqui, no meio do nada, essa mulher havia conseguido formar uma comunidade de mulheres.

Ela nos deu um mapa local que mostrava muito mais do que o mapa que tínhamos. Shelley indicou uma estrada que nos levaria de volta à rodovia e nos faria sair uns 120 quilômetros adiante de onde estávamos.

Molly assume o volante outra vez. Pego meu quilt. Ela diz:

– O papai vai ficar furioso quando souber que você deu carona a uma estranha.

– Ela precisava de ajuda, não tínhamos escolha.

– Fico feliz por termos podido ajudá-la. Mas agora estamos atrasadas em nossa programação.

– Não precisamos estar em nenhum lugar específico, Moll. Os 600 quilômetros eram apenas um objetivo.

Nós passamos por algumas cidades com pequenas lojas e estacionamentos para trailers. Há um ar de exaustão que parece saturar a atmosfera desses lugares, e ficamos felizes quando os deixamos para trás.

Quando tornamos a alcançar a rodovia principal, o sol já havia se posto, e era hora de descobrirmos um lugar para jantar e para passar a noite. A rodovia parecia assustadoramente descampada, poucos carros passavam.

– A estrada está tão vazia... – comenta Molly. – Quanto falta para alcançarmos a próxima cidade?

– Quase 160 quilômetros. Está preparada?

– Parece que não temos escolha.

Ela liga um adaptador no mp3 para que possamos ouvir música através dos alto-falantes do carro, e começamos uma discussão sobre qual é a música mais tola. "This Is Why I'm Hot" seria minha escolha, mas Molly escolhe "Ringworm", de Van Morrison. Então começamos a dissecar algumas letras de antigas músicas do Yes.

– Qualquer coisa vai parecer tola se ouvirmos com muita atenção – digo.

Molly muda a música para uma trilha em francês.

– Sem dúvida estamos juntas neste carro tempo demais.

Alguns minutos depois, vejo um outdoor luminoso erguendo-se do meio de um campo de alfafa.

– Pousada Ramblers, em Possum, no Illinois. Quer dar uma olhada?

Molly concorda, e seguimos por mais dois quilômetros até a próxima placa.

Uma placa em néon vermelho na janela da recepção indica que há quartos disponíveis, e eles também têm uma loja de conveniência. Os pneus do carro fazem barulho quando passam sobre o cascalho da entrada.

– O que acha? – pergunta Molly.

– Acho que vale a pena dar uma olhada. Se for horrível, voltamos para a estrada.

Não é horrível, apenas um pouco estranha. A Pousada Ramblers consiste em um grupo de pequenas cabanas independentes na beira de um lago de trutas. Nosso quarto é simples, mas limpo, com paredes de pinho escovado, cortinas em tecido xadrez e um genuflexório antiquado ao lado de uma das camas.

O proprietário, um homem usando jeans e uma camisa xadrez, nos diz que há uma fogueira ao ar livre, perto do lago, onde os hóspedes se reúnem para cantar e tostar marshmallows.

– Cantar? – resmunga Molly. – De jeito nenhum!

– Poderíamos fazer um dueto em "You Are My Sunshine".

Ela se encolhe, horrorizada, e eu sorrio, travessa.

– Ou para “Kumbaya”...

O restaurante mais próximo, diz o anfitrião, é um lugar chamado Grumpy’s, que fica uns poucos quilômetros adiante, na estrada.

– Mas eles provavelmente estão fechados a esta hora – avisa ele.

Como estamos famintas, vamos até a loja de conveniência e compramos salsichas para assar junto à fogueira, e também uma mostarda amarelo brilhante e pães de cachorro-quente, meio amassados. O tipo de refeição proibida em uma cozinha que se preze. Em um impulso, compro os ingredientes para um tipo de sobremesa que não comemos desde as viagens para acampar que fazíamos quando Molly era pequena.

Descemos até a beira do lago, onde a fogueira ruge para o céu noturno. Há pelo menos três grupos discretos perto dela, mas todos compartilham aquele tipo de camaradagem instantânea que parece brotar entre estranhos em acampamentos. Eles abrem espaço para nós no círculo ao redor do fogo, e assamos nossos cachorros-quentes, dividindo o que sobra.

A tranquilidade na beira do lago é impressionante, o céu, muito negro com a ausência de luzes da cidade. Tão negro que é possível distinguir as cores das estrelas: vermelho e violeta, prateado e verde-escuro cintilante. O reflexo delas é como moedas na superfície da água.

Molly e eu sentamos uma ao lado da outra e conversamos um pouco com os outros viajantes. Há uma jovem família de Cottage Grove, que acaba de vender a casa onde morava e está se mudando para Cleveland. Há também outra família, não tão jovem. Os pais têm mais ou menos minha idade, mas as crianças são pequenas, com feições asiáticas, por isso presumo que são adotadas. Um casal aposentado, os dois bastante reservados, parecendo não querer se misturar muito, nos diz que está fazendo uma viagem de um mês em direção ao Centro-Oeste do país. Molly, é claro, gravita na direção de dois rapazes que parecem ter a mesma idade dela. Os



dois estudam na universidade Penn State, por isso sair de casa já é uma rotina para ambos, que estão indo sozinhos para a faculdade.

Molly parece ter se esquecido da sobremesa, mas as crianças se aproximam animadas quando pergunto se querem ajudar. Eu demonstro como colocar um pouco de creme batido e açúcar em um saco plástico pequeno, vedado. Depois de bem fechado, colocamos o saco dentro de outro maior, com gelo e sal. Essa é a parte favorita das crianças, sacudir até que o creme e o açúcar se transformem em sorvete.

– Que ótimo truque – a jovem mãe comenta comigo, observando os pequenos sacudirem o saco.

– Aprendi com minha mãe. – Olho na direção de Molly, que agora explica todo o processo do sorvete improvisado para os universitários, que ficam fascinados.

Não demora muito e todos ao redor da fogueira estão fazendo sorvete em um saco, e as crianças transformam o ato de sacudir em uma dança selvagem. Algumas fagulhas da fogueira atingem uma manta, que começa a pegar fogo. Por sorte logo alguém percebe e apaga rápido. As pessoas aproveitam para afastar suas mantas do fogo, e ficamos mais atentos depois disso.

Todos acham o sorvete delicioso. Na verdade, é um pouco sem graça, mas toda a diversão envolvida acaba emprestando mais sabor. Um dos universitários toca uma gaita. Então, como sabemos que nunca mais vamos ver essas pessoas de novo, eu e Molly nos permitimos ser tolas e cantamos “You Are My Sunshine”, em um dueto perfeito. Nossos ouvintes são gentis o bastante para bater palmas. Ficamos perto do fogo até bem tarde, até eu começar a sentir os efeitos do longo dia e da noite fria em minhas costas.

– Estou indo para a cama – digo a Molly.

Fico preocupada com a possibilidade de ela querer ficar mais tempo com os dois rapazes. Os olhos dela brilham ao conversar com eles. Luto contra a vontade de alertá-la de que os dois são estranhos e que estamos em um lugar estranho. Logo não vou estar por perto

para protegê-la, por isso é melhor me acostumar com o frio no estômago.

Mas Molly me surpreende ao se levantar e recolher o lixo e as sobras do que compramos.

– Também vou entrar. Temos de estar cedo na estrada para compensarmos o tempo que perdemos hoje.

Não perdemos tempo algum. Sei muito bem como e onde o usamos, e não mudaria absolutamente nada.

Enquanto caminhamos para nossa cabana, Molly comenta:

– Aquelas crianças adoraram fazer sorvete.

– Lembra-se da primeira vez que fiz com você?

– Foi no acampamento das bandeirantes, no lago Pegasus. Eu tinha quantos anos, 6? E tinha a mãe mais legal de todas.

A lembrança que tenho daquele acampamento é de me sentir inadequada. As mães profissionais, como comecei a defini-las, haviam se lembrado de tudo, desde o repelente até as barras de cereal para o café da manhã. Elas sabiam como assar uma refeição inteira em uma folha de papel laminado, como tecer um fio em uma pulseira da amizade e também sabiam o nome das constelações. Meu truque esperto para fazer sorvete não parecia grande coisa. Agora me sinto ridiculamente feliz por saber que minha filha achou que eu era a mãe mais legal.

Molly vai tomar banho. Eu folheio o guia de viagens, imaginando o que nos aguarda no dia seguinte. Na contracapa do guia há um anúncio em que eu não havia reparado, com uma lista de números de telefones de quem chamar no caso de o carro enguiçar.

## QUARTO DIA

*Leitura do hodômetro: 197.368km*

“Enquanto o pai e o irmão construía o abrigo simples e seguro, que serviria de lar para gerações depois dela, a menina, sentada junto aos joelhos da mãe, trabalhava em seu próprio projeto de cabana rústica, um Log Cabin. E ele se tornaria a quintessência do quilt americano.”

SANDI FOX, em *Small Endearments, 19th Century Quilts for Children*

## ***Capítulo Seis***

---

SEGUIMOS VIAGEM no dia seguinte e estamos curiosamente quietas uma com a outra, ambas perdidas em nossos mundos particulares, embaladas pela monotonia da estrada. Paramos para passar a noite em um lugar muito mais convencional, onde temos acesso sem fio à internet e podemos assistir a filmes pagos na TV. Mas o lugar não nos diverte nem a metade do que nos divertimos na noite anterior, na cabana e perto da fogueira. O quarto cheira a carpete novo e a produtos de limpeza. As camas são como duas balsas retangulares, cobertas com colchas bege.

– Vamos sair – digo, abrindo a porta que dá para o estacionamento e examinando as várias placas em néon que se acumulam na rua principal.

Molly me olha como se subitamente houvesse nascido um chifre em minha cabeça.

- O que você quer dizer com sair? Nós já jantamos.
- Quero dizer sair. Ir a um desses bares.
- Para fazer o quê?

Preciso pensar um instante. Já faz bastante tempo que não vou a um bar assim.

– Beber alguma coisa – explico. – Tenho certeza de que os barmen ainda lembram como fazer um Shirley Temple. Podemos observar as pessoas e ouvir música.

– E se pedirem minha identidade?

– Não é ilegal entrar em um bar em Ohio na sua idade, desde que você não tome bebida alcoólica.

– Você checkou?

– Sempre checko.

Ela parece tão desconfiada que me sinto vagamente insultada.

– O que foi?

– Só acho esquisito sair de noite para um bar com minha mãe.

– Não estamos saindo nesse sentido. Estamos indo a um bar apenas para espalhar um pouco. Não parece haver nenhum outro lugar interessante aberto.

– É esquisito.

– Está certo, Molly, então vamos ficar aqui. Você pode assistir às reprises dos *Simpsons*, e eu trabalharei no quilt e ficarei me lembrando do passado.

Quinze minutos depois, já estamos saindo. Molly passou esse tempo todo diante do espelho, se arrumando. E preciso admitir que ela leva jeito com as escovas e os produtos de maquiagem. Agora seus olhos estão sombreados nos cantos, os cabelos brilhantes e os lábios cor-de-rosa. Ela me olha de cima a baixo e franze o cenho.

– Já vi essa blusa antes, mamãe.

– Nunca percebi que você havia *reparado* nesta blusa antes. – Passo as mãos pelo algodão brilhante. Só que ele já não é mais tão brilhante. Acho que a blusa já está um pouco desbotada há algum tempo.

– Ela é meio... antiga?

– Mas ainda serve. Aliás, está em perfeito estado.

– Mas você tem essa blusa desde sempre. E o jeans também. E também os sapatos e a bolsa. Era a bolsa que você usava quando me levava para a escola na primeira série.

– Cuido bem de minhas coisas – explico. – É uma virtude.

– Está certo, mamãe, mas... você usa as coisas tempo demais.

Ela fala com gentileza, mas mesmo assim entendo o que quer dizer. Embora eu sempre tenha me apressado para comprar novidades para Molly, nunca prestei muita atenção a meu próprio guarda-roupa. A não ser por algum evento especial do colégio, não costumo precisar de muito no que se refere a roupas. Sei costurar com a rapidez do vento, mas gosto de fazer fantasias e artesanato, e não blusas e vestidos. E nunca fui muito fã de sair para fazer compras. Dou um sorriso para Molly, enquanto pego um casaco leve e minha bolsa.

– Acredite em mim, o mundo não está nem um pouco interessado em minha falta de senso de estilo. Ainda mais quando estou com uma garota de barriga de fora.

– Não estou me exibindo. – Ela confere a blusa curta no espelho.

Um ano atrás, Molly nos implorou para deixar que fizesse uma tatuagem e, é óbvio, nós recusamos. Depois que ela completou 18 anos, já não precisava mais de nossa permissão, mas, para meu imenso alívio, minha filha não saiu correndo para o ateliê do tatuador. Talvez tenha esquecido que aquela era a única coisa que tornaria sua vida completa. E com certeza não serei eu a lembrá-la disso.

Caminhamos juntas no crepúsculo, e a brisa sugere levemente o outono que está prestes a chegar. Ainda não há o friozinho do outono nela, mas sim um perfume seco, quase imperceptível. O perfume de algo já um pouco maduro demais.

A rua principal é ladeada por prédios de meados do século XX, de tijolos amarelos ou de pedra esculpida. As lojas e os bancos estão fechados, as persianas nas janelas, baixadas como pálpebras

semicerradas. Em meio a esses prédios, o som da música e das risadas escapa de três bares diferentes.

Um deles, chamado Grins, tem um placa na frente avisando que não cobram *couvert* artístico. Do outro lado da rua, está o Tierra del Fuego, anunciando música ao vivo, sem especificar de que tipo. E duas portas mais abaixo na rua há um lugar chamado Home Base. Luzes cintilantes emolduram uma foto de Beulah Davis, e escolhemos esse bar porque ela tem nosso sobrenome e porque gosto da foto. Nela, a mulher está sorrindo, embora tenha uma expressão melancólica nos olhos. Suas mãos, apoiadas sobre um violão, parecem fortes e capazes de sustentar todo o peso de um grande talento.

Entramos no intervalo entre as apresentações. A batida forte da música de um CD pulsa através dos alto-falantes. O lugar está cheio de pessoas amontoadas ao redor de mesas de bar altas. O cheiro acre de cerveja deixa o ar pesado. Um grupo de homens joga sinuca sob uma luminária larga e convexa. No canto, o palco está escuro e quieto. Uma guitarra e um violão estão apoiados em seus suportes como moças esperando para serem convidadas a dançar.

Eu paro por um instante para que meus olhos se ajustem à luz baixa e sinto uma pontada de insegurança. Também percebo a hesitação de Molly e, sem pensar, seguro sua mão – sempre a mãe – e a guio até um reservado de onde teremos vista para a pista de dança e para o palco. Um bom número de casais oscila ao som da música, na escuridão, os braços nus e macios das mulheres abraçando os ombros dos homens.

Sinto falta de Dan e sou subitamente assaltada por uma onda de nostalgia. Ele não gosta de dançar, mas gosta de mim. Por isso, às vezes, não tem outra escolha que não me tomar nos braços e dançar comigo.

Molly pede um refrigerante com limão, e eu, uma cerveja.

– Preciso ver a identidade – diz a garçonete.

– A cerveja é para mim

– Identidade, por favor – repete ela, inclinando-se em minha direção.

A situação é ao mesmo tempo surpreendente e lisonjeira. Na mesma hora mostro minha carteira de motorista. A mulher acena, satisfeita, e ruma para o bar. Molly se serve do prato de nozes e examina a multidão. É um grupo bem heterogêneo, pessoas de todas as idades relaxadas, conversando, algumas delas bebendo muito e rindo alto demais. Um casal sentado em um reservado do outro lado da sala parece brigando, um inclinado na direção do outro, as bocas retorcidas, feias com os insultos declarados.

A música para e os casais na pista de dança ficam quietos. A cantora aparece no canto do palco, acompanhada por um baterista, um baixista e uma mulher em um teclado. São recebidos com aplausos, e nós deixamos as bebidas de lado para ouvir. A cantora pega a guitarra e sorri enquanto os músicos se arrumam no palco. Então, aproxima os lábios do microfone.

– Esta é uma música de um cara que conheci, Doug Sahm, de Kilgore, no Texas.

Uma melodia doce e cristalina se espalha pelos alto-falantes enquanto ela acaricia a guitarra.

É o tipo de música que parece nova mesmo que já a tenhamos ouvido centenas de vezes. Há algo em uma boa música ao vivo que provoca isso na gente. Experimento uma sensação de pura felicidade se espalhando dentro de mim e, quando olho para Molly, vejo que ela sente a mesma coisa. Há muito poucas pessoas com quem se pode falar sem palavras, e o fato de minha filha sempre ter sido uma dessas pessoas não tem preço.

Agarro-me a esse momento, porque aprendi há muito tempo que a felicidade não é um longo e permanente estado de ser. Assim como a própria vida, a felicidade é feita de momentos. Alguns são passageiros, feitos para não durar mais do que o tempo de uma linda música. Mesmo assim, a soma de todos esses momentos pode criar um calor capaz de nos sustentar. Observo Molly e me pergunto



se ela sabe disso e, se não souber, se é algo que eu possa ensinar a ela.

Molly percebe a pergunta em meu olhar, inclina a cabeça para o lado e pergunta, apenas com o movimento dos lábios:

– Algum problema?

A cantora agora é acompanhada pelos demais membros da banda e passa para uma música mais dançante. O volume aumenta muito. Inclino-me por sobre a mesa.

– Problema nenhum. Estava apenas me perguntando se já conversamos sobre o que é felicidade.

Ela coloca as mãos em concha no ouvido e move a boca novamente.

– Felicidade – digo, quase gritando. – Você sabe como funciona?

Molly balança a cabeça, sem entender nada, então chega mais perto, também se inclinando sobre a mesa.

– Você está feliz? – pergunto em seu ouvido.

Ela volta a sentar, rindo, e articula de novo as palavras.

– Estou ótima.

As palavras de minha filha me lembram de que há certas coisas que não cabem a mim ensinar. Ela vai ter de aprendê-las por si mesma. Só posso torcer e rezar para ter criado uma jovem que sabe ser feliz, mas não posso dar isso a Molly como minha mãe me deu sua coleção de botões, guardados em um vidro para compotas. A começar de agora, minha filha vai ter de ser dona de sua própria vida.

Depois de quatro músicas, e de ser muito aplaudida por uma entusiástica plateia, a banda faz um rápido intervalo e nós aproveitamos para comprar uma cópia do CD deles. A cantora sorri timidamente e nós retribuímos o sorriso, duas estranhas que gostaram do som da voz dela. A mulher autografa o CD com uma assinatura marcante e diz:

– Vocês vão gostar.

– Sim, vamos – eu asseguro.

A garçonete reaparece, com outra cerveja e outro refrigerante na bandeja, embora não houvésemos pedido uma segunda rodada.

– Foram os cavalheiros ali que mandaram – explica ela, indicando dois homens com o polegar e piscando o olho.

– Oh, ahn... – Meu rosto parece pegar fogo. Não consigo me obrigar a olhar para onde a mulher indicou.

A garçonete nos serve e se afasta.

– Não acredito! – diz Molly. – Mamãe, aqueles caras nos pagaram bebidas!

– Não faça contato visual. E, pelo amor de Deus, não beba...

Ela toma um gole do refrigerante gelado. Observo seus olhos muito bem maquiados por cima da beira do copo e vejo um mundo de coisas que não disse a ela, coisas que precisam ser explicadas para alguém que, de tantos modos, ainda é apenas uma criança. Tive 18 anos para ensiná-la a não aceitar presentes de homens estranhos. Acabei nunca fazendo isso. Muito dessa coisa chamada ser mãe tem a ver com esperar que uma situação se apresente, para então conversar a respeito. E quando se pensa que todas as bases estão cobertas...

– Eles estão vindo para cá – sussurra Molly, escandalizada.

Tenho vontade de me esconder embaixo da mesa. Nunca fui boa nessas situações sociais, muito menos quando envolvem homens. Mas, para o bem de Molly, preciso superar a vontade de sumir. Esse é um momento para ensinar a ela.

– Obrigada pelas bebidas – digo ao mais velho.

Ele dever ter cerca de 30 anos, e o modo como olha para mim me faz ficar feliz por estar usando roupas de mãe.

– Mas estamos indo embora.

– Aposto que você tem tempo para dançar uma música – diz, sorrindo por baixo do bigode bem-tratado. Ele se parece com o ator daquela antiga série de TV, *Magnum*.

Eu não gostava dessa série.

O amigo dele não usa barba ou bigode, deve estar na casa dos 20, quase chegando aos 30 anos, e examina Molly com uma expressão que me dá vontade de chamar a polícia.

Mas aí está o problema. Não posso ligar para a polícia. Ninguém está fazendo nada ilegal. Só eu estou sentindo como se estivessem.

– Minha mãe e eu realmente precisamos ir embora – afirma Molly, educada, mas com atitude, e se levanta. Ela puxa a blusa para baixo, provavelmente esperando que eles não percebam sua barriga de fora.

– Estamos apenas tentando ser simpáticos – diz o mais novo.

Seu amigo apresenta algo como uma reação retardada à palavra *mãe*.

Já de saída, entrego uma nota de 20 dólares à garçonne e não peço o troco.

– Nossa! Isso foi muito esquisito – diz Molly, assim que colocamos os pés na rua.

– Meu bem, quando um homem se aproximar de você...

– Não quis dizer que foi esquisito eles se aproximarem de mim – ela me interrompe. – Só não estou muito preparada para caras dando em cima de minha mãe.

– Homens dão em cima de mulheres. Eles são assim. Não pensam se uma delas é mãe de alguém. Ou filha, ou irmã. E quando estávamos lá dentro, tudo em que conseguia pensar era se eu havia ou não conversado com você sobre como se manter segura quando estiver perto de homens desconhecidos.

Molly dá risada.

– Mamãe, você me mata de rir.

– Oh, está certo, mocinha. Desculpe-me, esqueci que você sabe tudo.

Molly não percebe agora, mas, quanto mais velha ela fica, mais sábia *eu* fico.

E uma coisa que provavelmente não contarei a ela é que na última vez que conheci um homem em um bar... eu me casei com ele. Não

no mesmo instante, é claro. Mas há semelhanças impressionantes. O bar era escuro como o que acabamos de deixar e, naqueles dias, cheio de fumaça de cigarro. Dan não mandou a garçonete fazer o trabalho por ele. Simplesmente veio direto até mim e disse: "Deixe-me lhe pagar uma bebida."

Fiquei surpresa demais para dizer *não*. E quando a bebida chegou já era tarde. Eu já percebera seu corpo alto e esbelto, seus olhos risonhos, a força de seus bíceps e o humor em sua voz, em sua boca, mesmo quando ele não estava sorrindo. Não chegaria a ponto de dizer que foi amor à primeira vista, mas sem dúvida foi um sentimento forte e inegável.

Dan era um homem com muito potencial e grandes planos, e eu, uma estudante medíocre de uma faculdade do estado. Menos de seis meses depois estávamos um diante do outro, de frente para o altar, com nada entre nós além de sonhos e a luz das velas. Ainda me lembro de nossos primeiros empregos humildes e sem muitas exigências e do modo como nossos dias passavam em um ritmo tranquilo: os passeios nos finais de semana, fazer amor antes do jantar, ficar acordados até tarde vendo filmes horríveis...

Então Molly chegou, e as coisas nunca mais foram do mesmo jeito. A princípio, pensamos que nada mudaria. E vivemos esse período de negação. Andávamos com ela por todo lado em um carrinho de bebê ou presa a nosso colo, como se fosse um acessório de moda.

É claro que nossa Molly era muito mais do que isso. E teve o poder de nos transformar em pessoas diferentes. Não ficamos melhores, nem piores, apenas diferentes. Ela foi nosso acidente mais feliz e abençoado.

Tudo isso mostra o que pode acontecer quando se fala com homens estranhos em um bar.

Acordo no meio da noite e, mal conseguindo abrir os olhos de sono, tento focalizar o quarto a meu redor, as cortinas que refletem em um âmbar suave as luzes do estacionamento do hotel. Escuto

Molly ressonar suave e pausadamente, um som que deixa meu coração apertado agora do mesmo jeito que deixou na primeira vez em que o ouvi e pensei: "Meu Deus."

A emoção e as lembranças levam meu sono embora. Levanto-me e vou até o computador. Toco o teclado e ele também desperta. Pequenas janelas estão espalhadas pela tela; Molly ficou trocando mensagens com Travis até tarde da noite. Fecho rapidamente as janelas sem ler as mensagens.

São 3h, e a internet está aqui, esperando por mim. Sigo o fluxo de meus próprios pensamentos e entro em um site após o outro, surfando de link para link, como se seguindo uma corrente invisível e infinita. No fim, acaba sendo frustrante, e serve apenas para encher minha cabeça com informações demais. Ainda assim, me dá uma grande ideia.

Visto um casaco leve e saio para o estacionamento com meu telefone celular. O mundo todo parece estar dormindo. Não há carros na rua, nem animais fuçando o lixo, nem mesmo uma brisa soprando no topo das árvores. Digito o número de casa.

– Sou eu – digo quando Dan atende ao segundo toque.

– O que houve? – pergunta ele, ainda grogue de sono, mas já entrando em pânico. – Onde diabos estão vocês? Você e Molly estão bem?

– Estamos ótimas. Estamos em... – Paro para pensar por um momento. – Ohio. Ela está dormindo.

– Então qual é o problema? – Pela cartilha de Dan, se está tudo bem com Molly, então está tudo bem e ponto. Posso ouvir a cama ranger, posso imaginá-lo rolando sobre ela e puxando as cobertas. – Que horas são?

Não vou dizer a ele.

– É tarde – admito. – Desculpe-me se o acordei, mas não podia esperar. Dan, acabo de pensar em uma coisa.

– Em que você pensou, Lindy? – Ele nunca fica zangado quando o acordo de um sono profundo.

Pergunto-me como consegue. De repente, sinto uma enorme vontade de estar lá com ele, acariciando seus ombros quentes com gentileza e persistência.

– Precisamos adotar um órfão.

– Um o quê?

– Um órfão. Você sabe, adotar uma criança.

– Hein? – Outro rangido da cama, ou talvez seja o som da irritação de Dan.

– Do Haiti.

– Linda, pelo amor de Deus...

– Não, escute, descobri um site na internet. Há milhares deles esperando por uma família. Temos tanto, Dan. Ainda somos jovens. Podemos dar uma oportunidade a uma criança pobre. Descobri um que se chama Gabriel. Ele tem 6 anos e perdeu a família no terremoto.

– Volte para a cama, Linda. Já foi difícil o bastante criar nossa própria filha saudável e bem-ajustada.

– Não foi tão difícil, no fim das contas.

– Fale por si mesma.

O comentário dele me faz lembrar das brigas dos dois. A frustração de Dan, as lágrimas de Molly, os longos silêncios e os rompimentos que eu me sentia compelida a tentar reparar.

– Fizemos um ótimo trabalho.

– Não estou dizendo que não fizemos. Mas está feito. Agora é nossa vez, Linda.

– E quero fazer algo com esse tempo, alguma coisa importante. Pense a respeito, Dan. Essas crianças... elas não estão doentes, nem foram molestadas. Não cresceram em instituições. São crianças como Molly, que tiveram a má sorte de voltar da escola um dia e descobrir que toda a sua família estava morta.

– Eu mandarei um cheque para a Cruz Vermelha.

– Eles precisam de uma *família*. Nós poderíamos...

– Poderíamos fazer um monte de coisas, mas adotar um órfão do Haiti não é uma delas. – Dan deve ter percebido como sou, porque respira fundo e acrescenta: – Querida, você está em pânico por causa da partida de Molly. Essa não é a hora de discutir sobre uma responsabilidade tão grande.

Aperto o casaco contra meu corpo. Em pânico. Eu estou em pânico?

– Preciso de um filho que precise de mim – deixo escapar.

– Lindy, acalme-se. Você precisa é de uma vida própria.

As palavras caem como pedras em meu coração. Ele está certo. *Ele está certo.*

– Vou trabalhar nisso – digo, sentindo-me subitamente exausta.

– Divirta-se na viagem – diz Dan, bocejando. – Amo vocês duas.

– Também amo você.

Depois que desligamos, fico sentada por um tempo olhando as estrelas. Está tudo tão silencioso que posso ouvir o apito de um trem a quilômetros de distância.

## QUINTO DIA

*Leitura do hodômetro: 198.395km*

“Pelo modo como uma mulher puxa a linha a cada ponto de seu trabalho de agulha, qualquer outra mulher pode imaginar seus pensamentos.”

HONORÉ DE BALZAC



## ***Capítulo Sete***

---

– ESTOU FICANDO sem linha – digo a Molly.

– Podemos parar em algum lugar na próxima cidade por onde passarmos – responde ela.

Mas está mais interessada em encontrar uma estação de rádio de que goste. Temos uma regra: o motorista escolhe a música. Já estamos enjoadas de nossas listas de músicas, e Molly anseia por algo novo.

– Essa é uma linha mercerizada, feita com algodão de Sea Isle – explico. – Não cresce em árvores, se é que você me entende.

– Sei como o algodão cresce, mamãe.

No quilting, o tipo e a qualidade da linha são muito importantes. Pense na quantidade de pontos que leva um quilt. É preciso um tipo de linha que deslize suavemente pelo tecido, que seja forte porque é muito puxada e que jamais desfie ou embarace.

Para pessoas que não fazem artesanato com costura à mão, uma linha é uma linha. Portanto, para elas isso é uma preocupação muito menos importante do que a escassez de boas estações de rádio. A banda na estação FM grita com muito mais estática do que música,

e as estações AM estão cheias de notícias sobre safras ou músicas country piegas.

– Na época dos pioneiros, mães e filhas trabalhavam juntas em seus quilts, Molly.

– Que bom que não somos pioneiras.

O rádio comenta sobre uma praga que atinge as plantações de soja, e Molly resmunga, irritada.

Eu tentei despertar seu interesse por quilting uma ou duas vezes, mas não tive sucesso. Molly ficava impaciente com tantos detalhes e por ser uma tarefa tão repetitiva. Nossas poucas “aulas” terminaram com ela espetando o dedo com a agulha e suspirando alto de tédio. E acabava fugindo para jogar basquete com o pai na entrada de carros.

Molly continua mexendo no rádio e, quando para novamente em uma estação, a voz do locutor diz: “Acomodem-se e aproveitem uma de nossas canções preferidas, de Beulah Davis e os Strivers.”

– Ei, não foi esse grupo que ouvimos na noite passada? – pergunta Molly. – Que legal!

A melodia e a letra são tranquilas e comoventes, e eu paro de trabalhar no quilt para olhar pela janela do carro. Vejo um mar de relva de ambos os lados e imagino que eu e Molly somos mulheres do tempo dos pioneiros, partindo em uma jornada pela natureza vasta e desconhecida.

Imagino como era para essas mulheres e suas filhas quando a vida as levava em direções diferentes. Elas não podiam pegar um telefone ou entrar na internet para conversar uma com a outra. Uma separação significava a possibilidade de nunca mais se verem de novo. Deveria agradecer por minha sorte.

A parte do quilt que está sobre meu colo é feita de um tecido azul-centáurea estampado com pequenas margaridas. Era de um vestido que fiz para Molly usar em seu primeiro recital de piano, quando tinha apenas 8 anos. Foi sua primeira apresentação em público. Aquele foi um dia tão angustiante... Lembro-me de Molly

praticando o “Minueto em Sol maior”, de Bach, vezes sem fim, até Dan não aguentar mais e sair para o quintal com o cortador de grama. E eu, é claro, não pude evitar ouvir cada nota. Ajustei o ritmo de minha respiração à música e, quando ela hesitava, fazendo uma pausa longa e angustiante na quinta escala, enquanto esticava a mãozinha sobre as teclas de um grande acorde, eu prendia o fôlego até que descobrisse as notas certas. Quando Molly tocava a nota errada, eu me encolhia, mas logo lembrava a mim mesma para não fazer isso no recital.

O vestido para a apresentação foi feito com todo o carinho, os bordados do corpinho em pontos perfeitos, a saia rodada muito bem passada. Molly usava meias brancas na altura do tornozelo e sapatos-boneca. Seu cabelo estava preso para trás com uma fita azul, e ela parecia uma versão morena de Alice no País das Maravilhas.

– Eu não vou.

Ainda consigo me lembrar do som exato da voz de menininha quando ela empacou na porta do salão onde aconteceria o recital. Era um auditório intimidante, cheio de ecos. No palco, um piano Stenway aguardava como um dragão negro adormecido.

– Está certo – disse Dan, concordando na mesma hora. – Vamos para casa.

Ele viera obrigado, e já estava incomodado com os sapatos sociais e com a camisa engomada. Dan levou a mão à cabeça para ajustar a aba do boné de beisebol que não estava ali.

– Melhor ainda, vamos tomar sorvete.

– Não podemos ir embora – disse eu, fuzilando-o com os olhos. – Escute, Moll, seu nome já está no programa.

Eu mostrei a ela a folha impressa que o filho da professora havia nos entregado na porta. Molly se recusou a soltar a mão de Dan. Ele era seu aliado, e eu, subitamente, era a inimiga. Ficamos parados, um de cada lado dela, em um silencioso cabo de guerra.

Não pela primeira vez me ocorre que Dan sempre foi rápido em recuar, enquanto eu bancava a ogra, empurrando Molly para novas experiências, algumas vezes contra a vontade dela. Pergunto-me se estou fazendo isso agora, empurrando-a através do país até a universidade. Dan, assim como Travis, teria preferido que ela fosse para a universidade estadual, perto de nós.

Em algum lugar no quilt há uma roseta feita em tecido elástico vermelho, retirado de um maiô que Molly usou quando a mandei para sua primeira aula de natação. Foi na Associação Cristã de Moços, e ela se agarrou a mim como uma rêmora. Seu urro de pânico ricocheteou ao redor do deque da piscina, e seu corpinho forte e escorregadio se esticava na direção do vestiário. Dan a resgatou naquele dia, andando pelo deque em sua bermuda de surfista, parecendo um galã do programa *Baywatch* enquanto a levantava no colo. Fiquei furiosa com ele, mas não quis fazer uma cena ainda maior, e saímos com ela do deque, que amplificava os gritos e os apitos dos professores.

Uma hora mais tarde, encontrei os dois na piscina de recreação.

– Olhe para mim, mamãe, olhe! – gritou Molly, mergulhando e batendo os braços, e tentou nadar, se debatendo como um cachorrinho, direto para os braços do pai, que a esperava. – Está vendo? – continuou, os olhos arregalados e as pestanas cheias de gotas d'água. – Não preciso das aulas.

Mas isso é diferente, pensei, no recital. Ele não pode resgatá-la do piano. Só o que vai fazer é ajudá-la a fugir.

No fim, a decisão foi tirada de nossas mãos.

– Aí estão vocês – disse a srta. Dashwood, a professora de piano, se adiantando. – Vamos para a coxia passar um pouco de batom.

A professora, que tinha um mestrado em Belas-Artes, era idolatrada por suas pequenas alunas. A srta. Dashwood também era esperta e sabia o impacto que a promessa de uma maquiagem para o palco teria em uma criança com medo. Ela pegou Molly pela mão e desceu com ela pelo meio do auditório.

Molly olhou para trás uma vez, com uma expressão insegura nos olhos, mas não ofereceu resistência à professora. Observei quando a srta. Dashwood parou na beira do palco e apontou alguma coisa para ela. Quando Molly desapareceu por trás da cortina, seu passo já era animado.

Descobri que eu estava agarrando com força a mão de Dan. Nem me lembrava de ter dado a mão a ele, mas jamais me esqueceria do que ele disse. Dan se inclinou para beijar meu rosto e falou:

- Relaxe. Ela está em boas mãos.
- Ei! Se fosse por você, ela estaria na sorveteria neste instante.
- E sabe de uma coisa? O mundo não acabaria por causa disso.

Como era a aluna mais nova a se apresentar, Molly foi a primeira. A srta. Dashwood cumprimentou a plateia e a apresentou. A plateia a recebeu com uma salva de palmas e alguns poucos e adoráveis “Ohs!”. A audiência era formada basicamente por pais vestidos com capricho, avós, uma ou outra tia e alguns irmãos e irmãs inquietos.

Molly entrou caminhando lentamente, com uma curiosa dignidade, sua saia rodada balançando como um sino a cada passo que ela dava. Tão pequenina, eu pensei. Uma bonequinha de porcelana, sozinha naquele palco. Ela não olhou para a plateia, não tentou me encontrar. Ficou parada, muito quieta, e senti meu coração falhar uma batida. Mas Molly sabia o que estava fazendo. Ela girou o banco até ficar o mais alto possível, para que conseguisse alcançar o teclado.

Havíamos treinado o modo como deveria alisar a saia para que pudesse se sentar adequadamente. Molly se lembrou de fazer tudo com calma. Seus sapatos novos de couro cintilavam sob as luzes do palco, pendurados sobre os pedais. A srta. Dashwood dissera que ela não usaria os pedais até que tivesse altura suficiente para alcançá-los.

Molly apoiou as mãos sobre o teclado. É agora, pensei. Este é o momento. Respirei fundo, pronta para me deixar enlevar.

Foi um desastre desde o primeiro acorde. Notas erradas, hesitação, escalas inteiras esquecidas. Foram os 90 segundos mais longos de minha vida.

Quando terminaram, eu havia envelhecido uma década. Molly mal conseguiu fazer a adorável reverência que havíamos ensaiado. Ela saiu em disparada, e nós a encontramos no corredor dos bastidores, uma flor murcha cercada por pétalas azuis.

– Essa foi a pior coisa que já aconteceu comigo – disse entre soluços, o corpinho mole contra o de Dan, quando ele a levantou no colo. – Foi pior do que não conseguir soletrar *laringe* no concurso do colégio.

– Eu ainda não sei soletrar *laringe* direito – comentei.

– Deveríamos ter ido tomar sorvete – disse Dan.

SENTADA AGORA na caminhonete, deixo a agulha voar sobre o centro do tecido e bordo as palavras *Seja audaciosa*. O tecido azul-centáurea está como novo. Molly nunca mais voltou a usar aquele vestido.

No entanto, ela não desistiu do piano. Depois daquele primeiro recital, assim que entrou em casa, Molly foi direto para o piano e tocou Bach perfeitamente, cada nota soando doce e verdadeira pelos cômodos vazios.

– É só para ter certeza de que eu consigo – ela disse.

Molly relanceia o olhar do assento do motorista e percebe que estou trabalhando no retalho azul.

– Qual é esse? – ela pergunta.

Viro o quilt na direção dela.

– De seu primeiro recital de piano.

– Não me lembro desse vestido.

– “Minueto em Sol maior”, de Bach.

O nome da peça musical costumava avivar a memória dela.

– Não lembro mesmo. Mas o tecido é bonitinho.

É engraçado como o coração escolhe as lembranças que quer manter e quais prefere deixar ir. Cada detalhe daquele dia está gravado em minha memória. Lembro até mesmo do sabor do sorvete que tomamos depois: nozes com xarope de bordo e gotas de chocolate. Mas Molly afastou de sua lembrança o nervosismo e o trauma daquele dia. Não são importantes para ela.

– Lembra-se daquele vestido vermelho de seda acetinada que você usou em sua última competição de piano, em janeiro passado?

– É claro, mamãe. Eu o trouxe comigo para evitar que você também o cortasse – diz Molly, e a aflição em sua voz me faz sorrir.  
– Adoro aquele vestido.

– Eu sei. Imaginei que você fosse querer usá-lo de novo.

Ao contrário dos laços e babados de sua infância, o vestido vermelho a fazia parecer adulta, esguia e elegante. Talvez até sexy, com seu corte enviesado e um dos ombros nu. No mesmo auditório onde muito tempo antes havia se atrapalhado com um minueto, dessa vez Molly foi a última a se apresentar. Suave como uma fita de seda vermelha soprada pela brisa, ela se deixou levar por uma execução fantástica e comovente do “Noturno em Dó menor”, de Chopin, uma peça que ele compôs aos 17 anos, a mesma idade que Molly tinha quando se apresentou.

A srta. Dashwood, que continuara a ser a mesma professora sensata que conhecíamos havia anos, entregou a Molly um batom Chanel e declarou que ela era uma das alunas mais talentosas que já tivera.

O juiz deu as notas máximas a Molly, e a declararam vencedora da competição. Ela tocara melhor do que os outros alunos? Era difícil dizer. O juiz era italiano, um professor aposentado de um colégio público. Todos os demais concorrentes eram homens. Foi difícil não perceber o entusiasmo do professor por uma garota bela e talentosa em um vestido vermelho.

No entanto, acho que ela superou os outros em mais coisas do que apenas a aparência. Molly tinha um dom. Aquele noturno foi

tocado com sentimento. Ela sabia como arrancar emoção da peça musical e como ampliá-la para que todos ouvissem.

Fico até satisfeita por ela não se lembrar daquele primeiro recital desastroso. Mas também estou satisfeita por tê-la feito participar dele. Ocorre-me, então, que é muito mais fácil estimular o filho a seguir a direção certa do que a si mesmo.

Molly segue uma placa de retorno e muda para a pista da direita.

– O que está fazendo? – pergunto.

– Linha, lembra? Você precisa de linha.

O carro desce suavemente a rampa de saída e ela vira à direita, seguindo a placa que indica “Centro da cidade”.

Não demora muito e encontramos uma filial de uma conhecida cadeia de lojas de material de artesanato.

– Eles não terão o tipo certo – lamento.

– Compre de outro tipo, então. Não é nada de mais. – Ela percebe a expressão em meu rosto. – Se essa linha mágica é assim tão importante, você deveria ter trazido mais dela.

Nós entramos na loja muito iluminada.

– Você está certa – admito –, mas não havia mais na loja de Minerva, e também não vai chegar mais. Você sabe, ela está fechando a loja.

– Não, eu não sabia. Pensei que estava para vender.

– E está. Minerva vai se aposentar, e por isso quer vender o estabelecimento, mas duvido que vá conseguir encontrar um comprador, com a economia do jeito que está. Vou sentir falta daquele lugar... Todas as clientes vão sentir falta da loja. A ideia de ter de dirigir até Rock Springs para comprar material não me atrai em nada.

– É um saco, mesmo... – Molly enfiou os dedos nos bolsos de trás da calça enquanto examina uma vitrine de aviamentos.

Como sempre, tecidos bonitos atraem meu olhar. Alguns retalhos impossíveis de resistir já estão em minha cesta de compras. Ouço o chamado sedutor de um novo projeto. Isso acontece muito. Quando



estou chegando ao final de um trabalho, outra ideia surge em minha mente, sedutora e infinitamente mais atraente que o projeto em andamento.

No final daquele corredor repleto de itens diferentes, Molly aponta para um móbile de vidro verde com a etiqueta "Especial da semana".

– Posso ficar com este?

Minha reação instintiva, antipática e imediata é dizer "Você não precisa de mais tralha". Mas ela puxou a mim, é como uma pega, um passarinho que coleciona coisas brilhantes. Sempre foi assim. Além do mais, o móbile é no formato de notas musicais e custa apenas 5 dólares.

– MAIS UMA parada – diz Molly.

Em vez de ir para o carro, ela atravessa a rua e segue na direção de uma loja de departamentos chamada Bradner's.

Eu a sigo, contente. É divertido fazer compras com alguém com o corpo de Molly. Tudo cai bem nela. Mas, quando entro na loja, sinto o aroma do perfume White Shoulders. Esse não parece o tipo de loja de que Molly gosta.

– De que você precisa, meu bem?

– Venha – diz ela, os olhos brilhando. – Vamos comprar algumas roupas novas para você.

– Mas...

– Mas *o quê*, mamãe? – retruca Molly levemente irritada, embora ainda animada com a ideia.

A lista de desculpas usual me vem à cabeça. Não preciso de roupas novas. Não tenho tempo. Não quero gastar dinheiro. Quero perder um pouco de peso antes de comprar coisas novas. *Não sou importante o bastante.*

Olho para Molly e sorrio.

– Vamos lá!

Ela não herdou de mim seu bom gosto para roupas. Ele deve ser fruto de todos esses blogs de moda e revistas que Molly adora ler.

Quando ela se junta com a vendedora, chamada Darcy, ninguém consegue detê-las. Rendo-me à superioridade de ambas no quesito e espero em um provador espaçoso, vestindo apenas um sutiã e uma calcinha que já viram dias melhores, descalça e precisando fazer as unhas dos pés.

As luzes fluorescentes e o espelho de três lados que ocupa a parede inteira são impiedosos. Olho para minha imagem triplicada e reproduzida infinitas vezes. Molly e Darcy trazem blusas, calças sociais e jeans, cardigãs de seda, casacos de cintura marcada, cintos e sapatos de salto baixo. Elas não conseguem resistir e acrescentam acessórios. Bijuterias, echarpes, brincos de pingente. Gosto da atenção... e gosto das roupas em mim.

Molly me estende uma bolsa de couro creme.

– Você está tão bonita, mamãe. Espere até papai vê-la. Espere até que qualquer pessoa a veja.

No fim, acabo comprando apenas a metade do que ela quer que eu leve. E mesmo isso me parece demais, porém, com tanta coisa bonita para escolher, ficou difícil desistir de muitas delas. Nós saímos da loja com uma sacola de compras tão grande quanto a bolsa do quilt. Estão nela os novos jeans, os sapatos, uma blusa, um suéter e uma saia, um vestido transpassado, brincos de argola e uma echarpe verde-clara de caxemira que eu não podia deixar para trás. Molly e Darcy também me fizeram trocar a roupa de baixo por uma nova e jogaram a minha, cujo elástico estava frouxo, no lixo.

– Quando se começa com uma boa base – comentara Darcy –, tudo parece cair melhor.

– Bem – digo, colocando a sacola de compras no banco de trás do carro, com a bolsa do quilt –, por essa eu não esperava.

– Foi divertido – afirma Molly. – Muito mais do que na loja de tecidos.

– Foi uma diversão diferente da que tivemos na loja de tecidos.

Mas Molly ainda não se deu por satisfeita. Seguindo a recomendação de Darcy, vamos até um salão de cabeleireiro

próximo para lavar e pentear os cabelos. Nossas unhas são pintadas de um rosa cor de bala, e saímos do salão balançando os cabelos e rindo.

– Olhe só para nós! – Molly checava sua imagem no espelho retrovisor do carro. – Somos novas mulheres!

## ***Capítulo Oito***

---

HOJE, OS cabelos já perderam o brilho que ganharam ontem no salão. Molly tenta me convencer a usar uma das roupas novas, mas declino da ideia, porque não quero amassá-las, já que vou ficar o dia todo sentada no carro. A bolsa com as lindas compras continua no banco de trás. As roupas são bonitas demais para serem usadas em uma viagem de automóvel. Quero guardá-las para algum momento especial.

De acordo com os outdoors descascados na beira da estrada, temos duas escolhas para o almoço. Um lugar chamado Stuckey's tem hambúrgueres a menos de um dólar, e outro chamado Bubba's Beach Shack tem vista para as praias do lago Ontário.

– É um lago – diz Molly. – Como pode ter uma praia?

– É um dos Grandes Lagos. – Estou quase vesga de tanto costurar.

O fim de nossa viagem está cada vez mais perto, e já vejo o momento, posso quase tocá-lo. Fiquei acordada até tarde na noite passada, trabalhando no quilt. Trabalhando é um conceito bastante elástico, vale dizer. Posso estar perdida olhando o céu noturno e

chamar isso de “estar trabalhando”, se estiver planejando o próximo quilt.

– Nunca imaginei que um lago poderia ter uma praia. O lago de nossa cidade tem só uma... margem, eu acho.

– Deveríamos ter levado você para conhecer os Grandes Lagos quando era pequena. – E aí estava de novo aquela sensação de coisas não feitas ou não terminadas. O que mais eu me esquecera de mostrar a Molly, ou de ensinar a ela?

Molly me olha de relance.

– Você me levou ao Monte Rushmore, ao Parque Nacional de Yosemite, ao Grand Canyon e ao Everglades. Não pode me mostrar tudo.

– Mas gostaria de ter podido. Sempre nos divertimos tanto naquelas viagens de verão, não foi?

Ela hesita por um segundo. E nesse segundo ouço uma discordância. Pode ser que as lembranças de Molly incluam calor, enjoo, tédio. Às vezes Dan e eu ficávamos irritados e éramos péssimos para escolher lugares para ficar. O carma do hotel de estrada ruim se tornou uma piada de família. Lembranças de verões passados são arruinadas por piscinas que não funcionavam, cheiros de mofo e carpetes sujos.

– Sem dúvida – diz Molly. – Nossas férias de verão arrebatavam.

– Mas os Grandes Lagos... Lembro-me de ter ido à Ilha de Mackinac em minha viagem com a turma do último ano do colegial. Poupei por meses para conseguir ir. Foi tão lindo... como voltar no tempo. Gostaria de ter levado você lá.

– Você não pode me levar a todos os lugares – repete ela.

Novas aventuras a esperam mais para a frente, um terreno vasto e inexplorado. Molly vai viajar sem mim, vai ver e experimentar coisas que nunca compartilharemos. E é assim que deve ser, lembro a mim mesma.

Sem perguntar, ela pega a saída seguinte e entra na cidade feia com prédios de tijolos vermelhos e lojas de conveniência cheias de

cartazes desbotados colados. O caminho para o Bubba's é bem sinalizado e, em poucos minutos, entramos no Parque Estadual Tanaka, no oeste de Nova York, um oásis tranquilo em uma tarde de fim de semana. À medida que seguimos na direção do lago, percebo que as cores do verão já começam a desbotar aqui, os verdes sutilmente se transformando em amarelos, as pétalas das flores silvestres já sendo levadas pela brisa.

O bangalô na beira da praia é adorável, e fico imediatamente feliz por termos vindo. Ele tem um deque enorme com mesas de piquenique cobertas com toalhas plastificadas em vermelho e branco e um píer longo que avança pelas águas profundas do lago, sopradas pelo vento. E é uma praia de verdade, com areia e ondas batendo. Há até mesmo gaivotas. Pergunto-me se elas estão ali porque se perderam e acabaram não sabendo encontrar o caminho para o mar; e será que isso tem alguma importância para um pássaro?

O garçom é um adolescente bonito que me faz sentir como uma predadora enquanto o examino de cima a baixo. Mas posso examiná-lo o quanto quiser porque ele nem percebe minha existência. Está olhando fixo para Molly. E quem não olharia? Os rapazes sempre foram atraídos por seus belos olhos e por seu sorriso que parece esconder algum segredo.

Pedimos peixe frito para o almoço, e ele é servido em cestas forradas com guardanapos, acompanhado por batatas fritas e salada de repolho. É lindo aqui, e barcos graciosos deslizam na água, a distância, as velas sopradas pela brisa.

– Olhe aquilo. – Molly aponta para um paraquedas puxado por uma lancha.

– Nossa, parece apavorante.

– Parece incrível. – Ela mergulha uma batata frita na salada de repolho, um hábito que adquiriu com Dan, anos atrás.

Molly olha sonhadora para o céu, observando o homem no paraquedas, pequeno como um boneco, ao longe.

Enquanto observamos, o paraquedas é puxado para dentro do barco que eles ancoram no píer abaixo do restaurante.

– É mesmo incrível – comenta o garçom bonito, quando vem encher de novo nossos copos de chá gelado. Do bolso do avental ele tira um cartão, que entrega a ela. – Aqui está um cupom de desconto de 5 dólares para um passeio.

Balanço a cabeça, negando.

– Não vamos precisar...

– Obrigada. – Molly pega o cartão. – Muito obrigada.

– Não vamos fazer isso. – Eu pago a conta e deixo uma gorjeta generosa, embora desejando que o rapaz não tivesse posto ideias na cabeça de Molly.

– Vamos lá, mamãe! Temos tempo. – Ela ignora meus protestos e desce as escadas para o píer, os passos leves e animados.

Quando a alcanço, Molly já está falando com um dos homens na lancha.

– Demora 15 minutos – informa ela –, e não chegamos nem mesmo a nos molhar, a não ser talvez pelos pés.

– Não vamos fazer isso.

– É muito seguro, senhora. Faço isso há anos – o piloto do barco tenta me tranquilizar.

Odeio parecer estraga-prazeres. Mas também odeio a ideia de ficar pendurada vários metros acima do lago, presa ao mundo por uma corda mais fina do que meu dedo.

Molly tem uma expressão no rosto que não costumo ver com frequência, mas que quando vejo sei que significa que ela está decidida. O queixo para cima, os olhos ardentes. Um minuto mais tarde, ela está assinando um formulário cor-de-rosa desbotado, sem ler, e perguntando se eu vou pagar pelo voo. Eu também não li o contrato, mas tenho certeza de que ele exime os homens do barco de qualquer culpa caso nós saíamos voando para o outro extremo do lago Ontário.

Eu examino o formulário por sobre o ombro de Molly e aponto para uma linha.

– Aqui diz que você precisa pesar pelo menos 45 quilos. Até onde sei, você pesa menos do que isso.

Ela dá de ombros.

– Depois deste verão devo estar pesando bem mais de 45 quilos.

O homem do barco parece acreditar nela. Ele lhe entrega um macacão high-tech e um capacete, e Molly tira os sapatos.

– Um capacete? – pergunto.

– Apenas uma precaução – diz o homem.

Quero perguntar como um capacete vai mantê-la segura se ela afundar no lago. Quero dizer que Molly nunca subiu em uma balança que marcasse mais de 45 quilos, mas me controlo. É de minha natureza procurar um desastre em potencial em qualquer situação. Reconheço isso. E pelo visto Molly também percebia isso, porque ela aprendeu a não dar muita atenção a meus medos com o passar dos anos. Ela fizera mountain bike, cavalgadas e mergulho. É bom ter espírito de aventura, lembro a mim mesma. Não tenho o direito de desencorajar isso.

Outro dia mesmo, estava pensando que sou o tipo de mãe que sempre a estimulou. Mas as coisas que a estimulei a fazer não colocavam sua integridade física em risco. Ainda mais um risco sem motivo.

Molly sorri de orelha a orelha enquanto a prendem ao barco.

– Tchau, mãe – despede-se ela. – Vejo você na volta.

– Tenha cuidado – não posso evitar dizer, e agora são *meus* olhos que estão ardentes quando encaro o piloto do barco e seu ajudante.

Então não há nada mais a dizer. Eles se afastam do píer, o motor potente deixando o desenho de um V na água, atrás da embarcação. Meu coração parece que vai sair pela boca quando chegam ao meio do lago e o paraquedas, com todas as cores do arco-íris, flutua com o vento. Então, um instante depois, Molly está no alto, parecendo uma pequena marionete presa por uma corda fina. Ela voa como



uma pipa, cada vez mais alto, até que eles puxam a corda. Protejo meus olhos do sol e olho para a silhueta de minha filha, recortada contra o sol.

Então meu coração se acalma e aceno loucamente com ambos os braços acima da cabeça.

– Vai, Molly! – grito, pulando no píer. – Vai!

Observá-la voar é incrivelmente gratificante. Luto com a máquina fotográfica de meu telefone celular, tentando tirar uma foto para mandar para Dan. Ela decerto não vai parecer nada além de uma manchinha no céu, mas ele entenderá do que se trata.

Uma rajada de vento faz a água ondular visivelmente. Posso ver o vento atingindo o paraquedas e virando-o de lado. As pernas de Molly balançam para a frente e para trás como um pêndulo.

– Ai, meu Deus – digo. – Ai, meu Deus, ela vai cair!

Parece que o piloto também percebe que alguma coisa não vai bem. O ajudante começa a girar o mecanismo para puxá-la de volta, os movimentos rápidos, talvez frenéticos. Fico parada no píer, sem ação, meus pés colados nas tábuas de madeira, meu estômago gelado. Essa é a definição de inferno: saber que alguma coisa terrível está acontecendo com seu filho e estar completamente impotente, sem poder fazer nada para impedir.

Se ela morrer, penso com uma clareza aterrorizante, eu também morrerei.

O vento a joga de um lado para o outro como se Molly fosse uma boneca de pano. Seus gritos soam fracos. Será que está chamando por mim? Rezo com todas as forças de meu corpo e de minha alma.

Os gritos ficam mais altos, e então percebo que não são gritos. Molly está gargalhando.

## ***Capítulo Nove***

---

– VOCÊ DEVERIA tentar. – Molly penteia os cabelos embaraçados pelo vento e os prende em um coque.

Ela ainda está trêmula por causa de sua aventura no lago, os lábios levemente azulados. Com os cabelos presos para trás, minha filha parece sofisticada, mais velha. Nós voltamos para o bangalô na praia em busca de uma bebida quente. O garçom atraente se apressa a trazer chá fumegante em uma pequena chaleira de aço.

– Talvez em uma próxima vida.

– Estou falando sério, mamãe. Você ia adorar.

– Sou medrosa demais para gostar de uma coisa dessas. – Mas sinto uma pontada de vontade.

Como seria ficar pendurada no ar como uma pipa gigante? Mas não. É distante demais de minha zona de conforto, e não consigo me imaginar fazendo isso.

– De onde é esse? – pergunta Molly, apontando para o tecido de bolinhas. Ela está gostando de minhas histórias sobre as peças do quilt.

– Este é de uma saia que sua avó usava para dançar quadrilha. Há vários metros de tecido, por isso estou utilizando como faixas de união dos retalhos. Lembra-se de como sua avó e seu avô gostavam de sair para dançar quadrilha?

– Mais ou menos. Acho que só me lembro de ter visto fotos.

Meus pais eram ávidos dançarinos de quadrilha. Eles pertenciam a um clube que montava uma quadrilha a cada primeiro sábado de cada mês. Ainda posso vê-los em minha mente, meu pai muito elegante e ágil em uma camisa xadrez, com botões de madrepérola e uma gravata fina. Os vestidos de minha mãe eram exuberantes. Ela mesma os costurava, com metros e metros de algodão florido ou de bolinhas sobre uma anágua de crinolina muito armada. Os vestidos tinham mangas bufantes que pareciam balões sobre os ombros dela, e mamãe sempre usava um desses horríveis sapatos de dança com uma tira no tornozelo.

A imagem de meus pais prontos para sair para dançar quadrilha me deixava muito constrangida, mas os dois ficavam tão felizes por irem juntos ao clube, por poderem rir com os amigos e tomar ponche de frutas quente...

– Eles gostavam tanto daquelas danças – conto a Molly, enquanto costuro a moldura. – A mamãe mais do que o papai, mas ele tinha muito boa vontade.

– Nunca os vi dançar – comenta Molly.

– De vez em quando organizavam uma noite para a família, e nós íamos.

É claro que Molly não se lembraria disso; na época nós a levávamos no carrinho de bebê. Mas ainda posso vê-la balançando os pezinhos e batendo palmas, hipnotizada pelo barulho e pelos movimentos.

Quando Molly estava no segundo ano na escola, minha mãe sofreu um derrame grave. Tinha apenas 64 anos... aquilo não deveria ter acontecido. Levei Molly para vê-la, rezando para que minha filha não ficasse assustada ao ver o rosto distorcido da avó,

sem movimentos no lado esquerdo, com um colar cervical no pescoço.

Mas não precisava ter me preocupado. Molly empurrou a mesa ergonômica de rodinhas até minha mãe e disse:

– Agora você pode jogar cartas comigo.

A mãe divertida que eu conhecia, que costurava seus vestidos e dançava quadrilha, desapareceu naquele dia, embora ela tenha vivido por mais dois anos. Sua personalidade mudou, e uma raiva sombria emergiu de um lugar que eu nunca imaginei existir dentro dela. Era como se o derrame cerebral houvesse despertado um dragão adormecido dentro de minha mãe. Ela se revoltava com o quanto havia trabalhado e sobre como se sentia frustrada por não ter podido dar mais aos filhos. Eu lhe assegurava constantemente que o que dera à família fora o bastante. Mas mamãe sempre gostava quando eu levava Molly para visitá-la. Ver a única neta acalmava sua fúria e sua tristeza.

Ela deveria ter melhorado com uma longa e rigorosa fisioterapia e também com terapia ocupacional. No entanto, mamãe odiava ambas – ficar apertando uma bola de borracha azul, passar cadarços através de buracos abertos em uma tábua no formato de uma aranha, andar para a frente e para trás entre barras paralelas. Na maior parte dos dias ela se recusava a fazer qualquer uma dessas coisas e preferia deixar que meu pai amarrasse seus sapatos e a empurrasse em uma cadeira de rodas. Suas mãos, que ela costumava usar sem esforço para tricotar suéteres, luvas e gorros, se fechavam agora sobre algum objeto invisível e se recusavam a se abrir. Uma ou duas vezes ela tentou tricotar de novo, mas a lã terminava embaraçada, cheia de nós no chão. Os fisioterapeutas disseram a meu pai que, a longo prazo, ela ficaria bem o suficiente para se vestir sozinha e aprenderia a caminhar sozinha, mas papai não ouvia. Para ele era mais importante fazer o que mamãe queria.

– Eu gostaria de me lembrar das quadrilhas – diz Molly –, e não do centro de reabilitação.

Eu desejava o mesmo. Apesar de saber o quanto isso é irracional, fico irritada com Molly porque ela não se lembra de minha mãe do modo como eu queria que lembrasse. Queria que ela se lembrasse da voz divertida, cantando, das mãos fortes com o leve aroma de cebola, do coque muito esticado. Queria que Molly sentisse falta *daquela* mulher, mesmo que eu entenda que isso é impossível.

– Como vovó morreu? – pergunta Molly. – Você nunca fala sobre isso.

– Pergunte-me como sua avó viveu. Afinal, foi o que ela passou a maior parte da vida fazendo.

– Você fala sobre isso o tempo todo, mãe. Adoro ouvir as histórias, mas você a transformou em uma avó dos desenhos da Disney que é quase irreal para mim.

– Ela pegou uma pneumonia, e seu organismo estava fraco demais para reagir. – Passo a mão sobre o tecido de algodão desbotado. – Minha mãe morreu cedo, em uma manhã, quando você estava no quarto ano. Não lhe contei na hora porque tinha uma festa da escola naquele dia, e eu não queria arruinar sua diversão. Por isso esperei até que chegasse em casa.

Molly ficou quieta por um instante, bebendo o chá e olhando para o lago, onde o vento agitava a água em ondas brancas. Estava enrolada em uma manta que alguém do restaurante lhe entregara, e parecia pequena e perdida. Mas seu olhar era severo.

– Você sempre me superprotegeu, mamãe.

– É o que as mães fazem.

Queria muito que minha própria mãe pudesse ver essa jovem agora, vibrante e animada com o próprio futuro. Meu pai, que vem ficando cada vez mais calado e lento com a idade e a solidão, sempre me diz que também gostaria disso.

– Não funcionou – falou Molly, sem olhar para mim. – Eu soube de qualquer forma, pela maneira como você me apressou para sair logo para o colégio. Mas tive medo de dizer alguma coisa, porque não queria vê-la chorando.

Fico atordoada ao ouvir isso. Dan e eu estávamos preparados. Os médicos de mamãe haviam nos avisado de que a morte dela era iminente, e até nos alertaram para os sinais a que deveríamos ficar atentos. Mas, para mim, a sensação de perda foi tão avassaladora que fui incapaz de falar a respeito.

Mesmo agora, anos depois, ainda é difícil. Perder a mãe deixa uma marca permanente e inexplicável em uma pessoa, é uma ferida que nunca cicatriza completamente.

– Tive um dia horrível na escola – explica Molly. – Detestei a festa. Os bolinhos estavam horrorosos e não me diverti com as brincadeiras. Portanto, você acabou não conseguindo me poupar de nada.

– Moll, nunca percebi que você sabia o que estava acontecendo naquele dia.

– Não, você não percebeu. E eu não disse nada porque não queria aborrecê-la. Nós duas estávamos tentando proteger uma à outra, e não funcionou.

Puxei o fim da linha e dei um nó mínimo, invisível, antes de cortá-la.

– Como você ficou assim tão esperta?

– Devo ter puxado a minha mãe. É melhor irmos agora. – Ela termina de beber o chá e penteia novamente os cabelos.

A brisa está trazendo seus cachos de volta à vida. Então Molly se levanta, dobra a manta e agradece ao garçom, que se apressa até nossa mesa.

Guardo minhas coisas na bolsa de artesanato e vou andando na direção do carro, enquanto Molly se demora conversando com o rapaz. Olho para trás e sinto uma ponta de irritação. Não gosto do modo como ele está parado, muito perto dela, observando-a. Já estou quase chamando por ela, para lembrar a ambos de que estou aqui. Então me lembro do que Molly disse sobre eu estar sempre superprotegendo-a, tentando facilitar as coisas para ela, tentando absorver os golpes que a vida dispara de tempos em tempos.

A tarde no lago causou uma mudança quase imperceptível em nosso humor. Estamos mais inquietas. Nossos silêncios são mais longos, e combinam com as longas e tediosas distâncias na rodovia.

Como os motoristas de caminhão, que passam longas horas na estrada, aguentam o tédio? Como vou aguentar, quando tiver de voltar sozinha para casa, com o carro vazio, sem as coisas de Molly, sem o cheiro de frutas do xampu dela e sua conversa animada?

É isso o que realmente está me devorando por dentro. Estamos quase chegando.

## **SEXTO DIA**

*Leitura do hodômetro: 198.910km*

“Nenhuma outra barra foi aplicada com mais esperteza e variedade do que a Sawtooth. Ela poderia ser aplicada de até três modos para se conseguir um movimento e uma direção perfeitos, mas normalmente é quando as aplicações são menos precisas que esse tipo de barra fica mais encantadora.”

SANDI FOX, em *Small Endearments, 19th Century Quilts for Children*



## ***Capítulo Dez***

---

HÁ UMA mudança no tom dos telefonemas de Molly e Travis. Ela anda de um lado para o outro, o pequeno celular prateado colado ao ouvido, e parece estar sempre falando com ele, a cada parada. E a alteração no tom e na ênfase é sutil, mas palpável. Molly está, ao mesmo tempo, mais animada e mais intensa.

Não comento nada, é claro. O que há para dizer? Eles têm 18 anos e estão apaixonados.

Dê tempo ao tempo, lembro a mim mesma. Eles não vão se afastar do dia para a noite. Imagino os dois como as enormes placas de gelo que se formam no lago de nossa cidade. Durante todo o inverno, a superfície congelada é forte e impermeável, permitindo que as pessoas patinem sobre ela por semanas. No entanto, na primavera, o gelo se quebra em blocos e, depois que isso acontece, as peças nunca mais voltam a se encaixar direito. Mesmo se a temperatura cair o suficiente para que o gelo volte a congelar, nunca é do mesmo jeito. Ele passa a ficar áspero, espesso, fácil de quebrar. Os patinadores já não têm mais vez ali.

Uma separação é difícil em qualquer relacionamento. E quando o casal mal entrou na idade adulta, normalmente a distância é fatal. Eles não costumam ter estrutura emocional para sustentar um amor que depende da proximidade física. E não vou me enganar. Esses dois são próximos, fisicamente muito próximos.

Não posso imaginar Travis Spellman passando muito tempo sem uma namorada para acompanhá-lo ao cinema ou aos jogos de futebol. Assim como não quero que Molly se comporte como uma viúva de guerra na universidade, privando-se da vida social por causa do namorado que deixou em sua cidade natal.

A falta de disponibilidade física e emocional sem dúvida é o que vai fazer com que sigam caminhos diferentes, como deve acontecer. Molly tem um futuro a sua frente, cheio de pessoas novas, de aulas desafiadoras, em uma cidade que nunca viu antes. Ela vai precisar de todo tempo e energia para se adaptar à universidade. Manter um relacionamento de longa distância simplesmente não é viável.

No entanto, ela acredita que será possível, é claro. E aí entra uma característica marcante de minha filha. Se ela acredita em alguma coisa de todo o coração, ninguém consegue convencê-la do contrário.

Estamos em uma parada do caminho, onde estacionamos para esticar as pernas e ir ao banheiro, e Molly anda de um lado para o outro sobre a grama seca. O telefone está colado a sua orelha, e seus chinelos levantam uma nuvem de poeira conforme ela caminha.

Eu ando um pouco por ali também. É um lugar agradável, afastado do barulho da estrada por um conjunto de árvores frondosas, sempre-vivas e árvores de bordo prontas para vestir suas cores de outono.

A sociedade histórica local tem uma barraca de artesanato montada aqui na parada, e compro uma garrafa de xarope de bordo cor de âmbar de uma mulher vestindo um avental simples e – não estou brincando – uma daquelas toucas antigas amarrada sob o queixo. A garrafa transparente tem o formato de uma folha de bordo

e, quando a ergo na direção da luz do sol, o líquido cintila como uma joia.

De acordo com o folheto informativo que vem com o xarope, as árvores de bordo estão prestes a exibir suas cores de outono. Essas estradas logo estarão cheias de trailers e de ônibus lotados de pessoas que vêm para ver os tons das folhas e para aproveitar um cenário tão lindo que atrai turistas do mundo todo, ano após ano. Depois da explosão de cor, as árvores perdem todas as folhas e parece que vão morrer.

No entanto, é nesse momento, no auge do inverno, que as árvores de bordo são mais produtivas. Quando o tronco da árvore é perfurado e um tubo de metal introduzido até seu âmago oculto, descobre-se um jorro de vida.

A seiva é drenada através do tubo, recolhida em baldes cobertos e fervida em altas temperaturas para que se possa fazer o xarope de bordo.

“Quem será que teve a ideia de fazer isso uma primeira vez?”, pergunto-me. Em algum momento, em um passado muito distante, alguém andou até uma árvore de bordo desfolhada, enfiou um tubo em seu âmago, recolheu a seiva e a transformou em xarope de bordo. Que coisa mais improvável de se fazer...

Mas uma coisa eu sei: quem quer que tenha pensado nisso não era um diplomado em alguma universidade. Ela – estou certa de que era uma mulher – provavelmente era mãe. Alguma dona de casa desesperada, membro da antiga tribo dos Algonquin, talvez. No fim de um longo inverno, seus filhos deviam estar entediados e irritados por terem de ficar tanto tempo presos em casa, e não paravam de perseguir uns aos outros de lá para cá, deixando a mãe louca com o barulho. Eles não tinham ideia de que os suprimentos estavam acabando e de que os homens não haviam conseguido muita coisa na última caçada. Logo a brincadeira com gritos e risadas se transformaria em lamentos de fome. A mãe, então, gritou para as crianças mais velhas manterem as pequenas longe do fogo, enfiou

os sapatos de neve forrados de pele e saiu para o frio mortal em busca de comida.

Como essa mulher soube do segredo dentro da árvore de bordo? Talvez alguma corça tenha lhe dado uma pista. Durante a estação de escassez de alimentos, os animais famintos arrancam as cascas dos troncos das árvores até o mais alto que conseguem alcançar. Talvez a mulher, com a visão aguçada pelo desespero, tenha visto uma gota brilhando no interior das árvores. Talvez ela tenha colocado o dedo sobre sua textura viscosa e percebido uma leve doçura ao provar. E o resto é história. Uma indústria nascia ali. Os caçadores voltaram para casa com um coelho magro e encontraram as mulheres e as crianças se banquetecendo com um mingau de milho magicamente adoçado com o elixir tirado do açúcar de bordo.

Chego ao final do caminho por onde estava passeando e me viro para voltar. A mulher com a touca amarrada sob o queixo está atrás da barraca, fumando um cigarro furtivamente.

Ainda ao telefone, Molly percebe que a observo e caminha na direção de uma vitrine cheia de mapas e folhetos para turistas. Ela enfia a mão no bolso de trás do short e continua falando.

Seu rosto resplandece de amor.

Ao observá-la, sinto uma mistura de emoções. De um lado, há o orgulho e o prazer de ver que minha filha tem um grande coração, que consegue se doar com amor e sinceridade. Por outro lado, eu gostaria que ela entendesse a diferença entre a paixão acalorada do primeiro amor e a segurança profunda de um compromisso duradouro.

Mas para Molly não há diferença, e nada que eu disser – nenhum sermão, como diria ela – vai mudar o que minha filha pensa. Amor é amor, ela me diria, e quem sou eu para dizer que está errada? Não posso alegar que sou uma especialista no assunto. Há uma parte de mim, nada pequena por sinal, que continua se perguntando como será entre Dan e mim depois que eu voltar para casa.

Como me sinto inquieta, sento a uma mesa de piquenique vazia, voltada para uma bela área pantanosa, onde juncos de pontas vermelhas balançam com a brisa leve. O chiado distante dos freios dos caminhões se mistura ao coaxar dos sapos no pântano.

Pego o quilt, pensando em acrescentar alguns pontos. A sensação dos tecidos antigos sob meus dedos é estranhamente tranquilizante. Mas ao mesmo tempo teria sido tão bom nunca ter começado esse projeto! Que loucura achar que eu realmente poderia dar os últimos toques no quilt até o fim da jornada.

– É uma linda peça – comenta alguém.

Eu ergo os olhos e vejo uma mulher que deve ter mais ou menos a minha idade, andando com um cachorrinho sujo preso em uma coleira com guia retrátil. O cachorro puxa a coleira até o fim e então volta para perto dela, como um ioiô preso em um barbante. A mulher observa o quilt com olhar experiente.

– Obrigada – digo, reconhecendo a experiência dela. É gratificante perceber que há artesãs por toda parte. É uma arte universal, amada por muitas mulheres. – Estou fazendo para minha filha usar em seu quarto no dormitório da faculdade.

Ela acena, de forma apreciativa.

– Que grande ideia. Uau! Você está trabalhando à mão?

– Assim tenho mais mobilidade. E mais variedade.

Essa manhã eu bordei a palavra *Lembre* sobre um retalho feito do vestido com que minha mãe dançava quadrilha.

– Sempre achei que os padrões livres de quilt eram mais desafiadores que os padrões conhecidos – comenta a estranha.

– Você deve estar certa. A princípio, pensei que dessa forma o trabalho iria mais rápido. No entanto, não paro de tentar acrescentar mais coisas e de mudar de ideia.

– Gosto de ir devagar quando estou trabalhando em um quilt – comenta ela. – Mantém-me concentrada no momento, entende?

Sim, entendo. E aí está o que acontece quando artesãs se encontram. Sempre há assunto. Passamos de estranhas a amigas

em uma questão de segundos. Vi isso acontecer várias vezes na loja de Minerva. É como se o tecido fosse um terreno comum, e o padrão escolhido, um aperto de mãos secreto. Artesãs já sabem muito umas sobre as outras, de cara; podemos pular os pequenos detalhes.

Logo, estou levando a mulher por um passeio guiado ao longo quilt de Molly. O pedaço de tecido do travesseirinho onde deixamos seu primeiro dente para a fada dos dentes; a fita azul que ela ganhou na feira de ciências do sétimo ano, com sua maquete do açude; um distintivo que ganhou como bandeirante, vendendo biscoitos para ajudar uma casa de repouso; um dos blocos está decorado com laços cor-de-rosa em forma de oito, em homenagem à época em que ela levantou mil dólares em fundos para a Corrida pela Cura.

Às vezes me pergunto se estou sendo justa com os tantos momentos marcantes e as lembranças que venho costurando nesse quilt. É fácil montar um quadrado para celebrar suas pequenas vitórias e seus momentos felizes, mas não vou registrar os castigos que ela levou por matar aula; ou o dia em que furou o próprio umbigo tentando pôr um piercing e ganhou uma infecção; ou a noite em que um policial a trouxe em casa, fedendo a vinho barato. Por que não lembrar essas vezes? Também fazem parte da história dela.

– Você está fazendo uma herança de família – comenta a mulher.

Ah!, penso, estou inocentada. É por isso que não preciso dessas outras lembranças no quilt.

– Não conseguirei terminar a tempo.

A mulher sorri, e se apoia na mesa de piquenique.

– A tempo de quê?

– Do dia da mudança para o dormitório.

– Tenho uma regra. Se o quilt não está se desmanchando, então está terminado. – Ela tem mais ou menos minha idade, suponho, no entanto parece mais sábia, e não entendo bem por quê. Sua postura é relaxada, e parece não ter pressa alguma.

Conto a ela sobre a loja de Minerva, sobre como vou sentir falta depois que ela fechar, e como as coisas serão diferentes quando eu tiver de comprar meus tecidos em outro lugar.

– Talvez alguém compre a loja – sugere a mulher.

– É o que espero. Mas não estou muito otimista a esse respeito. A maior parte das mulheres que conheço e que seriam capazes de tocar o estabelecimento já têm outros empregos, ou estão aposentadas, ou muito ocupadas com suas famílias. É um risco grande e um enorme comprometimento de tempo.

– Entendo – diz a mulher.

O cachorro terminou o que tinha ido fazer nos juncos, e minha nova amiga chama uma garotinha que está brincando nos balanços.

– Amanda, é melhor irmos andando.

A menina de cabelos escuros corre com as pernas gorduchas.

– Só mais cinco minutos – implora ela, em uma voz que qualquer mulher por perto reconheceria.

– Mais um minuto – afirma minha companheira, e ambas sabemos que ela vai deixar mais cinco minutos.

– Sua filha é um encanto – comento.

– Obrigada, mas ela não é minha filha. – A mulher relanceia um olhar cheio de significados na direção de Molly. – Amanda é minha neta.

Meu Deus... A mulher já é avó. Não quero ser avó agora. Ainda não terminei de ser mãe.

No entanto, quando ela puxa o cachorro mais para perto, chama a garotinha de cabelos escuros e Amanda voa para seus braços, há uma alegria mágica visível na relação das duas. De certa forma, é mais doce que a maternidade, provavelmente porque é mais simples.

– Tenha cuidado no volante – digo a ela.

– Você também – responde a mulher –, e boa sorte com o quilt.

## ***Capítulo Onze***

---

NA ÚLTIMA etapa de nossa viagem, a paisagem é formada por uma colcha de retalhos de florestas, campos, riachos e pequenas cidades, costurada por estradas, alguns rochedos e cercas pintadas de branco.

– Santo Deus, as pessoas realmente moram aqui? – pergunta Molly, diminuindo a velocidade enquanto o carro desce uma colina e entra em uma cidadezinha à moda antiga, que tem até uma igreja branca e um parque da cidade. – É como entrar no cenário de um filme.

Ela está certa, é um lugar estranho e lindo, puro e inocente, mas, ainda assim, com um leve ar de perigo típico do desconhecido. Quando eu era menina, sonhava em viajar para longe, mas nunca fiz isso. Em minha família, as férias eram raras, e quando íamos a algum lugar normalmente era para algum parque estadual, de carro. Para meus pais, a vida em casa era o bastante.

Minha mãe tinha um passatempo favorito e simples. Bastava ligar a TV. Ela era fanática pela série *Dallas*, sobre uma família completamente diferente de todas as que conhecíamos. Em minha



cabeça, posso ouvir a música de abertura ousada, que marcava o início de cada episódio. Essa é uma das memórias mais vivas de minha infância. A melodia intensa era o sinal de que era noite de boliche para meu pai e de que ia começar o programa sacrossanto de minha mãe. Nas noites de domingo, a rotina nunca variava. Ela apressava papai para sair, então preparava uma pizza usando massa pronta, as mãos untadas com óleo, enquanto abria a massa com a rapidez de uma profissional sobre um tabuleiro redondo. Um pouco de molho de tomate, queijo de aparência questionável espalhado por cima e forno por poucos minutos.

Ao contrário de todos os outros dias da semana, no domingo não sentávamos adequadamente à mesa. Não havia salada ou acompanhamentos, nem algum vegetal simbólico. Apenas fatias de pizza quente e copos de leite gelado. E talvez um bolinho comprado pronto de sobremesa.

Então, apesar de meus protestos ressentidos e suspiros de mártir, eu era mandada para a cama. Até mesmo no verão, quando a luz do dia se estendia por mais uma hora, mamãe me despachava para o quarto, porque as noites de domingo eram sagradas. Eram as noites de *Dallas*.

Minha mãe não queria interrupções. Acho até que ela teria sido capaz de tirar o telefone do gancho, mas não era necessário, porque todas as suas amigas estavam fazendo a mesma coisa – apressando os filhos para a cama e os maridos para fora de casa –, para que pudessem passar uma hora naquele mundo fabuloso e colorido de matronas milionárias e os canalhas que as amavam.

Eu não tinha permissão para assistir, e de qualquer forma não teria vontade. Para uma criança, as conversas intermináveis dos adultos, os negócios de alto risco no mundo do petróleo e os amores proibidos eram muito chatos.

De meu quarto, eu sempre sabia quando o programa começava. Primeiro, ouvia o tilintar de vidro. Nas noites de domingo, minha mãe abria a garrafa de vinho barato, revestida de palha, que

mantínhamos no armário, e se servia de apenas um copo grande e cheio. Logo depois, uma espiral de fumaça de cigarro subiria até o segundo andar. Minha mãe estava fumando um cigarro com filtro embutido, fosse lá o que fosse isso. Pergunto-me se ela chegava a imaginar o rancho Southfork da série como um lugar real, que se destacava nos campos verdes do Texas, com arranha-céus a distância.

A música aguda ia crescendo, o som se elevando escada acima até meus ouvidos ressentidos. Mamãe gostava tanto da música-tema da série que comprou as partituras para piano dela. Embora jamais tenhamos tido um piano, ela aprendeu a cantarolar as notas. Alguns anos atrás, Molly encontrou a música e a tocou no piano, enquanto eu estava na cozinha. Experimentei o mesmo estremecimento curioso que misturava ressentimento e curiosidade que costumava sentir quando era criança.

Hoje, as mulheres relaxam indo para spas urbanos, retiros de ioga ou passando fins de semana inteiros jogando paintball e gritando como loucas. Outras frequentam clubes de strip-tease masculino ou se embonecam todas para tomar chá com as amigas. Na época de minha mãe, mulheres iguais a ela não precisavam ir muito além de suas salas de estar.

PARAMOS EM uma delicatessen para comprar nosso almoço. Molly fica encantada com o sotaque evidente da Nova Inglaterra da moça que nos atende no balcão. Ela alonga as vogais e fala rapidamente os erres.

Os sanduíches são chamados de “submarinos” e os milk-shakes de “frapês”. A palavra parece estranha, estrangeira em minha boca, e quando fazemos nossos pedidos não olhamos uma para a outra porque sabemos que vamos começar a rir.

Pegamos nosso almoço e nos sentamos em um parque à beira da estrada com uma bela vista. Há uma placa apontando para o caminho que leva à casa de Norman Rockwell.

– Posso entender onde ele conseguiu inspiração – digo a Molly, gesticulando para as montanhas arredondadas adiante.

– Quem?

– Norman Rockwell. – Aponto para a placa.

– Quem foi ele?

De novo, não. Isso é loucura. Será possível que ela não conheça um dos mais famosos artistas plásticos americanos do século XX?

– Você sabe, Moll, aquele que fez todas as ilustrações de crianças pescando e famílias rezando. Rockwell fez a capa do *Saturday Evening Post* por anos. Isso foi antes de meu tempo, mas essas ilustrações estão por toda parte, em calendários, cartões de aniversário, pôsteres, escritórios de dentistas.

– Entendo.

– Talvez pudéssemos ir até lá, dar uma olhada no lugar onde ele criou sua arte.

– Não vamos, não – fala ela rapidamente.

Sinto uma ponta de ansiedade em sua voz.

Deixo o assunto morrer.

– Tenho uma coisa a dizer sobre submarinos e frapês, ou seja lá como se chamam.

– O que é?

– São uma delícia!

Molly acena, concordando. O pão caseiro e os frios exóticos – salame seco, presunto defumado no xarope de bordo, enformado de azeitonas – e o molho azedo condimentado são fantásticos. Digo a mim mesma que posso continuar a dieta quando chegar em casa.

Está um dia bonito demais para nos apressarmos. Molly decide dar uma caminhada, seu eufemismo para encontrar algum lugar isolado de onde possa ligar para Travis. Tenho dúvidas de que ela vá conseguir sinal aqui, mas não digo nada. Em vez disso, pego o quilt e enfio a agulha no tecido, atravessando as várias camadas. A agulha prateada desliza com a rapidez de um raio. Pouco a pouco,

estou começando a perceber que fracassei. O quilt não estará terminado quando chegarmos à universidade.

Sinto-me desconfortável e observo Molly descer o caminho, com as mãos nos bolsos. De repente, ela me parece tão pequena e sozinha... Uma ânsia de protegê-la – do quê? Quem sabe? – me atinge com força. Logo não estarei por perto para protegê-la. Mas ela precisa ir.

E, quanto a mim, tenho de deixá-la ir. E depois terei de descobrir como ser eu mesma de novo.

– Que olhar é esse? – pergunta Molly, voltando da caminhada e sentando-se a meu lado à mesa de piquenique.

– Não estou com olhar nenhum.

– Vamos lá! Fale!

– Estava só pensando nessa mudança enorme. Parece tão repentina.

– Nós sabíamos que ia acontecer.

– Sim. E era o que eu queria que acontecesse. Queria criar um filho. E fiz isso, criei uma filha maravilhosa. Mas agora você está partindo.

– Mãe... – Ela me dá um sorriso doce e irônico. – Esse é o objetivo.

– Bem, eu só gostaria que alguém tivesse me dito o quanto é difícil deixá-la partir.

– E você achou que seria fácil?

– É claro que não. – A agulha volta a entrar e sair do quilt.

– Um passarinho uma vez me disse que não se deve deixar de fazer uma coisa só porque ela é difícil.

São minhas palavras, só que provavelmente eu as disse para conseguir que ela pulasse de um trampolim ou para que experimentasse um cogumelo Portobello.

– Se você fizer alguma bobagem depois que estiver longe – deixo escapar em um rompante –, como vou ajudá-la a consertar as coisas?

Fico horrorizada no mesmo instante. Tenho de me desculpar. Saiu tudo errado. Eu não deveria ter dito nada.

Antes que eu possa balbuciar “Desculpe, eu não queria dizer isso”, Molly cai na gargalhada.

– Notícia de última hora, mãe. Não é seu trabalho consertar.

Rio com ela, mas não posso evitar o pensamento que surge em minha cabeça: Então qual é meu trabalho, agora?

PASSAMOS MAIS tempo do que esperávamos no parque à beira do caminho. É um lugar tão lindo, e o ar está tão agradável... Quando a brisa muda um pouco, sinto a próxima estação se aproximando, e posso ver isso nas copas das árvores distantes, que estão começando a mudar de cor.

Molly parece preocupada. Pergunto-me se ela está pensando no que a aguarda à frente... ou no que deixou para trás. Suas ligações e a troca de mensagens de texto com Travis diminuíram em frequência, o que acho um bom sinal. Ela está dirigindo, enquanto continuo trabalhando diligentemente no quilt. Molly está concentrada na distância que falta para a cidade.

– Apenas 65 quilômetros – ela diz. – É difícil acreditar que finalmente estamos tão perto.

Minha agulha desliza pelo tecido, homenageando um retalho antigo de flanela de um dos pijamas de Dan, uma coisa da qual é provável que ela nem se lembre. Mas eu me lembro e, de repente, sinto falta dos braços dele a meu redor, do som de sua respiração, calma e estável. Penso no calor do corpo dele e em seu perfume quando dorme a meu lado. Sinto saudade de meu marido. Se ele estivesse aqui, me faria dizer exatamente o que está me passando pela cabeça. Não adiantava ficar guardando as coisas.

– Acho que poderíamos ir direto agora, Moll, em vez de passarmos a noite em algum lugar nos subúrbios da cidade.

Havíamos planejado chegar por volta do meio-dia, no dia de orientação, assim Molly teria tempo de organizar seu quarto no

dormitório antes de se ver envolvida pela confusão de atividades preparadas para os calouros.

– Não. – A resposta dela me surpreende por ser tão firme e decidida. – Não foi isso o que planejamos. Não queremos chegar à cidade depois que estiver escuro. E, de qualquer modo, aposto que não haverá vagas para nos hospedarmos perto da faculdade. Mesmo se conseguíssemos um lugar para ficar, os hotéis hão de ser caríssimos, e os dormitórios não estarão abertos para os estudantes até amanhã ao meio-dia.

É difícil compreender essa reação de Molly. Antes ela mal conseguia se aguentar de vontade de chegar logo à universidade, mas agora, na noite da véspera do começo de sua nova vida, Molly parece ter todo o tempo do mundo. Fico satisfeita por ela querer estender nosso tempo juntas.

– Você está certa – concordo, e observo pela janela a placa que indica a entrada para a cidade onde escolhemos passar nossa última noite. – Devemos nos ater a nosso plano.

Ela assente e relanceia o olhar para o celular, que está a seu lado, no banco. Travis não ligou o dia todo, e suspeito ser ele a causa dos prolongados silêncios entre nós. Sinto uma satisfação sombria e terrível e espero que esse seja o começo do fim para eles, que à ausência de ligações de Travis não se deva à ausência de sinal para o celular, mas sim a uma ausência de compromisso da parte dele.

Meus pensamentos fazem com que eu me sinta terrível. Molly adora Travis, e ele a faz feliz. Não é isso o que desejo para ela, que seja feliz? Mas não quero que o futuro de minha filha pertença a ele, a um garoto charmoso de uma cidade pequena que passou o verão inteiro tentando convencê-la de que não há vida melhor do que a que a nossa cidadezinha do Oeste pode oferecer.

Aquilo foi o bastante para mim, reconheço com uma pontada de culpa, e relanceio o olhar rapidamente para ela. Lá, na mesma cidade que Molly está sendo forçada a abandonar, encontrei toda a

felicidade da vida. E se eu estiver roubando dela a chance de fazer o mesmo?

E por que espero que os sonhos dela sejam maiores do que os meus jamais foram? O que é isso que tanto quero para ela e que jamais quis para mim?

Sinto as dúvidas me assaltarem. Molly liga a seta.

– Podemos ficar neste aqui.

Temos um cartão de desconto da Travelers Rest, uma cadeia de hotéis de preço médio, por isso concordo com a escolha dela. O quarto é previsível, limpo e sem graça, com um leve cheiro de mofo no ar. Chegamos cedo e ainda temos uma boa parte da tarde. Talvez eu afinal consiga terminar o quilt de Molly.

Em vez disso, sinto uma inquietude tomar conta de mim. Levo a caminhonete até um posto de combustível próximo, encho o tanque e peço ao atendente para checar o óleo, os pneus, a água do limpador de para-brisa. Uso o rodo para limpar o para-brisa e a grade de ventilação. Lembro-me de que fiz exatamente essas coisas no dia em que entrei em trabalho de parto para ter Molly. Nas aulas do curso de preparação para o parto, nos disseram que quando a mulher está prestes a dar à luz é comum que sinta uma descarga de energia. É o instinto de arrumar o ninho se manifestando. Eu limpei e esfreguei a casa e o carro durante todo o dia e estava me acomodando para uma boa noite de sono quando minha bolsa d'água arrebentou.

Então o que é que estou fazendo agora? Estou *desarrumando* o ninho? É apenas uma questão de bom senso, digo a mim mesma. Amanhã não vou querer ser distraída por tarefas rotineiras como checar o calibre dos pneus. Quero que tudo corra tranquilamente e que o carro esteja tão pronto para partir quanto o de fuga de um criminoso.

Quando retorno ao hotel, Molly está na piscina oval, de água azul-turquesa, instalada no meio de um gramado bem-cuidado. Não está o clima perfeito para nadar, mas essa deve ser a última oportunidade

do verão. Por isso, apesar do friozinho no ar, decido me juntar a ela. Vou até nosso quarto e visto meu maiô, um desses que têm um corte tão bom que esconde todos os defeitos. É claro que ele não consegue disfarçar o que não cobre, por isso uso a arma secreta de toda mulher de mais de 40 anos: a saída de praia.

Meus chinelos fazem barulho contra o asfalto aquecido pelo sol do estacionamento, e me aproximo da piscina. Molly está usando o biquíni amarelo e branco que escolhemos na liquidação de fim de estação em uma loja perto de casa. O cabelo dela está esticado para trás, e sua pele, cheia de gotinhas d'água. Sentada na beira da piscina, na parte mais rasa, Molly observa duas crianças brincarem, um menino e uma menina, que devem ter uns 4 e 6 anos.

Fico olhando para ela, imaginando quando viajaremos juntas de novo, quando voltaremos a escolher um hotel na estrada por causa da piscina, quando comeremos porcarias novamente vendo TV até tarde da noite. Tudo nessa nossa viagem é mais significativo e intenso porque é a última vez.

As crianças estão rindo e jogando água uma na outra sob o olhar atento da mãe, que volta e meia se vira para conversar com Molly. Enquanto observo, Molly entra na água para ajudar a garotinha a ajeitar sua boia de braço. Então ela segura a mão da menina e a gira em um círculo, fazendo o barulho de um motor de barco. A garotinha ri e se debate. Estou parada ao lado da piscina e de repente é como se estivesse vendo a mim e Molly, como se estivesse ouvindo nossas risadas ecoando na água e sentindo a mãozinha dela na minha enquanto eu a puxava.

Fico impressionada por ela agora estar fazendo exatamente o que eu fazia, inclinando um pouco o braço e tomando cuidado para não ir nem muito rápido, nem muito fundo, para não assustar a menininha confiante. Onde aprendeu a ser tão gentil, tão bem-humorada com crianças? Não me lembro de tê-la ensinado e, ainda assim, aqui está ela, recriando um momento do qual eu não havia me lembrado até agora. De repente a lembrança é tão clara para



mim como se houvesse acontecido anteontem. Em um dia de verão, muito tempo atrás, nós duas éramos exatamente assim, uma jovem mulher com sua garotinha, compartilhando um momento especial.

Só que não sou eu nessa imagem. Esse é um momento de Molly, não tem nada a ver comigo. E me sinto estranhamente bem por isso. Ela é uma pessoa independente agora, e não sinto a necessidade de me meter em nada disso.

O celular de Molly, que estava apoiado na mesa de metal, perto da piscina, toca de repente. É o toque de Travis, que soa como uma sirene de bombeiros.

Molly se apressa a entregar a menina para a mãe e sai da piscina com a agilidade de um golfinho adestrado. Ela seca a mão em uma toalha e pega o aparelho. No mesmo instante, Molly me vê indo em sua direção.

Seu rosto se ilumina em uma expressão de pura alegria, um eco claro da expressão com que ela costumava me receber quando ainda era pequena e eu dizia: “Vamos nadar, Molly.”

Mas agora seu rosto está se iluminando por causa de outra pessoa. Ela acena rapidamente para mim, então diz ao celular:

– Oh, meu Deus! Meu Deus! É mesmo? Não acredito! – Ela está pulando agora e já não parece uma jovem adulta, e sim uma criança saltitante, empolgada. – Onde? – pergunta Molly, e logo: – *Agora?*

A sensação de tranquilidade que me envolvera alguns momentos atrás desaparece. Coloco minha toalha em uma espreguiçadeira perto da de Molly, enquanto tento adivinhar o motivo para ela estar tão animada. Eu estava pensando que Molly começava a se desligar de Travis, vendo as ligações ficarem mais curtas e mais raras conforme seguíamos viagem, e agora a vejo assim, animada como no dia em que ele a convidou para o baile de formatura.

Eu a observo, ouço a empolgação em sua voz e percebo que sinto falta dessa Molly. Durante toda a viagem ela foi agradável, mas contida. Mesmo quando voou sobre o lago Ontário, ou quando ficou

observando os dançarinos no bar, Molly se divertia, mas não estava exuberante. Não até este momento.

O que Travis está dizendo a ela que a tirou do chão dessa maneira?

E então, com uma risada da mais pura alegria, Molly coloca o telefone sobre a mesa.

– Não acredito nisso! – continua a dizer, então pega os chinelos e sai em disparada.

Eu sou lenta, e também não estou acreditando ainda.

Como se o mundo de repente ficasse em câmera lenta, eu me levanto e caminho até a corrente que cerca a piscina. Com o biquíni cintilando sob a luz do sol, Molly corre pelo estacionamento, gritando quando o asfalto queima seus pés, e então pulando de um pé para o outro enquanto joga os chinelos no chão e os calça. Ela volta a correr, mas não precisa ir muito longe, só até a entrada do estacionamento, onde se atira com a velocidade de uma flecha direto nos braços de Travis, que a espera.

## ***Capítulo Doze***

---

TRAVIS A acolhe em um abraço, e minha mente dispara, tomada pelo pânico. Que diabos esse garoto está fazendo, perseguindo Molly através do país?!

Só consigo me controlar graças a muita força de vontade. Por enquanto. Afinal, ele veio até aqui; o mínimo que posso fazer é dar aos dois um pouco de privacidade.

Cumprimento Travis rapidamente, mas sem ser indelicada.

– Vou nadar – digo a Molly. – Vejo vocês daqui a pouco.

Sim, umas braçadas na piscina. Preciso esfriar a cabeça, me acalmar, clarear as ideias. Não quero sair falando nada em rompantes ou tirando conclusões precipitadas.

No que se refere a piscinas, costumo entrar aos poucos, nas pontas dos pés, centímetro a centímetro, enquanto me acostumo com a água. Hoje, no entanto, me livro logo da saída de praia e mergulho da beira da piscina em um movimento rápido. Num instante me vejo cercada por um monte de bolhas, e minhas mãos tocam o fundo. A água está fria, mas fico feliz por isso.

Para mim, isso é um pesadelo. Acabo de trazer minha filha até a beira de um futuro completamente novo e empolgante, e de repente o passado a alcança e a puxa para trás.

No entanto, para Molly, é como um sonho que acaba de se tornar realidade. Que garota não fantasia um amor tão forte a ponto de fazer o homem amado voar do outro lado do país apenas para vê-la? E, bem no fundo de meu coração, entendo o que ela está sentindo. Ensinamos nossas filhas a sonhar com o amor. Lemos para elas histórias de moças em perigo e de cavaleiros em armaduras brilhantes que as resgatam e oferecem a felicidade a seus pés como um tapete de rosas.

É claro que hoje, em nossa época, também lemos sobre princesas mais esclarecidas que se viram muito bem sem um homem. Mas não são essas histórias que encantam nossas meninas. Por alguma razão primitiva, arraigada, falta charme aos contos de fadas politicamente corretos. As histórias que parecem marcá-las de verdade sempre envolvem homens alfa de ombros largos, erguendo-as nos braços.

DEPOIS DE algumas braçadas longas e vigorosas, tomo um banho e me visto, tentando me recompor um pouco. Perder a cabeça, gritar, ficar com raiva não ajudará em nada a resolver a situação. Tento ligar para Dan, mas cai na secretária eletrônica e acabo desligando sem deixar recado. Se eu tentar deixar um recado explicando o que está acontecendo, acabarei usando todos os nossos minutos grátis.

Em vez disso, saio para encontrar Molly. Ela e Travis já estão há uma boa meia hora no jardim do hotel, conversando e se abraçando.

– O que está acontecendo? – pergunto a eles.

Os cabelos de Molly estão ressecados pelo cloro, os cachos, fora de controle, e seus olhos, vermelhos de tanto chorar.

– Eu precisava ver Molly – diz Travis.

Suas orelhas estão muito vermelhas. Percebo que é difícil, para ele, falar comigo.

Esforço-me para não demonstrar raiva ou crítica em minha expressão.

– Travis, entendo o quanto é difícil a despedida. Sei que vocês dois sentem muita saudade um do outro. Mas está na hora...

– Mamãe, não fique furiosa – diz Molly. – Tenho um plano.

De estragar sua vida. Mordo a língua para não dizer isso.

– Estou ouvindo.

– Mudei de ideia sobre a universidade – fala ela em uma frase rápida que expõe todos os meus piores medos. – Quero dizer, ainda vou fazer. Mas não tão longe.

– Opa. Espere aí. Essa é uma decisão muito séria. – “Declaração brilhante”, digo a mim mesma. “Você é um gênio”.

– É a decisão certa. – Molly se põe na defensiva no mesmo instante. – Ao longo desta semana eu percebi que vai ser muito difícil para mim ficar longe de Travis. Serei feliz na Universidade do Wyoming.

– Oh, Molly... Sei que pensa assim agora, mas lembre-se de que você sempre quis...

– Isso nunca teve a ver com o que eu quero – afirma ela, cada palavra afiada como uma lâmina. – Sempre teve a ver com o que você quer para mim.

– Nós queremos a mesma coisa.

– Queremos? Quando foi a última vez que você se certificou disso, mamãe? Esse trem começou a disparar nos trilhos no instante em que recebi a carta de aprovação. Nunca ouvi um “Você quer fazer isso?”.

– Não achei que eu precisasse perguntar. Perdoe-me por presumir que você queria estudar em uma das melhores universidades do país e ver aonde isso poderia levá-la. Perdoe-me por presumir que você havia estudado tanto no colegial para que pudesse ter condições de experimentar um futuro além dos limites de uma cidade pequena.

– Venho pensando nisso durante toda a semana. Nunca falamos sobre outras opções, mamãe. Nunca levamos em consideração a

possibilidade de uma dessas opções ser eu dizer “Muito obrigada, mas tenho outros planos”.

Travis, que nunca foi um garoto de muitas palavras, fica apenas parado ali, obviamente tomando o partido dela e, não posso negar, muito lindo. Ele muda o peso de um pé para o outro, checa uma mensagem no celular, como se alguém houvesse acabado de lhe mandar uma resposta através do éter digital.

– Fale-me sobre esses outros planos, Moll. Realmente, quero saber.

– A universidade estadual faz todo o sentido – insiste ela, a voz tão intensa e convincente quanto a de um advogado em um tribunal. – É muito mais barata.

– Você tem uma bolsa de estudos. Que conquistou por seus próprios méritos, devo acrescentar. Não fui eu que a consegui para você. E você se candidatou à bolsa porque quis.

– E agora quero outra coisa. – Ela olha para Travis com uma expressão de adoração, mas ele ainda está olhando para a tela do telefone.

A universidade estadual está cheia de alunos que continuam a morar em suas próprias casas e lutam para conciliar casamento, maternidade e trabalho com seus cursos na faculdade. Sem dúvida são pessoas talentosas, que trabalham duro para conseguir fazer tudo isso e terem vidas plenas, felizes e bem-sucedidas. É claro que a universidade estadual é uma boa opção.

Mas não é a mesma coisa que o universo rarefeito de alunos escolhidos a dedo entre os melhores e mais brilhantes, com fundos suficientes para oferecer bolsas de estudos a garotas como Molly. Na universidade estadual não haverá nenhuma dessas coisas sobre as quais ouvimos falar, não haverá fogueiras ao ar livre ou longas horas de estudo até tarde, ou brincadeiras sofisticadas. Também não haverá estudantes de Gana ou palestras de representantes das Nações Unidas, ou de laureados com o prêmio Nobel, nem dramas vividos nos corredores dos dormitórios, ou produções teatrais

internas de *Os monólogos da vagina*. Não haverá fins de semana com os pais ou discursos de graduação em latim.

– Conseguirei fazer o que eu e você queremos – continua Molly. – A universidade e Travis.

– Há tanto mais para você descobrir – digo, sabendo que ela não acredita em mim.

– Travis e eu descobriremos juntos.

Trinco os dentes, e me recuso a explodir.

– Travis – digo a ele –, Molly e eu podemos ter um minuto a sós?

– Ele fica. – Molly segura a mão do rapaz.

– Ahn, não tem problema. – Ele solta a mão dela. – Resolva as coisas com sua mãe.

Travis se afasta com um sorriso conciliatório, mal conseguindo disfarçar o alívio que sente. Quase sinto pena do rapaz, pois sei que a tensão entre mim e Molly está no limite, é muito palpável. Ele vai até a piscina e coloca algumas moedas em uma máquina de doces.

– Oh, Molly... – Faço uma pausa, tentando descobrir um modo de persuadi-la. – Olhe até onde você já chegou. Não desista de algo com que vem sonhando há anos!

– A decisão é minha – diz ela, os olhos marejados de lágrimas. – Sou eu que vou ter de aguentar os próximos quatro anos. Posso passá-los no meio de estranhos, lutando para ficar bem e tentando me adaptar, a milhares de quilômetros de casa; ou posso estar perto das pessoas que me amam, fazendo uma faculdade, conseguindo boas notas, sem sacrificar quatro anos de minha vida.

Esse súbito senso prático é uma novidade. Mas também posso ser prática:

– A maior parte das pessoas não veria uma bolsa de estudos para uma das melhores universidades do país como um sacrifício.

– Para mim, seria. Até mesmo esta semana tem sido uma tortura, mãe. Eu *amo* Travis.

Aquela paixão absoluta me detém. E se Travis for o homem? E se for ele o amor da vida dela? Um amor verdadeiro não aparece todo

dia. Tenho o direito de afastá-la dele? Suponhamos que ela faça as coisas a minha maneira, se afaste dele e alguma coisa terrível aconteça. Como eu poderia me perdoar?

Se Molly desistir da bolsa de estudos, voltar para casa com Travis e se arrepender mais tarde, o erro terá sido dela, não meu. E se essa for a coisa certa a fazer, então é certo que ela tenha o direito de escolher.

Não posso negar que essa mudança inesperada de planos tem seus atrativos. A ideia de Molly vivendo em nosso estado, voltando para casa nos fins de semana com roupas para lavar, jantando conosco aos domingos... isso me atrai. Sim, eu acho que, sim, no fim das contas pode funcionar.

Mas...

Travis está perto da máquina automática de salgadinhos, com um refrigerante e um saco de salgadinhos na mão. Ele conversa com a jovem mãe das duas criancinhas.

Molly percebe que estou tentando reunir argumentos.

– Posso conseguir um diploma universitário... a qualquer momento... em qualquer lugar... que eu quiser.

– Era isso o que eu costumava pensar.

– Mas Travis... Só há um Travis. Há muitas formas de conseguir um diploma universitário, mas apenas um Travis.

– E se ele a ama, também vai amar o sonho que você deseja realizar.

– Se ele me ama, não aguenta ficar longe de mim. Travis gastou todo o dinheiro que ganhou em uma semana para voar até aqui.

Mordo a língua para evitar dar minha opinião sobre *isso*. Muito tempo atrás, eu tinha raciocínios muito parecidos com o de Molly. E se ela fizesse a escolha que eu fiz?

– Meu amor, você é tão jovem. Permita-se *ser* jovem, em vez de fechar todas essas portas.

– Posso ser jovem com Travis. – Como se lesse minha mente, ela completa: – É exatamente o que você fez, mamãe. Você escolheu o



amor, e olhe o que fez de sua vida. É maravilhosa. Você e papai são incríveis juntos. Você se concentrou no que era mais importante.

Foi isso o que ensinei a ela. Servi de modelo para Molly. Escolha o amor, sempre. É surpreendente e, devo admitir, gratificante que ela olhe para mim e para Dan e pense que somos incríveis juntos. Espero mesmo que sejamos.

Mesmo assim a insistência dela em seguir o mesmo caminho ainda me parece uma escolha menor. Travis é tão... tão jovem. É um bom rapaz, de uma boa família, mas pode ser desatencioso com os sentimentos de Molly, embora eu nunca tenha levantado essa questão por medo de começar uma briga.

Talvez Dan também fosse assim e eu nunca tenha chegado a perceber porque era louca por ele. Agora, anos mais tarde, às vezes me pego pensando no que eu teria feito, quem eu poderia ter sido, se houvesse optado por uma vida grande, e não por um grande amor.

Estou fazendo Molly viver o que eu não vivi? Isso é justo com ela?

Respiro fundo para tomar coragem.

– Não quero forçar você a tomar uma decisão. Se você se sentir obrigada a seguir nosso plano inicial e as coisas não derem certo, nunca vai me perdoar. Eu mesma jamais me perdoarei. Você decide, Moll. Vou apoiá-la seja qual for sua decisão.

– Fala sério, mamãe? Não está dizendo isso apenas por dizer?

Talvez. Não, estou falando sério. A vida de Molly agora é um problema dela.

– Estou falando sério.

Sinto sua força e determinação. Ela caminha na direção de Travis.

E assim, de repente, tudo muda. Os sonhos mudam. O amor transforma a vida. O amor tem um jeito todo especial de fazer isso.

TELEFONO PARA Dan para contar as novidades. Travis veio encontrar Molly e a convenceu a mudar de ideia sobre ir para uma universidade tão distante. Faço um breve resumo de toda a

racionalização de Molly, conto que ela diz que ainda pode se diplomar pela Universidade do Wyoming. Não teremos perdido muito dinheiro, apenas os custos dessa semana de viagem e um percentual da primeira parcela da matrícula.

– O fato de esse rapaz ter viajado tudo isso para defender seu argumento diz alguma coisa sobre ele – afirma Dan.

– O quê? – pergunto, irritada. – Diz o que sobre ele, Dan? Que o garoto não tem nada melhor para fazer? Ou que ele está pronto para assumir a responsabilidade sobre ela, sobre seu coração e seus sonhos, a responsabilidade por mantê-la segura? Ou será que a fábrica está em período de dispensa temporária e Travis se cansou de sair por aí com os amigos?

– Talvez ele a surpreenda.

– Você não está ajudando. Precisamos pensar parecido em relação a isso.

– Não, não precisamos. Somos duas pessoas completamente diferentes, e Molly também é uma outra pessoa. E tem idade suficiente para entender que eu e você podemos ter pontos de vista diferentes.

Enquanto conversamos, ando de um lado para o outro no quarto, precisando descarregar minha inquietação. Pego a bolsa com o material para o quilt. Há um pedaço de tecido tirado de um bolso com um cachorrinho bordado. Era de uma bermuda que Molly usava no dia em que aprendeu a andar de bicicleta apenas em duas rodas.

Aos 5 anos, as rodinhas de apoio da bicicleta dela já estavam em péssimo estado, e eu insisti que era hora de as tirarmos. Ela relutou e discutiu comigo, chorando.

E só concordou quando Dan prometeu que correria a seu lado, segurando-a.

– Não vou soltá-la até que esteja firme – prometeu ele.

Eu tinha certeza de que ela não o deixaria soltá-la, por isso fui cuidar de meus afazeres. Estava na cozinha, testando uma nova receita, quando a ouvi gritando. Logo depois ouvi a campainha

estridente da bicicleta dela fazendo *brring, brrring*. Quando saí de casa, vi Molly guiando a bicicleta apenas sobre as duas rodas, enquanto Dan ficava parado no meio da rua, sorrindo de orelha a orelha.

– Eles são jovens – Dan estava dizendo –, mas são adultos.

– Se ele estivesse pensando em Molly, não a afastaria dessa grande oportunidade.

– A questão é que isso não é problema nosso; não mais. Recue, meu amor. Deixe Molly lidar com isso sozinha.

Recue. Posso até ouvir a voz de Molly dizendo: “Ah, como se isso fosse acontecer...”

Desligo o telefone. Alguma coisa mudou em mim durante essa viagem, uma mudança sutil no modo como vejo minha filha. Ela é esperta, autêntica e mais madura do que eu achava. Tentar dobrá-la à minha vontade não vai funcionar, como não funcionaria comigo na idade dela. Dan me diz para desistir. Ele não tem ideia de como isso é difícil. Dou um suspiro profundo e pego o quilt que havia deixado de lado. Minha agulha atravessa com facilidade pelas camadas de tecido e volta, espetando de leve a ponta de meus dedos. Trabalho em uma frase que minha mãe adorava citar: *Sê fiel a ti mesmo*.

Há um pontinho de sangue no tecido branco na parte de baixo do quilt. Não percebi que furei meu dedo. Pego um cubo de gelo do balde que havia enchido mais cedo e tento limpar a mancha. Ela esmaece até um tom rosado leve, mas não desaparece completamente. Manchas de sangue nunca desaparecem completamente.

Depois de limpar a mancha, deixo o quilt de lado. Não estou com vontade de me concentrar nele. Não estou com vontade de fazer nada.

Deito na cama e fico olhando para as telhas manchadas no teto. Está ficando tarde, mas não sinto o menor sono. É meu dever como mãe convencer Molly a continuar seu caminho até a universidade?

Não, não é. Meu dever é criar uma filha com um coração generoso e uma boa cabeça.

É como um malabarismo. Amor, sonhos e dever. Pego o quilt outra vez, cheio da delicadeza das lembranças. Toda a sabedoria do mundo está nesse quilt.

Olho para ele por um longo tempo, tentando descobrir se há alguma coisa nele para mim.

Acordo de manhã e descubro uma menina aconchegada contra meu corpo, sob o quilt. Ela se mexe e chega mais perto.

Outras lembranças me assaltam, de todas as manhãs em que acordei para ir para a escola, tentando ser o mais gentil possível. Eu costumava me deitar ao lado dela na cama e ficar acariciando suas costas até que Molly despertasse. Então me lembro de todas as noites que fiquei acordada até tarde, esperando, até ouvir o som tranquilizador do motor do carro dela. Costumávamos ter longas conversas, sussurrando, quando ela entrava, momentos depois da hora de dormir, sentadas na cama de Molly, enquanto ela me contava sobre a saída.

Agora me sinto maravilhada com a ternura que ainda sinto por essa adulta.

Oh, meu bebê... Eu costumava ser a responsável por estabelecer os limites de seu mundo. Agora você está em um rumo que a leva além dos limites e para longe de mim. Sempre vou adorar qualquer tempo que passemos juntas. Sempre. Mas você nunca mais será de novo meu bebê.

Ela se aconchega ainda mais, um movimento sutil e natural, me abraçando. Passo meus braços ao redor dela. Depois de um tempo, Molly se afasta, como se estivesse se preparando para partir.

– Moll?

Ela suspira e acorda.

– Sim – sussurra Molly, afastando-se de mim. – Isso significa o que você acha que significa.

– Onde está Travis?

– Onde você acha que ele está? Voltou para casa no voo seguinte.

Deixo escapar um suspiro cauteloso de alívio... que não dura muito. Molly acorda de vez e chora desconsolada, soluçando tanto que estremece a cama toda. Ela está chorando demais para conseguir falar, por isso passo meus braços a seu redor e a acalento, desejando silenciosamente que ela pare. Molly foi um bebê irrequieto, e eu costumava passar horas na madrugada andando de um lado para o outro com ela no colo, fazendo sons indistinguíveis para acalenta-la. Exatamente como estou fazendo agora.

Por fim, seus soluços se acalmam. Mas ela ainda está chorosa, a voz trêmula.

– Ele estava tão zangado comigo, mamãe. Tão furioso. Nunca mais vai querer falar comigo outra vez. Eu o magoei demais.

– Sinto muito, Moll. Sei que você não suporta magoar ninguém.

– Por que você não podia simplesmente me deixar voltar para casa? Porque tinha de fazer disto uma questão de Estado?

– Eu deixei a seu critério – relembro a ela.

– Mas foi *assim* que você transformou isso em uma questão de Estado. Fez com que eu me sentisse uma idiota. – Molly está agitada agora. Ela seca as lágrimas com a ponta do quilt e se senta.

– Nunca tive a intenção de fazer isso.

Mas... Uau... Molly está certa. Quero que ela tenha a vida da qual eu desisti para ser esposa e mãe. Ela é o caminho que eu não segui. E não é justo colocar esse peso em suas costas.

– Desculpe-me, filha. Se você quiser voltar agora, é isso o que vamos fazer. Sem recriminações, sem aborrecimento.

Ela fica quieta por um longo tempo.

– Eu me odiaria se não fosse até o fim com isso. Mas preciso que me escute, mamãe. Essa é minha escolha. Não estou fazendo isso porque você nunca teve a chance de fazer. Estou fazendo isso porque quero essa chance para mim.

## **SÉTIMO DIA**

*Leitura do hodômetro: 199.457km*

“Pegue sua agulha, minha filha,  
e trabalhe no modelo que escolheu;  
pouco a pouco aparecerá uma rosa.  
A vida é assim, um ponto de cada vez,  
feito com paciência, e o padrão que você  
escolheu dará certo, como um bordado.”

OLIVER WENDELL HOLMES

## ***Capítulo Treze***

---

SEGURO O mapa com a rota para a cidade destacada pelo iluminador.

– Acho que estamos perto da saída que devemos pegar.

Passamos por subúrbios cheios de casas comuns, do pequeno comércio local e de grandes lojas varejistas. Reparo em uma lojinha de tecidos com uma bela vitrine. Talvez eu dê uma parada ali quando estiver voltando para casa. O centro da cidade é vazio, sem atrativos, com um salão de beleza chamado *Crowning Glory* e uma instituição de caridade chamada *New Beginnings* aparentemente dedicada a providenciar roupas e suprimentos para um abrigo de mulheres local. Há também uma padaria que enche o ar com um cheiro tão delicioso que me traz lágrimas aos olhos.

Nós comemos pães doces e tomamos xícaras de café bem forte. Molly, sempre uma ávida consumidora de folhetos, pega um do salão de cabeleireiro e outro pedindo ajuda para o abrigo de mulheres: “Ajude alguém a ter um novo começo. Precisamos de roupas de trabalho.” Tentamos imaginar como deve ser ter de fugir para um abrigo sem nada além da roupa do corpo. Isso sem dúvida coloca nossos próprios problemas em perspectiva... Fico com o folheto, e

me comprometo comigo mesma a mandar um cheque. Mas não nos demoramos. O destino para o qual estamos viajando há dias agora se encontra apenas poucos quilômetros à frente.

Não temos muito o que dizer sobre ontem. Por fim, Molly fala:

– Travis já está em casa. Ele acabou de me mandar uma mensagem de texto.

Eu me preparo. Ela ainda pode querer voltar.

– Sei que está magoada, e odeio isso. Tudo o que acontece a você me atinge direto no coração.

– Então sabe o que estou sentindo.

Há uma breve hesitação, e prendo a respiração, enquanto espero que ela volte a falar.

– Tenho de fazer isso – diz Molly. – Quero, realmente quero fazer.

– Estou orgulhosa de você, Moll. Você está sendo incrível.

Nós pegamos a interestadual e subimos em uma ponte com várias saídas. As rampas descem na direção da cidade como artérias.

Uma placa oficial, verde e branca, marca os limites da cidade. Altura: 65 metros acima do nível do mar. População: 101.347.

Molly vira a cabeça para mim.

– Para a direita ou para a esquerda?

– Para a esquerda.

Meu polegar traça a rota, seguindo centímetro a centímetro, enquanto confiro as ruas laterais que passam. Esse lugar parece não ter muitas transversais, apenas estradas paralelas, algumas com a extensão de um quarteirão, outras levando a lugar nenhum. É como uma teia, ou uma rede. Como Molly vai se virar nessa cidade estranha e cheia? Como conseguirá se localizar?

– Você precisa virar à esquerda aqui. Pode entrar a esquerda nesta pista?

Uma sensação de mudança nos cerca quando entramos na cidade. Estou deixando minha única filha nesse território desconhecido. Estamos aqui. Nossa chegada parece abrupta, mesmo a viagem tendo durado dias. Vamos de um mundo a outro em uma questão de



poucos passos. Em um instante, estamos abrindo caminho através de uma confusão de estradas e congestionamentos; e no próximo nos encontramos em um oásis plácido de calma.

A rua tranquila de paralelepípedos parece saída do cenário de um filme: árvores despindo graciosamente suas primeiras folhas, pátios gramados retangulares cortados por calçadas, prédios de tijolos vermelhos em estilo colonial com janelas com pequenas venezianas, as molduras recém-pintadas de branco. Postes com lâmpadas a gás iluminam as calçadas. O caminho está marcado por buracos e depressões provocados por gerações de estudantes.

Nós paramos e compramos um cartão de estacionamento para um dia. Carros, minivans e caminhonetes estão estacionados ao longo do acostamento em ambos os lados do caminho. Dos veículos brilhantes saem garotas risonhas de longas pernas, rapazes esguios oscilando sob caixas e caixotes, mães consultando listas, um ou dois pais parados ao redor falando a telefones celulares ou olhando em volta, parecendo perdidos.

No fim das contas, foi bom Dan não estar aqui. Ele detesta se sentir deslocado.

Homens de aparência sofisticada estão diante de seus grupos de orientação, falando sem parar, mostrando os arredores aos estudantes. Os guias andam de costas, com uma segurança impressionante, certos de que não vão tropeçar.

Molly manobra nosso velho carro na rua estreita. Sem dúvida é o maior veículo não comercial à vista. Ela estaciona em uma vaga no acostamento, a boca retorcida enquanto tenta alinhar o carro grande.

– Não vou sentir falta de estacionar este monstro – resmungo.

Ela desliga o motor barulhento. Viro-me no assento e encontro seu olhar. Por um momento, nós duas ficamos sentadas ali, nos encarando, sem sorrir, sem falar, apenas... olhando.

É incrível o quanto se pode ver em um rosto amado, todas as camadas de tantos anos ainda visíveis hoje. A criança que Molly já

foi, com os olhos muito azuis e arregalados, me olhando. E meu rosto, 18 anos atrás, significava o mundo inteiro para aquele bebê.

– Muito bem – diz Molly de repente, soltando o cinto de segurança com um clique decidido. – Chegamos.

O cinto retrátil volta para o lugar enquanto ela sai do carro e bate a porta.

Um Lexus preto desce a rua, indo direto para cima de Molly. *Cuidado!*, quase grito para alertá-la, mas o momento passa antes que eu possa abrir a boca. Molly sobe na calçada, o carro passa, e eu ainda estou sentada sozinha, no assento do passageiro, o coração disparado de ansiedade.

– Muito bem – murmuro, ecoando o que Molly disse. – Chegamos.

A brisa, já um pouco fria, sopra as folhas secas, deixando um cheiro de outono no ar. Se estivéssemos em casa, eu estaria prendendo a agenda de jogos de futebol do colegial na geladeira e folheando catálogos de bulbos para o jardim.

Molly abriu o porta-malas e observa as pilhas de coisas e pacotes que trouxemos. A incerteza a faz franzir o cenho.

Dou uma sugestão:

– Talvez seja melhor...

– ... me registrar primeiro. – Ela termina para mim. – Com certeza é isso o que vou fazer.

– Quer que eu vá com você?

– Não precisa, mãe. Provavelmente não vai demorar mais do que alguns minutos.

– Esperarei aqui, então.

O carro parece um monte de metal enferrujado, sem condições de concorrer com os de último tipo com placas de Massachusetts, Connecticut, Nova York e Virginia. Em contraste com os importados em cores como verde-floresta e cor de vinho, nossa velha caminhonete, com sua pintura descascada, está completamente deslocada aqui.

Uma caipira na faculdade, penso, certa de que todos olham para mim. Relanceio o olhar pelo espelho retrovisor, e vejo a bolsa de compras com minhas roupas novas, que nunca foram usadas. Eu deveria ter vestido alguma coisa especial hoje, penso, já tarde demais.

Antigas preocupações vêm à tona. Ainda me sinto inferior, deslocada, a que era sempre escolhida por último. Oh, Deus. Será que Molly também se sente inferior, ou eu a criei para que não se sentisse assim? Olho para ela para ver se está constrangida por causa do carro. Mas não. Molly está entrando no prédio, distraída. Ela não se importa nem um pouco com a aparência do carro, ou com a cidade escrita na placa dele.

Telefone para Dan. Nunca fui muito fã de celulares, mas nesse exato momento estou tão apaixonada por meu celular que poderia me casar com ele. O aparelho prova que alguém quer falar com você. E me salva de ter de ficar parada sem fazer nada, tentando fingir que pertencço àquele lugar.

Molly ligou para o pai esta manhã para falar sobre Travis. Ele não pareceu surpreso. Nós recuamos, e ela fez sua própria escolha.

– Estamos aqui – digo a Dan. – É impressionante.

– Como está indo nossa menina?

– Ela não falou muito sobre Travis. Ainda não conversamos muito sobre ele. Estou esperando que Molly se concentre em se instalar aqui. – Meu olhar vagueia pela quadra, que nesse momento é um formigueiro de estudantes em plena atividade. – E parece que Molly se manterá bastante ocupada por aqui. – Respiro fundo. – Falando nisso, tive uma ideia.

– Lindy, outro órfão, não.

– Não. Ao menos agora, não. Admito que ter de me despedir de Molly está me deixando maluca. Acho que vou precisar de uma vida nova quando voltar.

– Alguma coisa errada com sua vida antiga?

– De jeito nenhum, mas sem Molly aí precisarei de um plano. Por isso eu pensei... Não fique nervoso!

– Estou ouvindo.

– Vou conversar com Minerva sobre a loja.

– O que quer dizer com conversar com ela?

– Sobre ficar com a loja. Ela está se aposentando, e pensei que talvez... eu pudesse ver se me qualifico para um empréstimo para pequenas empresas e... – Hesito. Dita em voz alta, a ideia parece tola. – Bem, talvez seja bobagem, mas acho que posso fazer dar certo.

Silêncio.

– Dan? – Espero que ele me diga o quanto estou sendo boba, ainda mais agora, com uma filha na universidade.

– Você consegue fazer qualquer coisa dar certo, Linda.

Essa é a última coisa que eu esperava ouvir dele.

– Acha mesmo?

– Diabos, claro! Não pareça tão surpresa.

– Mas... você nunca... eu nunca percebi que você pensava assim a meu respeito.

– Meu amor, sempre pensei assim a seu respeito. Só porque não digo não significa que o sentimento não está aqui.

– Você foi tão cético a respeito de minha última ideia...

– De adotar um órfão? Pelo amor de Deus, Linda, não é a mesma coisa! A ideia da loja é algo que quer para você, e não para preencher um vazio deixado por Molly.

Fecho os olhos e respiro fundo. Quando deixei de conhecer esse homem? Eu não deixei, apenas permiti que a parte mais ocupada da vida se colocasse em nosso caminho.

– Obrigada.

– Sinto saudade de você, Lindy. Mal posso esperar para vê-la.

As palavras dele fizeram uma onda de paixão percorrer meu corpo, uma emoção tão forte e fresca quanto na primeira vez em que a senti.

– Digo o mesmo – respondo, sorrindo.

MOLLY SAI do dormitório carregando um envelope grosso e conversando com uma mulher que segura uma prancheta. A mulher deve ter mais ou menos minha idade, no início dos 40, mas usa o cabelo liso preso em um rabo de cavalo descuidado, uma saia esportiva com estampa em motivos étnicos, uma blusa moderna e brincos folheados de prata. Molly parece encantada com ela.

Muito consciente de meu jeans amassado e da mancha de mostarda em meu moletom, lamento de novo não estar usando uma de minhas roupas novas. Então coloco meu melhor sorriso no rosto, caminho até os degraus de pedra e me apresento.

– Linda – diz a mulher –, sou Ceci Gamble, assistente do dormitório. – Ela tem a voz levemente nasalada, com um sotaque típico de algum internato da Costa Leste.

A música tema de *A bruxa malvada do Oeste* zumbe em minha cabeça. Quem é essa exótica nova mentora, prestes a tomar meu lugar?

– Prazer em conhecê-la. Então, está tudo certo para a mudança de Molly?

– Sem dúvida. Está tudo no envelope com informações. Avisem-me se precisarem de alguma coisa, de qualquer coisa.

Sorrio em agradecimento, reprimindo o súbito ressentimento, mas Ceci Gamble já se virou para partir, o rabo de cavalo brilhante balançando. Ela cumprimenta outra mãe que está ocupada descarregando a bagagem de uma caminhonete Mercedes com um adesivo da Choate, uma famosa escola da Nova Inglaterra, colado na traseira. Elas se cumprimentam animadas e se abraçam, sem dúvida antigas colegas da escola preparatória ou do clube de campo. Várias moças passam em grupos, todas conversando, o sol forte de outono fazendo brilhar os cabelos sedosos e lisos, enquanto sobem as escadas para o dormitório das calouras.

Por uma fração de segundo, Molly parece insegura, o lábio inferior macio e vulnerável. Ela passa a mão pelos cabelos. Os belos cachinhos em espiral vêm sendo o castigo de sua existência há anos, não importa o quanto suas amigas os cobicem. Molly sonha com cabelos lisos. Cabelos de escola particular preparatória. Cabelos da Costa Leste.

Ela é uma estranha aqui, depois de ter passado tantos anos tão perfeitamente adaptada à escola secundária, praticando uma variedade de esportes, ganhando competições de música, rindo ao telefone, sem nunca ter perdido um amigo ou um namorado. Molly agora parece perdida, insegura. Sua postura denuncia a hesitação, embora apenas eu consiga perceber. Vejo novamente a garotinha com medo de tirar as rodinhas de apoio da bicicleta, assustada para pular na piscina, receosa de recitar um poema para a classe, ou de encarar seu primeiro recital de piano, sem saber se quer experimentar ostras pela primeira vez.

Sempre fui eu quem a estimulou a enfrentar o medo e fazer as coisas de qualquer jeito. Dan tem a tendência a afastá-la do que a assusta. Agora me pergunto se ela percebeu esse constante empurra-empurra, essa nossa necessidade de ao mesmo tempo protegê-la e estimulá-la. Então me lembro da confiança de Molly nos esportes, na música, nos estudos. O prêmio por trabalhar tão duro é a autoconfiança que ela tem. Molly vai ficar bem.

Posso ver a determinação na inclinação de seu queixo. Entramos no prédio que já abrigou futuros cientistas, juristas, artistas e líderes mundiais. Seguimos as indicações que estavam no envelope e encontramos um quarto vazio, cheirando a desinfetante e com um ar de que havia ficado fechado durante todo o verão. Molly vai direto até a janela e abre-a toda.

A colega de quarto ainda não chegou. Kayla, da Filadélfia, não está em nenhum lugar à vista. O quarto árido tem duas tomadas para telefone e entrada para modem sem fio, duas escrivaninhas, um par de cômodas idênticas, prateleiras e as duas camas

requisitadas. Nós subimos e descemos as escadas gastas de concreto várias vezes, levando os pertences dela da caminhonete para o quarto.

– Quer ajuda para guardar as coisas?

– Não precisa. Eu mesma farei isso. Assim, saberei onde está tudo. – Assim ela deixa claro que não quer que eu me demore, que não quer que eu arrume as blusas em gavetas, que organize o material de escritório ou que preencha os formulários de registro com ela.

Molly abre a primeira caixa, onde estão as toalhas e os artigos de toalete. Então abre outra. Seu rosto parece tenso.

– Você se lembrou de trazer seu relógio com alarme? – A pergunta banal que fiz para distraí-la não funcionou. – Moll? – eu me arrisco a perguntar, sem querer pressioná-la. – O que houve?

Ela tira a luminária de cúpula verde da caixa.

– Está quebrada... Quando será que quebrou? Talvez tenha sido quando freei para não atingir aquele cervo...

– Mas pode ser consertada. Podemos encontrar uma loja e pedir para trocarmos a cúpula.

– Não preciso dela.

– Mas foi você quem insistiu para trazê-la.

– E eu estava errada. Processe-me! Jesus, não posso acreditar que você continua fazendo isso!

– Fazendo o quê?

– Isso. Não sei nem que nome dar. Você quer que eu fique aqui, que tenha a experiência completa da universidade, mas ao mesmo tempo não para de agir como se eu fosse desmoronar a qualquer segundo. Não precisa consertar tudo, mãe. Não precisa mais ser meu escudo humano. Não sou frágil assim. Juro que não vou quebrar. Não fique achando que precisa me proteger.

– É meu dever protegê-la.

– Bem, parabéns. Seu dever terminou. Agora você pode fazer alguma outra coisa.

A brisa que entra pela janela agita os cachos dela.

– Por que está tão irritada? – pergunto. Eu também estou ficando irritada.

– Está sempre tentando facilitar tudo para mim. É como se eu vivesse dentro de uma bolha artificial que você criou. É isso o que é irritante. Agora é minha vez, minha vida. Minha hora de fazer besteira e de arcar com as consequências disso.

– Sua vez de ter sucesso e de se deslumbrar.

– O que for. O importante é que é minha vez, mamãe. O que aconteceu com Travis, só para lembrá-la, foi decisão minha. Não foi sua, ou de papai, nem mesmo de Travis. Foi cem por cento minha decisão. Certa ou errada, ela me pertence, está certo?

– Está.

– Então pare de se preocupar.

Vejo-a perto das lágrimas, a expressão tensa na tentativa de reprimir o pânico.

Minha Molly está apavorada. Ela teme se sentir solitária, teme falhar, teme não estar à altura.

– Oh, Moll...

Ela arqueia os ombros.

– E se eu estragar tudo? E se desapontar você?

Finalmente, sei do que ela precisa. Talvez esse tenha sido o problema da última semana. Molly precisa se sentir livre das expectativas dos pais.

– Isso nunca vai acontecer.

Com um ar decidido, ela joga a luminária no lixo. Então me encara por um longo tempo, o olhar penetrante. Tento sorrir para acalmá-la, mas Molly não retribui o sorriso. Em vez disso, diz:

– Estou preocupada com você, mamãe.

Essa é a última coisa que eu esperava que me dissesse.

– Preocupar-se é um trabalho meu, não seu.

– Não, estou falando sério. Tivemos nossos problemas, mas você sabe que acho incrível. O que me preocupa é o que você vai fazer



agora que não estarei mais em casa.

– Não seja boba. Vou fazer o que sempre fiz.

– O que você sempre fez foi ser minha mãe. Precisa descobrir algo para fazer agora.

– Não há nada que eu precise descobrir – digo para tranquilizá-la.

– Tenho uma vida plena, ótimos amigos e um marido amoroso. Nunca me defini apenas como mãe e nada mais. Tenho outros papéis na vida.

– É mesmo? Como o quê?

– Muitos outros. Só preciso decidir que papéis quero assumir. Venho pensando em fazer mais trabalho voluntário.

Molly obviamente percebe minha falta de entusiasmo.

– Você deveria fazer alguma coisa que ama.

*O que eu amo fazer é ser sua mãe.* Mordo a língua. Não posso colocar esse peso nas costas dela. Cerro o maxilar até sentir os dentes doerem, pego o relógio de cabeceira e acerto-o na hora local.

Logo, nós duas estaremos vivendo em fusos horários diferentes.

– Mamãe, você não costumava dizer que queria ter um diploma?

– Sim, mas deixei isso de lado quando...

– Você adiou – provoca Molly.

– Eu estava tão ocupada com tantas coisas, simplesmente não era prático. Agora não é mais importante.

– Tem certeza? Quando foi a última vez que pensou a respeito?

– Veja, tive uma ideia. Eu poderia tirar meu diploma nesta universidade, enquanto você está aqui. Poderíamos até alugar um apartamento...

– Muito engraçada. – Vejo o pânico no rosto de Molly; sem dúvida, ela percebeu que é apenas metade brincadeira. – Afinal, o que a impede agora?

– Não sei bem. Falta de ambição, talvez. – Mas há uma coisa que quero fazer, algo em que acabo de começar a acreditar. – Seu pai gostou da possibilidade de eu comprar a Pins & Needles.

– É claro que ele gostou. É perfeito, você está brincando? Você pode fazer qualquer coisa que quiser, mamãe. Adoro imaginá-la à frente da loja de tecidos. Adoro. Espero que faça isso.

O medo e a insegurança se transformam em outra coisa. Esperança. Empolgação.

Ela tira de uma caixa uma pequena pilha de fotos emolduradas e relanceia o olhar para uma foto do pai com Hoover.

– Sei que ele gostaria de poder estar aqui – digo a ela.

– Não, ele não gostaria. Você acha que não sei por que papai não veio? – Molly parece incrédula. – Acha que ele ficou em casa porque não se importa? Ele é meu pai. Não veio pela mesma razão que não foi ao veterinário na primavera passada, quando Hoover ficou doente. Não é por fraqueza ou porque não se importa, e sim porque se importa demais.

– Você conhece bem seu pai.

– Não é preciso um diploma universitário para entender o papai. – Ela apoia a foto em uma prateleira no quarto e seu olhar se demora nela. – Olhe para o que você está voltando, mamãe. Como pode não estar feliz?

A tensão em meu peito dá lugar a uma onda de leveza. Sou casada com um homem com um grande coração. Minha filha e eu sabemos disso.

– ONDE VOCÊ vai comer esta noite? – Estou folheando a apostila de orientação aos novatos. – O refeitório dos calouros é no Memorial Hall...

– Não se preocupe, mamãe. Não vou passar fome. Ainda estou com o estômago cheio do almoço. Devo comer só uma barra de cereal e tomar um suco.

– Você deveria ir até o refeitório, mesmo que não esteja com fome. – Logo mordo a língua. Preciso parar com essa mania de dizer “você deveria”.

Pego o quilt, que dobrei cuidadosamente e amarrei com uma fita nas cores da escola secundária de Molly.

– Quero que fique com isto, como uma lembrança de casa. Mas não está terminado – acrescento. – Há muito mais que eu queria colocar nele.

– Está ótimo. – Ela desamarra a fita e abre o quilt sobre a cama.

A luz do sol ilumina a colcha de retalhos maluca, os bordados em espiral com mensagens ocultas.

– Não está terminado – volto a dizer, sentindo uma onda de pânico totalmente desproporcional à situação. – Achei que conseguiria terminá-lo durante a viagem, e agora estamos aqui e ainda não está terminado.

– Está lindo, mamãe. Adorei.

– Ainda tenho de...

– Não, você não tem.

– Talvez você possa levá-lo para casa nas férias de Natal, e eu trabalharei um pouco mais nele.

– Mamãe, você pode parar?

O tom áspero dela me traz de volta à realidade. Ouvimos um tumulto no corredor do dormitório, e então alguém grita:

– Precisamos de alguém da limpeza na ala um! Acabo de deixar cair suco de framboesa por toda parte.

Mais barulho e risadas.

Devagar e com muito cuidado, as mãos acariciando o tecido, Molly dobra o quilt ao meio e volta a dobrar. E dobra de novo, revelando a base macia e desbotada. Ela dá um laço perfeito com a fita colorida.

– Escute, mamãe, não fique aborrecida com o que eu vou dizer, está bem? Mas isto não pertence a este lugar, a este quarto de dormitório.

– O quê?

– Quero dizer que agradeço muito, mas isto é um quarto de um dormitório. E o quilt é uma obra de arte única, maravilhosa. Não quero que ele se estrague. Não quero que seja usado para secar

cerveja derramada, ou o que for. Não que eu fosse fazer isso, mas quem sabe sobre os outros?

– Você deve ficar com ele, Moll. Veja, todos os tecidos são de coisas que têm a ver com você, coisas que guardei por anos. É uma lembrança, um retrato de sua vida até aqui.

– Eu entendo, mamãe. Acredite em mim, eu entendo. E é por isso que amo o quilt. Amo você por tê-lo feito. Esse quilt é incrível. – Ela respira fundo e me olha com uma sabedoria que nunca imaginei que possuísse. – Mas não é a minha história, mamãe. É a sua.

A clareza e a sabedoria das palavras dela preenchem meu coração. Molly conseguiu olhar para a situação de fora e percebeu o que eu jamais havia percebido. Estava tão focada em cada pequeno ponto e detalhe que não me dei conta do que criava. Que ideia tola imaginar que eu poderia costurar algum tipo de colcha de retalhos ilustrando a vida de Molly até aqui. É arrogante, também, presumir que posso contar a história dela. Porque, como a própria Molly disse, o quilt não ilustra a história dela, e sim a minha. A melhor parte da minha.

– O que quer que eu faça com ele? – pergunto.

– Simplesmente não o deixe aqui, onde vai correr o risco de rasgar, sujar ou se perder. Guarde para você e papai... não sei. Mamãe, ele é tão lindo! Não pertence a este lugar. E você sabe que estou certa. – Molly me entrega o quilt dobrado, segurando-o com reverência e respeito. – Você decide.

Hesito, então pego o quilt das mãos dela, segurando-o contra o corpo, certa de que meu coração está costurado em cada retalho, em cada centímetro da peça. Cada pedaço de tecido usado é a lembrança de um momento querido. Durante todo o tempo, pensei que elas tinham a ver com Molly, mas no fim vejo que têm a ver comigo, com a mãe que eu fui, com os momentos de que me lembro, com as esperanças e os sonhos em meu coração.

Mas levá-lo de volta para casa? O que eu faria com ele lá? O quilt terminará no velho baú de cedro, abafado e esquecido. Para mim, a

alegria do quilt está em sua criação, não em *tê-lo*. Mas isso não significa que Molly é obrigada a arrastá-lo por aí.

A última coisa de que ela precisa é do fardo sufocante dessa colcha que costurei, coberta de mensagens do passado. Molly quer criar a própria história, de seu próprio jeito, sua própria tela em branco.

Essa é a filha que eu criei.

## ***Capítulo Catorze***

---

– ENTÃO... – ENFIO minhas mãos nos bolsos traseiros de meu jeans. – Acho que é melhor pegar a estrada.

Sinto um súbito alarme no olhar de Molly. Agora é real para ela. Estou partindo, e ela logo estará por conta própria. Mas Molly controla visivelmente o medo, refreia o pânico com uma resolução ferrenha, e o esforço é visível em sua postura e nos maxilares cerrados.

– Está certo – ela fala, por fim. – Vou acompanhá-la até lá embaixo.

Eu me viro para dar uma última olhada no lugar que será a casa dela pelo próximo ano. O quarto não está pronto. A arrumação da mobília não é a ideal. A estante de livros está muito próxima do radiador, e não há tomadas suficientes. Quero, com todas as fibras de meu ser, ficar aqui e ajeitar as coisas, fazer alguns ajustes, algumas melhorias. Mas me forço a me afastar.

O corredor cheira a alvejante e a tinta fresca. Alguém está tentando limpar tinta do chão. Outros pais e seus filhos passam por

nós, alguns em um silêncio pesado, outros tagarelando excitados, alguns poucos discutindo baixinho.

– Você não vai se desmanchar em lágrimas depois, não é, mamãe? – pergunta Molly.

– Sim. Acho que vou fazer isso, sim.

Molly parece surpresa. Ela está acostumada a ser protegida, a ter os problemas minimizados por mim para que não a perturbem demais. Mas, como a própria Molly alegou mais cedo, ela agora é uma adulta, com idade bastante para saber que sua mãe não é infalível. E deixou claro que não precisa que eu interfira em sua vida a toda hora.

– Olhe lá. – Ela mostra, apoiando as mãos no parapeito da janela.

– Acho que ali é o ponto de encontro para os grupos de orientação. É coisa de nerd, mas acho que quero ir.

Nós saímos para o sol da tarde. Sinto uma onda de ternura envolver meu coração e mal consigo conter o rio de lágrimas que aperta meu peito, pronto para ser derramado.

– Se você chorar – avisa Molly –, eu também chorarei.

– Então nós duas vamos chorar.

E é o que fazemos. Mas logo recuperamos o controle, enquanto olhamos a longa fila de carros partindo.

– Tenho aquela reunião de orientação – diz ela, secando os olhos com a manga da blusa.

– E eu também preciso ir. Talvez consiga escapar do trânsito na saída da cidade.

– Naquele kit de informações há a sugestão de alguns lugares para se hospedar, mamãe. Quero dizer, se você não estiver disposta a dirigir muito hoje...

– Estou ansiosa para encontrar logo seu pai e Hoover – digo a ela.

O que não lhe digo é que não vou conseguir suportar uma noite no Colonial Inn, com suas luminárias de plástico idiotas no formato de chapéus de três bicos, sabendo que Molly está tão perto dali. A tentação de vir conferir como ela está seria grande demais e

prolongaria a dor da separação. Planejo dirigir por uns 300 quilômetros, tomar um longo banho de banheira no hotel e então telefonar para Molly de uma distância segura.

A brisa que sopra sem dúvida tem cheiro de outono. Algumas folhas amarelas flutuam no ar com uma graça preguiçosa. Alunos e estátuas enchem os gramados amplos, antigos, plantados séculos antes por idealistas que gostavam de ordem e harmonia.

O gramado é cortado por calçadas cobertas por folhas recém-caídas. Rapazes altos estão deitados nele com as cabeças apoiadas em mochilas muito cheias, os narizes enfiados em livros com orelhas. Garotas com suéteres jogados sobre os ombros sentam-se de pernas cruzadas em grupos pequenos, conversando, animadas.

Acima e abaixo na rua, o som dominante é o de portas de carro batendo e de despedidas.

Molly e eu caminhamos até a caminhonete, que agora está vazia como um acampamento abandonado. Minha mala solitária se encontra no porta-malas, com a bolsa de compras cheia de roupas novas. Coloco o quilt de volta na bolsa em que veio e a apoio junto da sacola brilhante da loja de departamentos. No fim das contas, parece que o quilt vai voltar para casa comigo. Talvez eu o termine neste outono.

– Então, está certo – diz Molly, insegura. Ela desvia o olhar para os lados e não me encara. – Obrigada por me trazer até aqui, mamãe. Obrigada por tudo.

– Por nada, meu amor. Prometa que vai me ligar se precisar de alguma coisa, de qualquer coisa. Meu telefone estará ligado o tempo todo. – Toco o braço dela, sentindo sua forma sob meus dedos. Então desisto de fingir que estou tranquila. Não adianta tentar minimizar esse momento. – Oh, filha. Vou sentir tanta saudade de você!

– Eu também, mamãe.

Tudo o que preciso dizer parece apertar minha garganta: 18 anos de conselhos, orientações, avisos, ensinamentos. E acabo



engasgada. É coisa demais... e não é o bastante. Será que me esqueci de algo importante? Será que a ensinei como lavar as roupas e como manter o talão de cheques organizado? Ou a escrever bilhetes de agradecimento à mão? Ou a desligar a cafeteira quando terminar de fazer café? Eu a ensinei a se defender de homens inconvenientes e a contestar uma nota injusta em alguma prova? E a se olhar no espelho e gostar do que vê?

Há tanto a dizer. Então não digo nada. Houve um tempo em que 18 anos pareciam uma eternidade, ou ao menos tempo suficiente para cobrir qualquer assunto possível... mas eu estava errada a esse respeito. Agora só posso torcer para que Dan e eu a tenhamos equipado para fazer as escolhas certas.

Fico surpresa por sentir alguma coisa nova. Não quero dar mais nenhum conselho, nem fazer nenhum comentário. Quero que a vida aconteça para Molly com todas as suas dores, alegrias e riquezas, revelando-se momento a momento, sem filtros ou intervenções maternas. Sou dominada por uma sensação inesperada de fato consumado. As coisas que Molly sabe vão sustentá-la e mantê-la segura, esteja eu presente ou não. Finalmente estou começando a acreditar nisso.

Quero que Molly seja ela mesma. É isso o que deve fazer. Essa é a progressão natural das coisas. Dan e eu lhe demos tudo o que podíamos dar. Agora está na hora de ela voar, de encontrar o próprio lugar no mundo. Penso em todas as coisas que minha filha está prestes a experimentar. Coisas que vão deixá-la feliz e outras que vão partir seu coração. Experiências que vão fazê-la rir, chorar, exultar, ficar com raiva. Gostaria de poder protegê-la das partes mais duras, mas sei que não posso. E, para dizer a verdade, não devo.

A essência da vida é a jornada, mas sem a interferência de um pai ou de uma mãe superprotetores. Há uma riqueza na vida que Molly vai encontrar até mesmo na mais profunda dor. Ela tem um lindo futuro a sua frente. Ficar por perto, interferindo e tentando protegê-la, irá roubar de minha filha uma experiência que ela precisa viver

sozinha. Não quero ficar em seu caminho. Viver conforme a vida vai se apresentando é algo incrível demais para que eu a impeça de experimentar.

Molly sabe que sempre estaremos presentes, disponíveis para ela. Nossas vidas estão entrelaçadas para sempre. E, sim, ela vai sofrer com um coração partido, vai ser obrigada a encarar desapontamentos, vai tomar decisões erradas... enfim, fará tudo o que nós, seres humanos, fazemos, e sobreviverá. Ela é inteligente, tem o coração generoso e é bem mais esperta do que imagino, embora ao longo dessa nossa viagem eu tenha tido relances disso.

– Você vai ficar muito bem – digo, por fim. – Estou tão, tão feliz por você... – E estou mesmo, mas nunca poderia imaginar que a felicidade pudesse doer tanto.

E é isso. Finalmente. É nosso adeus. De repente, já não me importo mais com todas as pessoas ao redor, pessoas que vão ser amigas e vizinhas de Molly nos próximos quatro anos. Pego o rosto de minha filha entre as mãos e olho bem dentro desses olhos que conheço tão bem, dentro de uma alma que é tão cintilante e clara quanto o céu de setembro.

Ela vai decolar, tenho certeza. Muito mais alto do que eu ou ela podemos sequer imaginar.

– Adeus, Molly – digo. – Adeus, minha menina preciosa.

Ela sorri, mas seu queixo treme.

– Tchau, mamãe.

Beijo seu rosto macio e nos abraçamos com força, um abraço que tem o cheiro melancólico do outono que chega e do xampu de frutas que ela usa.

– Você é de ouro. – Então sussurro no ouvido de minha filha parte da letra de uma de suas músicas favoritas: – “Você é meu raio de sol.”

Nós nos afastamos sorrindo, os olhos brilhando.

– Ligo para você esta noite, está bem?

– Isso seria ótimo, mamãe.

Mais um beijo. Aperto com carinho a mão dela. E com uma lentidão deliberada subo na caminhonete e baixo o vidro da janela. Damo-nos as mãos novamente enquanto ligo o motor. Então engato a marcha, e o carro começa a se mover. Nossas mãos continuam presas por um instante, e aí se soltam.

Pelo espelho retrovisor vejo Molly parada na calçada, tão esguia e graciosa quanto as árvores no pátio da antiga universidade. Folhas douradas se erguem no ar com uma rajada de brisa e giram em torno de sua forma solitária. Minha filha fica parada muito quieta, e assim que a caminhonete começa a fazer a curva para entrar na avenida movimentada ela ergue a mão e acena.

Aperto a buzina para indicar que vi o aceno e solto o ar que nem reparei que estava prendendo.

Ligo o mp3 em uma seleção de músicas tranquilas. A primeira é um clássico do tempo em que eu namorava Dan. Enquanto a música toca, pego a direção da interestadual, as lágrimas ainda escapando e molhando a gola de meu moletom. Flexiono as mãos no volante e ergo o queixo. E daí se estou chorando? Sou mãe e choro o quanto quiser.

O trânsito flui como um líquido viscoso, sem me exigir muito esforço, apenas me carregando lentamente para longe da cidade, como se o carro fosse uma folha levada pela corrente de um rio.

À medida que a cidade vai se afastando atrás de mim, imagino Molly em seu quarto recém-pintado no dormitório, arrumando suas coisas, colocando lençóis novos na cama com cabeceira de metal, espalhando fotos dos amigos, da família, do cachorro, de Travis, organizando livros e o material de estudo, ligando o computador, organizando tudo. Em algum momento ela vai descobrir a caixa que enchi com suas guloseimas favoritas: pipoca de micro-ondas, barras de granola, as balas de que ela mais gosta, biscoitos de nozes, sucos em lata, chiclete sabor canela. Dentro da caixa, Molly também encontrará um bilhete familiar escrito em um guardanapo de papel: o desenho de uma mãe sorrindo, com rabiscos no lugar dos cabelos,

e uma mensagem que vai fazê-la recordar todos os lanches que preparei para ela na infância: "Eu ♥ você. Com amor, mamãe."

Penso em ligar para Dan, e farei isso, mas não agora. Esse momento é duro demais, mas é só meu. O triunfo agridoce, a tristeza, a esperança. Nesse ponto da jornada, não haverá nenhum desvio ou belos cenários. Estou voltando para casa.

Para casa e para Dan, que disse que mal pode esperar para me ver. Para casa e para uma vida que está aberta como as páginas de um livro ainda a ser lido. *Uau!*

A oeste, perto da saída da cidade, passo pelo conjunto de lojas no mesmo subúrbio por que passamos ontem e me lembro do salão Crowning Glory, da padaria Sweet Dreams e seus aromas deliciosos, da instituição de caridade chamada New Beginnings. A instituição de caridade já está fechada, mas há uma caixa de metal grande na frente, para doações. Sob o endereço do site deles está o slogan: "Recebe mulheres e crianças necessitadas."

Em um impulso, paro no estacionamento, dou a volta até a traseira do carro e abro o porta-malas. Recordo-me da observação de Molly: "Isso tem a ver com *sua* vida, mamãe."

Fico parada ali por um minuto, pensando sobre a mulher que venho sendo nos últimos 18 anos e imaginando como serei pelos próximos 18. É um pouco assustador pensar nisso, mas também é empolgante.

Quando pego a bolsa, minha determinação vacila. Então penso: vá em frente! O verdadeiro significado da palavra caridade é dar livremente, sem amarras. Preciso fazer isso e preciso acreditar que minha doação encontrará seu lugar no mundo, que fará o que deve fazer.

Assim, coloco a bolsa na abertura da caixa, e preciso amassar um pouco seu conteúdo para que passe, centímetro por centímetro, pela abertura estreita. A princípio me preocupo com a possibilidade de não passar, e empurro com mais força. Então a última parte desliza com mais facilidade e desaparece.

Sob a abertura estão escritas as palavras: "Obrigada por sua doação."

Volto para o carro ainda ligado. Experimento uma sensação interessante se espalhar em meu íntimo, um vazio, uma leveza que me lembra mais uma vez as folhas que se erguem com o vento do outono.

Paro em um último sinal vermelho antes de subir a rampa para entrar na interestadual, e o reflexo do sol da tarde atinge meus olhos. Os dias de verão estão ficando mais curtos. O ano já vai ficando velho.

Baixo o quebra-sol, e uma folha de papel cai em meu colo. Quando a pego e desdobro, vejo um sorrisinho desenhado com cachinhos no lugar dos cabelos e um bilhete que diz: "Eu ♥ você. Com amor, Molly."

## ***Epílogo***

---

A LOJA chamada Pins & Needles parece estar do mesmo jeito que sempre esteve desde a sua fundação, décadas atrás. A fachada de tijolos e concreto cintila sob a luz da noite, as janelas emolduradas por rolos de tecido. As festas de fim de ano já passaram, e o inverno segue a pleno vapor. O ar está doce e seco com a claridade peculiar desta época do ano. A loja ficou aberta até tarde, mas não há negócios sendo feitos lá dentro.

Na vitrine, há uma placa escrita à mão que diz: “Festa de aposentadoria. Venha comemorar conosco.”

Estou parada no balcão, e me sinto como se também cintilasse, tamanhas são minha alegria e realização. A meu redor estão minhas clientes, as mulheres que frequentam a loja, conversando, compartilhando um pouco de suas vidas. Elas trouxeram travessas de biscoitos e uma tigela de cristal cheia de ponche. Minerva, agora em uma cadeira de rodas, sorri feliz para mim.

– É um bom momento para seguir em frente, não é?

– Mal posso acreditar que já se passaram 25 anos – diz minha melhor amiga, Erin, me dando um abraço. – Feliz aposentadoria,

Linda.

Às vezes também custo a acreditar. Tantos anos atrás, enquanto lutava comigo mesma, depois de deixar Molly na universidade, a resposta estava bem a minha frente. Eu não precisava de uma sacola de compras cheia de roupas novas e lindas para descobrir minha nova vida. Elas tiveram melhor uso ajudando outra pessoa a ter um novo começo. Doar as roupas novas para o abrigo de mulheres foi a coisa certa a fazer. Dan me ama como sou. As mulheres da Pin & Needles, também. Eu só precisava ser a pessoa que sempre fui, uma esposa, amiga e vizinha, uma artesã da agulha, uma amadora.

A prova está aqui, agora, bem diante de mim: uma loja aconchegante, cheia de mulheres que passei a conhecer como irmãs, ao longo dos anos. Minerva, que acaba de comemorar seu 90º aniversário, tem sido a minha mentora. A festa na loja continua, e logo chegam Molly, o marido e os três filhos, e de repente meus braços estão cheios de netos. A doçura desse momento faz meu coração inchar de alegria. Dan chega mais perto, rindo por ser minoria no meio de tantas mulheres. Ele está tão bonito e forte quanto no dia em que o conheci, cerca de 50 anos atrás, e a idade o favorece como uma bela pátina do tempo. Dan ergue uma taça com ponche em minha direção.

– Eu sabia que você conseguiria fazer isso dar certo, mas agora mal posso esperar para tê-la só para mim. – Ele ainda é um homem de poucas palavras e, depois disso, se afasta com nosso genro para procurar alguma coisa para comer e para fugir da tagarelice das mulheres.

Depois que Molly partiu para a universidade, senti uma saudade imensa dela, mas minha vida tomou um novo rumo e se ampliou para novos caminhos. Descobri um sonho só meu e fui atrás dele. Ser dona da loja de quilt não me tornou uma mulher rica, não no sentido financeiro. Mas enriqueceu minha vida de maneiras inimagináveis, e vejo isso claramente agora, olhando ao redor para

os rostos de minha família, de meus amigos, de clientes, de pessoas que me querem bem. As grandes mudanças não podem ser vistas, apenas sentidas.

Molly me dá um abraço e se afasta com os olhos brilhando.

– Feliz aposentadoria, mamãe. Estou muito orgulhosa de você.

As palavras dela me iluminam como um raio de sol, como sempre. Nós nos viramos juntas para olhar para a vitrine atrás do balcão, onde está o quilt que fiz para Molly tantos anos atrás. Ela estava certa naquela época, *era* minha história, e não estava terminada.

Família. História. Amor e perda. Toquei cada centímetro desse tecido. Ele absorveu meu cheiro e as essências invisíveis de minha pele, o cheiro de nossa casa, uma ocasional gota de sangue e, às vezes, minhas lágrimas. Acrescentei coisas ao quilt durante os anos, ele é uma lembrança sempre em expansão de nossos dias em família. Agora também fazem parte dele um retalho do vestido de formatura de Molly na faculdade e uma fita da mesa decorada para seu casamento. Há um pedaço do tecido do uniforme de trabalho que meu marido usava antes de se aposentar, e pequenas e preciosas lembranças de meus netos. Um sininho prateado é a marca de nossas bodas de prata. Já estou imaginando qual será a lembrança que vou acrescentar por conta de nossas bodas de ouro. Tento não planejar muito à frente. Por que roubar da vida as surpresas que ela gosta de nos fazer?

Vou levar o quilt para casa comigo esta noite, e sem dúvida novas lembranças serão acrescentadas a seu desenho. A vida me ensinou a não ter medo de começar algo novo.

Como se diz adeus a um pedaço de seu coração? Não é preciso fazer isso. Sempre há um modo de manter perto de nós as coisas que nos são mais preciosas.



# ***Agradecimentos***

---

TENHO MUITA sorte por estar em uma editora que me permite colocar meu coração no papel. Agradeço muito a minha editora e grande amiga, Margaret O’Neill Marbury, e a todos da MIRA Books. Como sempre, devo muito a Meg Ruley, Annelise Robey e seus associados na Jane Rotrosen Agency. Sua sabedoria, paciência e amizade significam muito para mim.

Para minhas companheiras escritoras – Anjali Banerjee, Kate Breslin, Carol Cassella, Sheila Roberts e Suzanne Selfors –, muito obrigada por lerem tantos rascunhos e por me ajudarem a costurar este patchwork de emoções.

Meus agradecimentos à mestra artesã Marybeth O’Halloran pelas dicas e opiniões sobre seu mundo colorido – qualquer liberdade tomada ou erros cometidos neste texto são de minha inteira responsabilidade. Um agradecimento muito especial a Joan Vassiliadis, por criar o Quilt da Despedida original e por compartilhar seu talento nas páginas deste livro.

# **A RECEITA DO QUILT DA DESPEDIDA**

*Por Joan Vassiliadis*

[www.joanofcards.blogspot.com](http://www.joanofcards.blogspot.com)

O tamanho final é de aproximadamente 1,15m x 1,40m

Instruções baseadas em tecidos de 1,5m de largura

Todas as margens de costura são de 0,7mm

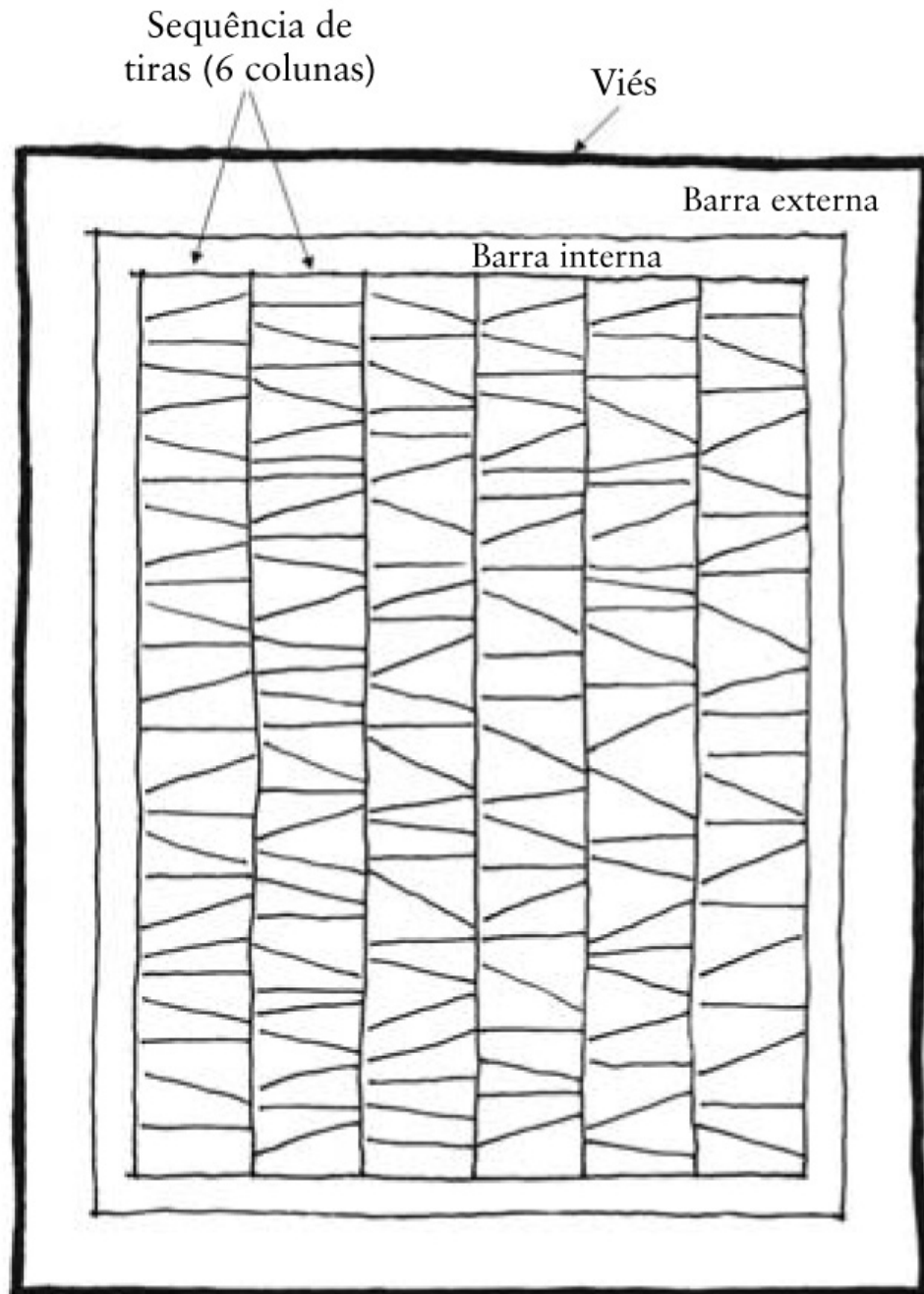


Figura 1

### *Material necessário*

Junte retalhos de tecidos 100% algodão que tenham um significado especial para você. Não tenha medo de cortar coisas antigas. Você

irá aproveitá-las muito mais em um quilt que será visto e tocado todos os dias. Certifique-se de que seus retalhos têm no mínimo 18cm de largura em um total aproximado de 2,30m. Barra interna ou entremeio: 45cm de cor neutra para emoldurar a sequência de tiras. Barra externa ou borda: 58cm. Forro: 3,10m. Viés: 45cm.

### *Instruções de corte*

Corte aproximadamente 220 tiras de 18cm de comprimento, a largura pode variar entre 2,5cm e 7,5cm. Barra interna: corte quatro tiras transversais (de ourela a ourela) de 6,3cm. Barra externa: corte quatro tiras transversais de 10cm de largura. Viés: corte tiras de 6,3cm para o perímetro total de seu quilt terminado.

### *Instruções de costura*

Coloque uma música para tocar enquanto trabalha e cante junto, enquanto relembra por que cada peça de tecido é especial para você. Comece montando as tiras em pares, depois juntando quatro e assim por diante. Coloque cores escuras perto das claras se possível, mas não se preocupe se tiver mais cores escuras do que claras, ou vice-versa. Seja muito cuidadosa ao alfinetar e passar a ferro. Sempre que possível, passe a ferro na direção do tecido escuro. Monte seis sequências de no mínimo 1,10m de comprimento. As bordas estarão irregulares, por isso corte cada sequência com 15cm de largura (ver Figura 2). Costure as seis sequências de tiras juntas e passe a ferro. Corte as pontas para que fiquem todas iguais, e você está pronta para as barras.

Para a barra interna, meça o comprimento de seu quilt primeiro e monte duas tiras 6,3cm mais largas do que seu comprimento. Costure os lados do quilt e passe a ferro. A seguir, meça a largura do seu quilt. Monte duas tiras 6,3cm mais largas do que essa medida.

Costure-as à parte de cima e à parte de baixo do quilt e passe a ferro.

Agora para a barra externa: meça os lados do seu quilt e monte duas faixas 10cm mais largas do que seu comprimento. A seguir, meça a largura do seu quilt. Monte duas faixas 10cm mais largas do que essa medida. Costure o tampo e o fundo do quilt e passe a ferro. Seu tampo agora está completo! Pense em todas as lembranças costuradas nesse quilt... lembre-se dos momentos mais doces da vida.

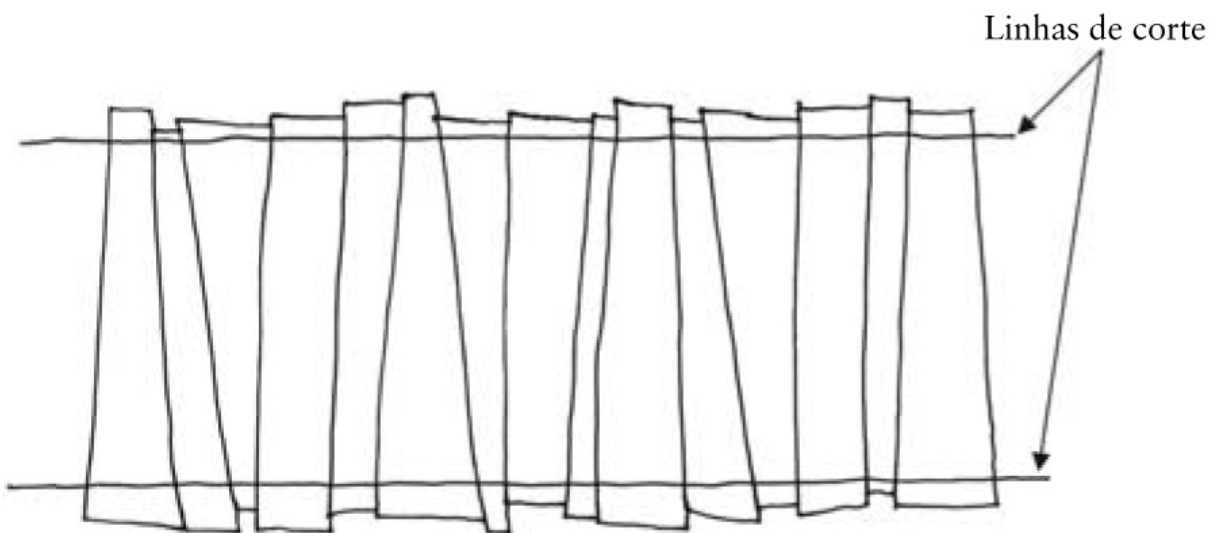


Figura 2

### *Finalizando o quilt*

Linda fez seu quilt enquanto viajava de carro com Molly. Você pode terminar o seu no carro, ou sentada em uma poltrona confortável, ou ainda com suas amigas artesãs à mesa da sala de jantar... de qualquer jeito e em qualquer lugar que quiser! Se preferir, poderá enfeitar seu quilt com mais lembranças: botões, fitas, distintivos. Pense na frequência com que seu quilt será lavado e se seus enfeites vão durar. Se quiser fazer de seu quilt uma obra de arte,

então pode incorporar nele quase qualquer coisa. Depois que terminar os bordados, meça o perímetro e costure alças ou mangas no tamanho da medida total. Pendure-o.

**Se você gostou desse livro, leia também outros livros de  
Susan Wiggs!**

*Apenas respire*

*Verão no lago*

*Pousada de inverno*

*O cais*

*Neve no lago*

*Jogo da vida*

*Canção de amor*

*Refúgio de verão*

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Wiggs, Susan

W653c A colcha de despedida [recurso eletrônico] / Susan Wiggs; tradução Ana Rodrigues. — 1. ed. — Rio de Janeiro: Harlequin, 2013.

Recurso digital

Tradução de: The goodbye quilt

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-398-0869-4 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Araripe, Maurício. II. Título.

13-  
00478

CDD: 813  
CDU: 821.111(73)-3

PUBLICADO SOB ACORDO COM HARLEQUIN ENTERPRISES II B.V./S.à.r.l.

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência.

Título original norte-americano:  
THE GOODBYE QUILT

Copyright © 2011 by Susan Wiggs  
Copyright da tradução © 2012 by EDITORA HR LTDA.

Arquivo ePub produzido pela Ranna Studio

Revisão técnica: Maria Fernanda Camardelli (presidente da Associação Brasileira de Patchworke Quilt – [www.abpq.com.br](http://www.abpq.com.br))

Editora HR Ltda.  
Rua Argentina, 171, 4º andar  
São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ – 20921-380

Contato:  
[virginia.rivera@harlequinbooks.com.br](mailto:virginia.rivera@harlequinbooks.com.br)



Capa

Teaser

Sobre a autora

Rosto

### **Primeiro dia**

Capítulo um

Capítulo dois

### **Segundo dia**

Capítulo três

Capítulo quatro

### **Terceiro dia**

Capítulo cinco

### **Quarto dia**

Capítulo seis

### **Quinto dia**

Capítulo sete

Capítulo oito

Capítulo nove

### **Sexto dia**

Capítulo dez

Capítulo onze

Capítulo doze

### **Sétimo dia**

Capítulo treze

Capítulo catorze

Epílogo

Agradecimentos

A receita de Quilt da despedida

Outros livros

Créditos